

BOLETIM CULTURAL DE ESPOSENDE

N.º 20



1998

7,50€

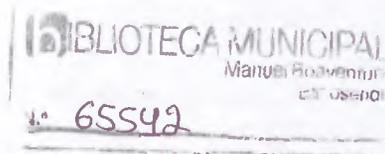
BOLETIM CULTURAL
DE ESPOSENDE

BOLETIM CULTURAL
DE
ESPOSENDE

Publicação Semestral

N.º 20

1998



Ficha Técnica

Director: Manuel Albino Penteado Neiva

Comissão Redactorial: Carlos A. Brochado de Almeida
Rui M. Cavalheiro da Cunha
Maria Luísa Leite Silva
Ivone Baptista Magalhães

Coordenação: Rui M. Cavalheiro da Cunha

Título: Boletim Cultural de Esposende, N.º 20

Edição: Câmara Municipal de Esposende

Tiragem: 750 exemplares

Paginação, Impressão e Acabamentos: Gráfica Foz do Neiva

Depósito Legal: 19971/88

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Toda a colaboração é solicitada.

O Boletim Cultural de esposende aceita permutas e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

Povoamento Romano do Litoral Minhoto

entre

o Cávado e o Minho

— Esposende —

Carlos A. Brochado de Almeida

Este inventário arqueológico corresponde ao Volume IV da Tese de
Doutoramento, defendida pelo autor na Faculdade de Letras da Universidade
do Porto, em 22 de Outubro de 1997

Sumário

Introdução.....	7
Inventário Arqueológico.....	13
Catálogo do Sector M1.....	11
Estampas.....	143
Índices.....	171

Introdução

O concelho de Esposende é constituído por 15 freguesias das quais Forjães, Apúlia e Fão têm a categoria de vila e de cidade a sede do concelho. Abarca uma área de 95,18Km², situação que faz dele, depois de Amares, o segundo concelho mais pequeno do distrito de Braga, mas também aquele que apresenta a maior densidade populacional (334 hab./Km²) de toda a província do Minho. Como vizinhos estão os concelhos de Barcelos, de Viana do Castelo e da Póvoa de Varzim, estes dois últimos a pertencerem, respectivamente, aos distritos de Viana do Castelo e do Porto.

A proximidade do mar contribuiu para que tenha um elevado índice de litoralidade. Aliás a sua morfologia permite distinguir, pelo menos, duas zonas de características bem distintas. Uma abrangendo a zona costeira, área de várzea ou veiga, que se estende dos rios Neiva ao Cávado, mas a Sul deste rio inflectindo bastante para o interior. É uma área plana, onde despontam alguns relevos cobertos de pinheiros. As suas cotas variam entre os 0m e os 50m, rondando os 12 metros a altitude média.

A segunda encontra-se a Nascente da arriba que corre paralelamente à costa. É nesta zona que se encontram alguns dos pontos mais altos do concelho: 181 metros no Monte Faro e 232 metros no pico de Sanfins (S. Bartolomeu do Mar). As cotas oscilam entre 40 e 284m, sendo a altitude média de 80 metros. O ponto mais elevado do concelho está no Alto da Maceira, em pleno planalto de Vila Chã. É nesta região de interior que se encontram os terrenos mais ondulados, frequentemente dispostos em socalcos, sustidos ou não por muros de suporte. É nas freguesias de Antas, Forjães, Curvos e Palmeira de Faro que se encontram os vales mais abertos ou mais encaixados, as encostas e as pequenas elevações com formas a tenderem para o arredondado.

Em termos geológicos podem-se definir seis unidades relativamente distintas.

As formações modernas ocupam cerca de 18% da área total e distribuem-se pela orla litoral e pelas margens dos principais cursos de água. A sua principal incidência está nas freguesias de Antas (S. Paio) e Belinho, mas sobretudo a Sul do Cávado já que comporta largas parcelas das vilas de Fão e Apúlia. A costa litoral e as margens dos rios são formadas por areias e cascalheiras de praia e de rio e as areias dunares, estas a sofrerem forte pressão erosiva ao longo da costa, situação que em parte contribuiu para a criação da APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende) pelo Dec-Lei 357/87, de 17 de Novembro.

Depósitos de praias antigas e de terraços fluviais constituídos por areias e calhaus rolados, encontram-se bem documentados no concelho, constituindo uma boa parte do solo da orla costeira, sobretudo a Sul do ribeiro de Peralta, território onde se encontram largas parcelas das freguesias de Marinhas, Esposende e Gandra. Na parte Sul do concelho,

isto é, transposto o rio Cávado, o silúrico e o complexo xisto-grauváquico repartem uma boa parte dos solos que formam a freguesia de Fonte Boa e a parte oriental da vila de Apúlia.

O silúrico está sobretudo presente na freguesia de Gandra e na parte Sul do concelho, onde disputa ao plio-pleistocénico, a primazia dos solos. Em boa parte estas formações estão cobertas por areias das dunas e de depósitos de praias quaternárias. É, igualmente, na zona meridional que se encontram as principais formações xisto-grauváquicas. Pequenas manchas destas rochas também as há ao longo das praias de Belinho e de S. Paio de Antas.

A maior fatia, cerca de metade da área do concelho, pertence às rochas eruptivas, sendo dominante o granito calco-alcálico de duas micas e a variedade mais comum, o granito porfiróide de grão grosseiro a médio. cobre a quase totalidade da vila de Forjães e das freguesias de Antas (S. Paio), Belinho, Palmeira de Faro, Gemeses e Rio Tinto.

Nas restantes unidades o destaque vai a para o ordovícico, composto por conglomerados, quartzitos e xistos, presente, sobretudo, na encosta meridional do Monte Faro e numa larga mancha que se intromete entre os granitos que formam a área montanhosa de Vila Chã, Belinho e S. Paio de Antas (1).

Os recursos hídricos são razoáveis, atendendo à estrutura geo-morfológica do concelho. A água está presente nos caudais dos rios Cávado e Neiva, na grande rede de ribeiros e regatos que povoam o concelho, tal como nas muitas nascentes e poços.

O mais importante dos cursos de água é o Cávado que, após percorrer 112Km, desagua em frente à cidade de Esposende. Bastante assoreado, na parte final do seu curso, apresenta um perfil revelador de um certo envelhecimento hídrico. Contrastante é o Neiva, na parte norte do concelho, com um vale estreito e sinuoso, revelador de uma certa juventude. Desagua em S. Paio de Antas, após percorrer 45Km.

Da rede de afluentes do rio Cávado destacamos o ribeiro da Reguenga com 5,5Km de extensão até que desagua junto à Barca do Lago; o ribeiro dos Rodilhões, que nasce na Senhora da Rateira, em Curvos, para 8Km depois desaguar em Gemeses; o ribeiro de Caveiro, com origem em Criaz (Senhora do Amparo), vai desaguar no lugar da Veiga (Fonte Boa), após um percurso de 5,2Km.

Os principais afluentes do rio Neiva são: o ribeiro de Pregais (Forjães) com uma extensão aproximada de 4,2Km; o ribeiro de Soleimas, com origem na Caixa de Água (Belinho), para desaguar 5Km depois junto às azenhas da Carvalha, em Antas (S. Paio); o ribeiro da Aldeia ou de Pias, com a quase totalidade do seu curso em território do concelho de Barcelos, para vir a desaguar junto à Quinta da Calça, no lugar da Madorra, da freguesia de Forjães.

1 - TEIXEIRA, C., et alii, Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-C - Barcelos, Lisboa, 1969, p. 15.

Para além destas duas redes hidrográficas, há que contar ainda com os cursos de água que desaguam directamente no mar. Nestes destacamos aqueles em cuja foz se desenvolveram núcleos salineiros. Entre eles estão, necessariamente, o ribeiro de Barros que nasce na Senhora da Guia e desagua no Sublago, o ribeiro do Outeiro que desagua nas Lontreiras (Belinho - S. Bartolomeu do Mar) e o ribeiro do Peralta, que tendo origem no lugar de Outeiro, em Vila Chã, percorre 6Km antes de desaguar nas dunas de Cepães.

A Sul do Cávado diminui o número e a expressão destes pequenos cursos de água. No entanto haverá que destacar o ribeiro de Apúlia que nasce no denso canal que caracteriza a "Agra dos Mouros" e o ribeiro de S. Bento que tem uma relação mais ou menos directa com a Lagoa Negra de Barqueiros.

É na faixa litoral que se concentra uma boa parte da população. O destaque vai para as concentrações de Marinhas e Apúlia, que ultrapassam largamente a fasquia dos 4 mil habitantes, e Esposende, Antas (S. Paio), Belinho e Fão com mais de 2 mil habitantes cada. Em contraste com a ocupação quase contínua da orla litoral, está o interior com menor número de fogos, com um povoamento mais disperso, centrado não raras vezes em minúsculos aglomerados habitacionais.

Sendo ainda um concelho estruturalmente agrícola não deixa, todavia, de ter já uma certa vivência industrial e uma determinada orientação turística.

A industrialização pode-se dizer que é ainda baixa quando comparada, por exemplo, com o vizinho concelho de Barcelos. O principal núcleo centra-se nos lugares de Outeiro e de Góios (Marinhas), onde estão implantadas unidades de fiação, tecelagem e confecções. De referir ainda a fábrica Impetus, na vila de Apúlia, e algumas unidades menores que abrangendo estes e outros sectores são, na globalidade, geradoras de um certo emprego (2).

O turismo em Esposende é uma realidade, devido ao posicionamento geográfico, aos seus recursos naturais e por se situar a curta distância de alguns centros procuradores e geradores de movimentações turísticas. As principais unidades hoteleiras centram-se na cidade de Esposende e na vila de Fão, com destaque, naturalmente, para a área do Ofir (3).

Administrativamente Esposende é um Concelho Rural de 2ª Ordem, classificação que se compreende sabendo-se como a agricultura ainda é a actividade mais privilegiada, pois dispõe de 61,7% de área agro-florestal (4). Menor peso tem a floresta, composta essencialmente por pinheiro bravo (84,4%) e eucalipto (0,04%). Com cerca de 1,918ha, ocupa sobretudo os terrenos menos produtivos ou de monte das freguesias do interior e do planalto de Vila Chã.

2 - PDM Esposende.

3 - PDM Esposende.

4 - DRAEDM, Elementos Caracterizadores da Região do Entre Douro e Minho, Porto, 1984.

A estrutura agrícola do concelho não difere daquela que se conhece no Entre-Douro-e-Minho. Com 3,100ha o peso maior vai para as explorações com menos de 1ha, reinando um parcelamento que se pode considerar excessivo. Nelas trabalham, parcial ou integralmente, cerca de 60% da população activa do concelho.

Os principais rendimentos dos agricultores de Esposende são de origem vegetal (63,3%), animal (32,6%) e somente 3,3% é que provêm da contribuição florestal.

No PAB (Produto Agrícola Bruto) vegetal salienta-se a cultura da batata (21,4%), o vinho (21,9%), o milho/feijão (4,7%) e sobretudo os produtos hortícolas com 45,5% (5). Este tipo de exploração, com enorme repercussão nos rendimentos dos agricultores da faixa litoral, distingue-se pela pequenez das explorações produtoras de batata, cebola, cenoura, alho e demais espécies de produtos hortícolas que usam sobretudo os terrenos arenosos da beira-mar, protegidos por pequenas vedações ou “cavados” no sistema de masseiras na área da vila de Apúlia.

No PAB animal pontifica a produção de leite e carne. A actividade leiteira e a bovinicultura, à imagem das explorações agrícolas, também ela está centrada em pequenas explorações para as quais são encaminhadas as forragens e as culturas arvenses. Naturalmente que o seu peso é grande na economia, não pelo número de efectivos - 6265 de raça turina e holandesa em 1979 (6) - mas e sobretudo pelo volume de leite produzido (7), numa quota leiteira que em 1991, rondava os 10.139.000 litros (8).

O peso da vinha na economia deste concelho é grande, pois os seus 600,1ha representam 14,2% da área agrícola total, produzindo à volta de 36.915hl (9). À excepção dos produtores/engarrafadores (Quinta de Curvos, Quinta de S. Cláudio e Quinta da Seara) todos os demais fazem a sua própria vinificação ou vendem as uvas a particulares ou às adegas cooperativas dos concelhos vizinhos.

Por razões que se prendem com a estrutura morfológica e sobretudo por força do posicionamento geo-estratégico, o cultivo da vinha aqui é mínimo. Na orla litoral não tem qualidade nem expressão económica. Já diferente é a situação que se vive nos vales e alvéolos interiores pois aí, devido à protecção exercida pelos montes, mais dificilmente chegam os nevoeiros e os ventos marinhos (10).

Como vem sendo norma, na última década tem-se assistido a uma melhoria nas explorações, no cuidado que é posto na orientação e escolha das castas, em novas lavras e

5 - DRAEDM, op. cit.

6 - INE, 1979.

7 - Segundo a Agros, em 1987 no concelho de Esposende ter-se-ão produzido algo como 12.263.374,5 litros de leite.

8 - PDM Esposende.

9 - IGEF, Cadastro Vitícola da Região dos Vinhos Verdes, Esposende, Viseu, 1984.

10 - IGEF, op. cit.

na eliminação gradual dos vinhos de pior qualidade, mormente os denominados produtores directos.

Este pequeno rectângulo, com 15Km de comprimento por 6,5Km de largura, tem uma ocupação humana que seguramente remonta a estádios anteriores ao Neolítico. Na orla litoral, desde a foz do rio Neiva a Apúlia, têm vindo a ser encontrados instrumentos líticos da família dos “picos asturienses”, alguns dos quais, pelas suas características, são enquadráveis nos “tipo acheulense” (11).

Se os estádios mais remotos são ainda muito mal conhecidos, o mesmo se não pode dizer dos períodos seguintes, nomeadamente do Megalitismo e da Idade do Bronze. Neste espaço de tempo, que ocorre entre o III e o I milénio a.C., Esposende pode orgulhar-se de possuir alguns dos mais significativos vestígios arqueológicos do Norte de Portugal.

Em primeiro lugar referir-nos-emos ao notável conjunto de mámuas que se estendem um pouco por todo o concelho, com destaque para o planalto de Vila Chã, onde se situam as mámuas do Rapido, Portelagem, Arribada e Cimo de Vila, esta em Palmeira de Faro, que têm estado a ser estudadas por uma equipa da Universidade Portucalense, dirigida pelo Dr. Eduardo Jorge Silva (12).

A este período pertencem igualmente três dos oito menhires que presentemente se sabe existirem no Norte de Portugal (13). O de conhecimento mais antigo é o de S. Paio de Antas (14) e o de mais recente descoberta é o do lugar da Infia, na vila de Forjães (15). Tipologicamente diferente e de conhecimento intermédio é o que se encontra junto à igreja paroquial de S. Bartolomeu do Mar (16).

Ao Calcolítico pertencem as cerâmicas “tipo Penha” de Bitarados (Vila Chã) (17), do castro da Cova da Bouça (Belinho) (18) e da Quinta de S. Martinho, em Gandra (19) e do Bronze em geral são os machados e espada de rebites do Monte Crasto, de S. Bartolomeu do Mar/Belinho (20) e as várias necrópoles com vasos de tipo “chapéu invertido” ou “aba

11 - PAÇO, Afonso do, *Páleo e Mesolítico Português*, RG, Guimarães, 1937, p. 77.

12 - SILVA, Eduardo Jorge Lopes da, *Primeiros Resultados da Escavação da Mamoa de Cima de Vila, Palmeira de Faro (Esposende)*, BCE, 17, 1990/92, p. 97-110.

13 - Dos oito, três encontram-se no vizinho concelho de Barcelos em freguesias que confinam com o concelho de Esposende.

14 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *O Menhir de S. Paio de Antas, Antas*, 1979.

15 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Carta Arqueológica do Concelho de Esposende*, BCE, 17, 1990/92, p. 152-155.

16 - JORGE, Vitor Oliveira, et alii, *Menhir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende)*, BCE, 9/10, 1986, p. 13-20.

17 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.* 13/14, 1988, p. 40.

18 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.* 11/12, 1987, p. 94-95.

19 - SOUSA, Armindo de, *A Cerâmica de Gandra - Esposende, Portugal*, 2/3, Porto, 1981/82, p. 41-59.

20 - HARBISON, Peter, *Mediterranean and Atlantic elements in the early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia*, MM, 8, 1967; MONTEAGUDO, Luís, *Die Beile auf Iberischen Halbinsel*, Munchen, 1977; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.* 11/12, 1987, p. 94-95.

larga” existentes no concelho com foros de primazia a do lugar do Monte, de S. Paio de Antas (21).

A elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, já publicada, permitiu-nos detectar sete povoados castrejos com possibilidade de tal número subir para nove, caso se venha a descobrir o possível castro de Paredes - Apúlia (22) e se descubra um habitat que possa ser relacionado com o topónimo “Craсто” de Rio Tinto (23). De qualquer modo pode-se considerar um número baixo para a área em questão, factor que ainda é mais agravado pela concentração na crista da arriba que bordejia a orla marítima, onde se encontram quatro deles.

Nas estações de época romana o destaque vai naturalmente para a “villa Menendi” de Apúlia e para as ocupações da Quinta de Belinho e Agra do Relógio, em Antas, e para a que se estende de Cepães à fábrica de lacticínios das Marinhas. Mais tardias, mas não menos importantes, são a atalaia do Monte Faro (Palmeira de Faro), a pequena fortaleza medieval e da acrópole do castro de S. Lourenço e, obviamente, a importantíssima necrópole medieval das Barreiras, em Fão (24).

21 - SOEIRO, Teresa, *Necrópoles Proto-Históricas do Concelho de Esposende*, ACMB, 2, 1988.

22 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.* 13/14, 1988, p. 37.

23 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.*, p. 34.

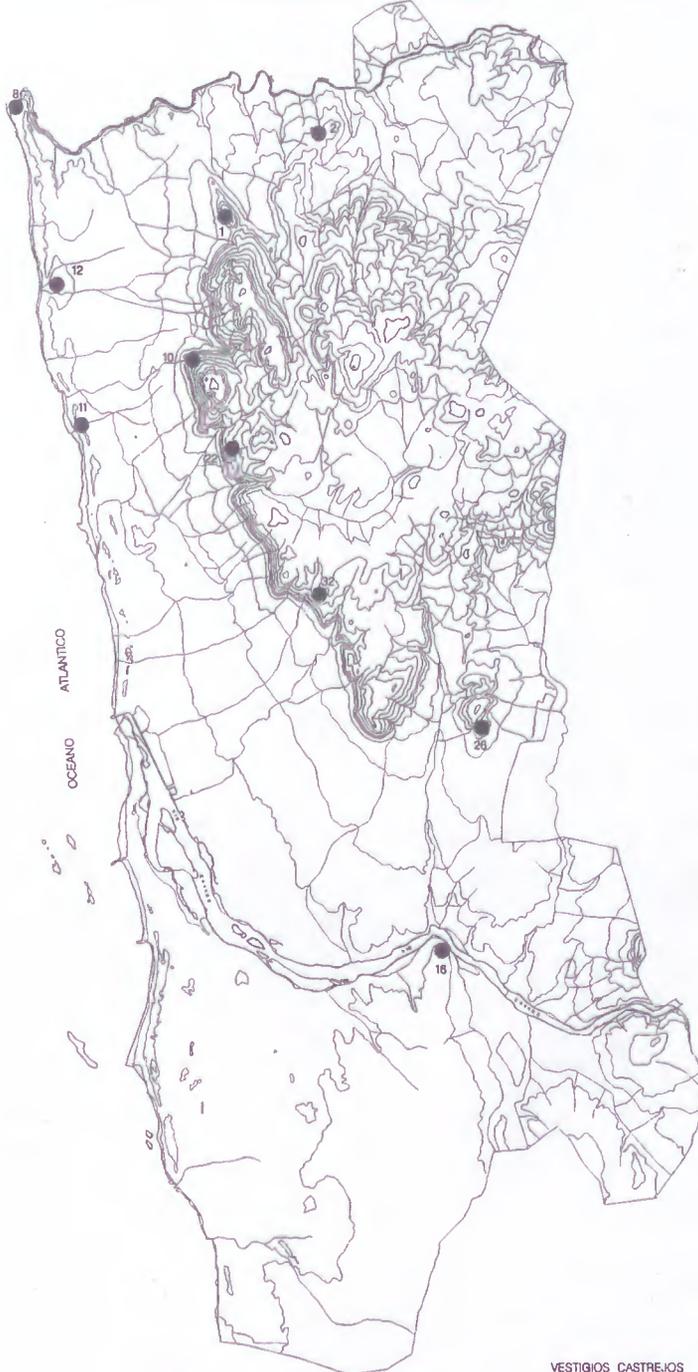
24 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii, *Necrópole Medieval das Barreiras - Fão*, BCE, 17, 1990/92, p. 111-126.

Inventário

Arqueológico

“VESTÍGIOS CASTREJOS”

CONCELHO DE ESPOSENDE

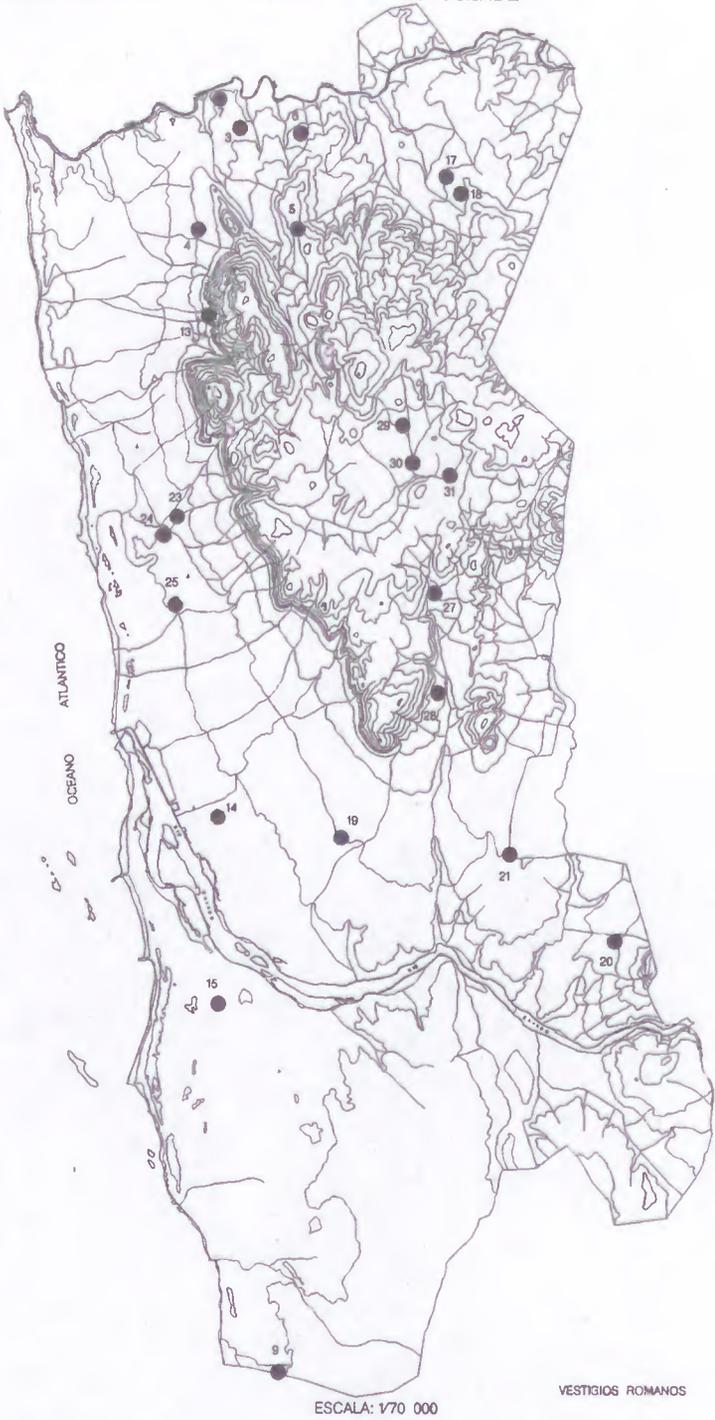


ESCALA: 1/70 000

VESTÍGIOS CASTREJOS

“VESTÍGIOS ROMANOS”

CONCELHO DE ESPOSENDE



1 - Belinho - Antas (S. Paio)

- Castro
- 41° 35' 53" N
- 0° 21' 25" E
- 137 m

No esporão mais setentrional da arriba que se estende para Sul, até ao Monte Faro de Palmeira, encontra-se a “Subidade” de Belinho (Fig.1). A seus pés, no sopé ocidental, está a Quinta de Belinho, velho solar que pertenceu ao poeta António Correia de Oliveira e que alberga uma importante ocupação de época romana.

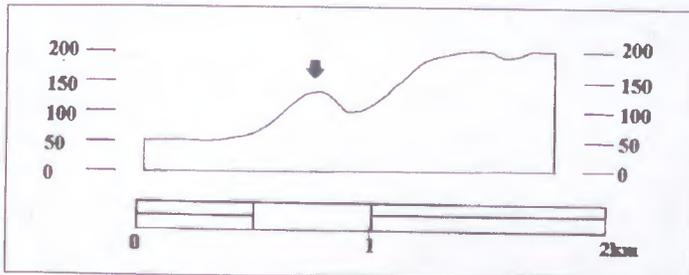


Fig. 1

Como já escrevemos “é um povoado de reduzidas dimensões, alcandorado no alto de um pequeno cabeço” (25) defendido a Norte e a Nascente por um conjunto de muralhas, sendo constituídas, as mais exteriores, por um misto de grandes blocos de pedra mal desbastados e o interior cheio de terra e pedra miúda. A única muralha que circunda integralmente a coroa é a interior sendo, nas partes visíveis, construída com pedras sumariamente aparelhadas e os interstícios argamassados.

Distante da muralha cerca de 1 metro, há ainda um muro construído de modo análogo, mas que pela sua disposição, parece ser um complemento defensivo a uma “possível porta, situada algures no sector norte” (26).

Ao contrário de muitos outros, este já conheceu uma intervenção arqueológica no longínquo ano de 1924, pela mão do proprietário de então, o poeta A. Correia de Oliveira. Dela não há qualquer registo, mas uma simples notícia em que se documentam alguns dos

25 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 9/10, 1986, p. 3.

26 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit., p. 54.

materiais então recolhidos, alguns dos quais foram parar ao Museu Nacional de Arqueologia (27). Os demais, os mais significativos, os decorados ou com formas mais ou menos definidas, conservaram-se na Quinta de Belinho. Aí estão igualmente algumas mós manuais e uma ou outra prisão de gado. Tudo o mais se perdeu, tal como as casas na altura descobertas, que devido ao abandono, ficaram novamente soterradas e sujeitas às raízes das árvores que entretanto cresceram. Quando ainda visíveis, notava-se uma casa de formato oval e uma outra com um formato sub-rectangular e todos os indícios de ser obra reformulada.

O espólio cerâmico que se conhece do castro, é basicamente de fabrico castrejo. Uns são antigos, já que foram feitos à mão; outros, os mais vulgares, com decorações que vão das linhas incisas oblíquas inscritas em motivos triangulares, aos SSS impressos através de matriz, anunciam já um universo bem conhecido da parte final da Cultura Castreja (Fig. 2). O perfil completo de uma panela de asa interior, uma fíbula de pé alto do tipo Sabroso, cossoiros e alguma ânfora (28), completam um conjunto cerâmico que é sem dúvida mais rico e diversificado.

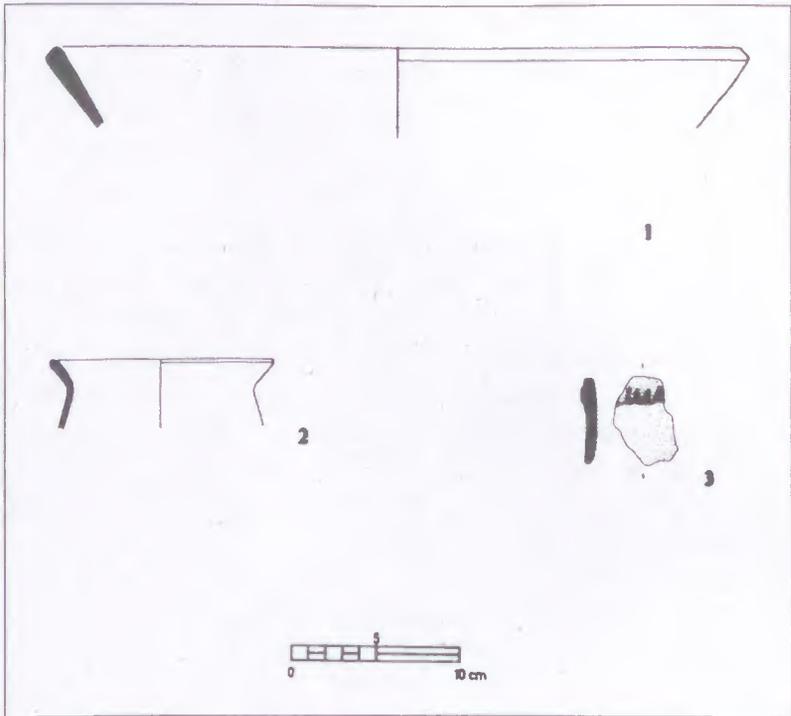


Fig. 2

27 - VASCONCELOS, J. Leite de, O Castro de Belinho, AP, 29, 1934, p. 45-49.

28 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit., p. 55.

Localizado no extremo da arriba, é um sítio verdadeiramente excepcional no que diz respeito a uma política de estratégia concertada tendo em vista o domínio e controle do curso final do Neiva e da orla litoral.

Concertado ou não com o poderoso castro do outro lado do Neiva (Castelo de Neiva), gravitando ou não na área de influência do castro de S. Lourenço, o certo é que da sua coroa se abarca uma vasta região e se estava relativamente próximo - 10 a 15 minutos de marcha - dos bons solos agrícolas situados na plataforma litoral bem como os que marginam o ribeiro de Soleimas, hoje o espaço agrícola dos lugares de Azevedo e de Pereira.

Serão certamente moradores seus que darão início às ocupações da Quinta de Belinho e da Agra do Relógio, ambas localizadas no espaço agrícola então à sua guarda e gestão.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, nº 9/10, 1986, p. 39-59.

2 - Monte - Antas (S. Paio)

- Castro
- 41° 36' 10" N
- 0° 22' 15" E
- 90 m

Em termos arqueológicos o lugar do Monte é um dos mais ricos do concelho de Esposende. Para além das antas ou mámuas e do menhir há ainda a referir uma necrópole da Idade do Bronze, um habitat de época romana e naturalmente de um povoado castrejo que conheceu os efeitos da Romanização (29).

O castro que foi totalmente destruído com o complexo pirotécnico da firma Viana & Filhos Lda., situava-se no sítio de Talhoz (Fig. 3), uma zona de mato a meio caminho entre a necrópole da Idade do Bronze e as mámuas da Agra de Antas. Deles, na actualidade, resta uma parte da vertente voltada à Fonte de Talhoz e à Peneirada e alguns fragmentos cerâmicos de vincadas características castrejas à mistura com outros que fazem remontar a ocupação ao período anterior, isto é, à Idade do Bronze, situação que a poderá, nesta fase, colocar em relação directa com os inumados da vizinha necrópole aparecida nos finais da década de 30 e estudada pela dupla Carlos Teixeira/Afonso Ataíde (30).

29 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 9/10, 1986, p. 44-50.

30 - ATAÍDE, Alfredo; TEIXEIRA, Carlos. A Necrópole e o Esqueleto de S. Paio de Antas e o Problema dos Vasos de Largo Bordo Horizontal, "ICMP" I, Lisboa, 1940, p. 667-683.

A Romanização está patente nas *tegulae* que aparecem sobretudo nas imediações da Fonte de Talhoz e nos terrenos revolidos que dão acesso ao primitivo perímetro do castro que era de diminutas proporções.

Implantado numa zona de fracos recursos agrícolas - estes distarão entre 15 a 30 minutos de distância - nunca terá sido um habitat de grandes recursos, facto que se poderá comprovar pela escassez e fraca qualidade do espólio cerâmico de época castreja.

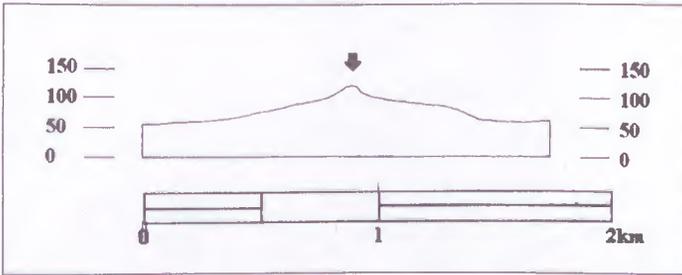


Fig. 3

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 9/10, 1986, p. 47-48.

3 - Agra do Relógio - Antas (S. Paio)

- Casal (?) de época romana
- 41° 36' 38" N
- 0° 21' 33" E
- 22 m

A Noroeste do lugar de Pereira e da ocupação da Bouça do Rio estendem-se uma série de campos de cultivo dispostos e orientados em suaves socalcos para o curso final do rio Neiva.

Como se trata de uma boa área agrícola é perfeitamente natural que aí se encontrem vestígios suficientes para que se fale de uma ocupação agrária de época romana, muito provavelmente de um casal, já que não encontramos elementos suficientemente válidos e capazes de o caracterizarem como "villa".

Nos campos de Redondas e da Agra do Relógio - a tradição coloca aqui uma antiga igreja (31) - não falta a *tegula* e mesmo cerâmica comum. Nestas, as formas mais em

31 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 9/10, 1986, p. 51-52.

evidência são as panelas, os jarros e as bilhas, os pesos de tear, os copos, os pratos e alguns *dolia*. São, no fundo, resquícios de uma casa de habitação que laborou durante bastante tempo, não sabemos se a sua origem remontará ao início da Romanização, pois não encontramos aquele tipo de cerâmica com engobes e aguadas que pretendem dar um ar mais alegre às cerâmicas e aproximá-las, em termos de paralelismo, com as *sigillatas* e os pratos com engobes do tipo vermelho pompeiano. Apesar de abundante, a cerâmica é de tipo bem comum, bem regionalizada, dando mostras de ser já do Baixo Império. Por isso é bem natural que uma qualquer sondagem aí a realizar, traga à superfície o que resta de um casal ou, por que não, de uma “villa” da parte final da Romanização.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 9/10, 1986, p. 51-52.

4 - Quinta de Belinho - Antas (S. Paio)

- *Tegulae*
- 41° 36' 00" N
- 0° 21' 03" E
- 62 m

A Quinta de Belinho está situada no lugar do mesmo nome, no sopé ocidental do monte da Subidade de Belinho (Fig. 4).

A quinta é uma boa propriedade agrícola murada que desde o séc. XVI pertence à família Cunha & Sottomayor com o brasão de armas a realçar a entrada principal de acesso a uma casa onde o poeta A. Correia de Oliveira viveu parte significativa da sua vida.

A propriedade, actualmente em largos patamares, sofreu através dos tempos alterações, algumas das quais trouxeram à superfície vestígios de uma ocupação que seguramente remonta à Romanização. *Tegula*, *imbrex* e fragmentos cerâmicos comuns de época romana apontam para existência de uma “villa” que assentou arraiais na base poente do castro em época que não conseguimos determinar com maior precisão (32).

Foram certamente moradores do vizinho castro que ao “descerem” se instalaram numa zona de bons solos agrícolas, água facilmente captável na encosta do monte e uma óptima exposição solar, o que aliado à fuga dos terrenos menos drenados da planície costeira fazia do sítio um óptimo ponto para se instalar uma casa de lavoura com determinada projecção económica. Não será por acaso que a facear a actual propriedade esteja a velha

estrada romano-medieval que fazia a ligação entre o Douro e o Minho através da Ponte de Ave, Lagoa Negra e Barca do Lago. Sintomático será também a presença, certamente contínua, de uma boa exploração agrícola no espaço anteriormente ocupado pelos lavradores de época romana. Sendo assim o paço seiscentista não será mais que o herdeiro natural de uma propriedade que possui raízes na já longínqua Romanização.



Fig. 4

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 15/16, 1989, p. 98-101.

5 - Igreja - Antas (S. Paio)

- Tegulae
- 41° 35' 58" N
- 0° 22' 01" E
- 120 m

Esta ocupação de época romana situa-se na vertente sul/sudeste do outeiro onde se encontra o menhir do lugar do Monte (33), estendendo-se para espaços actualmente

33 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, O menhir de S. Paio de Antas, Antas, 1979.

ocupados pelo conjunto formado pela igreja, cemitério e salão paroquial.

Os vestígios que constam essencialmente de cerâmica de época romana e de *tegula*, apareceram sobretudo no sítio onde foi construído o complexo desportivo, o parque infantil e mais recentemente nos revolvimentos operados na bouça voltada a Nascente (34). Aparecem ainda na zona da residência paroquial, razão que leva a supor que na base meridional do outeiro, na transposição para o vale da Agra de Antas, existiu um habitat que se ocupou da exploração das terras que se estendem na direcção do ribeiro do Freixo e que são, grosso modo, de boa qualidade agrícola.

Em virtude da extensão dos vestígios, será legítimo supor-se que se trataria de um povoado, ideia que hoje refutamos por não haver suficientes indícios que consolidem uma opinião que anteriormente expressamos (35).

Observado atentamente o local de implantação, a ausência de estruturas defensivas, a não ocupação da parte superior do outeiro e das demais vertentes, a pobreza de um espólio cerâmico fica-nos uma ou mais habitações que à boa maneira do mundo agrário romano se instalaram na base de uma colina, voltadas para os campos que cultivariam e beneficiando da já trivial trilogia constituída pelos terrenos enxutos, exposição solar e possibilidade de irrigação.

6 - Bouça do Rio - Antas (S. Paio)

- *Tegulae*

- 41° 36' 27" N

- 0° 22' 15" E

- 80 m

Na vertente setentrional do lugar do Monte, a meio caminho entre o lugar de Pereira e a Peneirada fica a Bouça de Trás do Rio, denominação por que são conhecidos os terrenos agrícolas e de mato.

Numa destas propriedades abundam as *tegulae* (36), razão pelo que se deve concluir que aí houvera uma ocupação que remonta a um período que medeia entre a ocupação romana e a Alta Idade Média. Como outros vestígios não encontrámos, pouco mais poderemos adiantar que tais *tegulae* tanto poderão provir de um casal, como de uma necrópole ou mesmo de um forno para materiais de construção, tanto mais que no sítio

34 - Toda a área da colina onde se encontra o menhir foi recentemente loteada para construção de moradias.

35 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 9/10, 1986, p. 44-46.

36 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 9/10, 1986, p. 51.

abundam a água e o barro de boa qualidade e relativamente próximo, para Oeste, está a grande ocupação de época romana da Agra do Relógio.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 9/10, 1986, p. 51.

7 - Alto da Ponte - Antas (S. Paio)

- *Tegulae*

- 41° 36' 45" N

- 0° 21' 20" E

- 47 m

No Alto da Ponte, a ajuizar pelos vestígios cerâmicos, houve uma ocupação de época romana. O sítio não se prestava a um castro, situação aliás já anteriormente vista por M. Sarmiento que a esse respeito escreveu: “ O nome de Alto da Ponte fará crer que se trata dum outeiro fortificado ao qual caberia bem o nome de castro; mas aquela denominação é pouco apropriada, porque o terreno onde aparecem as antigualhas que nos (?) pode dizer-se plano e nada defensável” (37).

O sítio onde aparecem as *tegulae* e alguma cerâmica comum de época romana é na realidade uma pequena colina ponteada de pinheiros sobranceira ao rio Neiva e bem à vista do castro de Castelo de Neiva, localizado no cimo do Monte Guilheta. É um espaço aberto, de vertentes suaves onde dificilmente se poderia instalar um castro provido de toda uma organização defensiva.

A única nota dissonante estará no abandonado traçado da estrada real que, em certos pontos, poderá induzir, os menos avisados, na ideia de que estão perante os restos de um fosso.

Na realidade a velha estrada que decalcava uma via romana secundária que servia o litoral minhoto tinha, ao aproximar-se da derruída ponte sobre o Neiva (38), um traçado bem adjacente à ocupação, razão que nos leva a suspeitar que se trata de um estabelecimento de apoio viário.

Em apoio desta nossa suspeição temos somente a localização e a ausência de interesses económicos susceptíveis de alterarem o quadro agora intuído.

No tocante à localização, esta é optima em função da proximidade à via e à passagem

37 - SARMENTO, F. Martins, *Dispensos*, Coimbra, 1933, p.166.

38 - ARAÚJO, José Rosa de, *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo, 1962, p. 45; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Carta Arqueológica do Concelho de Esposende*, BCE, 9/10, 1986, p. 52.

do rio, que neste lugar tem margens altas a necessitarem de uma ponte, mesmo que de madeira. Na sua ausência a travessia far-se-ia de barco já que a proximidade do mar e o caudal não permitiam uma travessia a vau.

No segundo havia a necessidade de um barqueiro que bem poderia ter a sua casa nas imediações e ao mesmo tempo aproveitar-se da situação para servir de estalagem e “mutatio”.

Excluída a hipótese de um castro e mesmo de uma ocupação de época romana, restaria uma ocupação relacionada com a actividade agrícola já que o rio não era navegável e a quantidade de peixe não justificaria a presença de alguém centrado somente nessa actividade.

Olhando em redor da colina fácil é de concluir que a hipótese de um casal agrícola, mesmo que modesto, não tinha grandes hipóteses de vingar. Os terrenos são de má qualidade, cobertos de pinhal e mato e os poucos campos existentes são, na sua maioria, de arroteamento recente.

Como, bem perto, não faltam terras aráveis de melhor qualidade, a hipótese mais viável é a *tegula* e cerâmica provirem de um edifício relacionado com o trânsito viário.

No tocante à cronologia não arriscamos que “de época romana”, pois as cerâmicas que observamos não apresentam qualquer característica especial que as distinga e ajudem a encontrar uma datação mais restrita.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, nº 9/10, 1986, p. 52-53.

8 - Foz do Neiva - Antas (S. Paio)

- Salinas
- 41° 36' 35" N
- 0° 19' 26" E
- 5 m

A foz do rio Neiva nos últimos anos tem sofrido constantes mutações originadas pela alteração do circuito normal das correntes marítimas após a construção de alguns esporões a Norte do rio Lima, nomeadamente o porto de mar de Viana do Castelo.

Uma das recentes “subidas” do mar até às dunas ocasionou a visualização de algumas salinas (39) análogas às de Lontreiras (S. Bartolomeu do Mar/Belinho) e, entre os destroços,

39 - Almeida, Carlos A. Brochado de, Salinas Medievais de Entre Cávado e Neiva, BA, 33, 1979, p. 391-402, il.

algumas placas de xisto com o fundo rebaixado cerca de 5cm, tal como as dos sítios acima mencionados (Fig. 5).

Como se encontravam espalhadas não sabemos que estrutura incorporavam, mas o mais lógico é que, tal como as de Lontreiras, tivessem sido reutilizadas nos muros de defesa contra as areias.

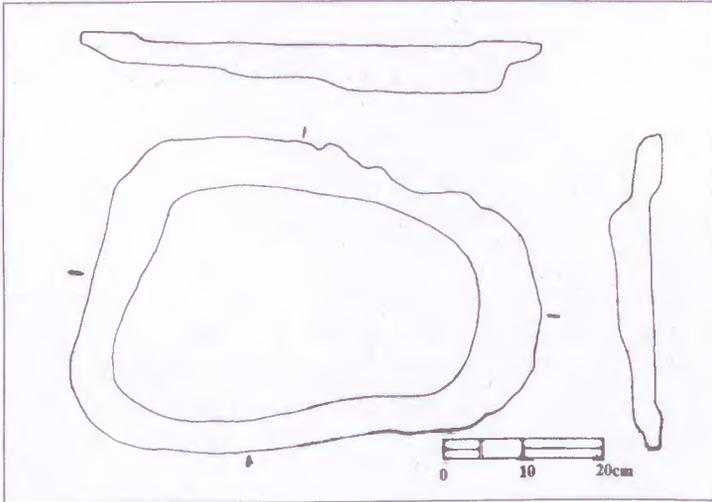


Fig. 5

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Salinas Medievais de Entre Cávado e Neiva, BA, 33, 1979, pp. 391- 402, il..

9 - Villa Menendi - Apúlia

- Villa romana
- 41° 28' 28" N
- 0° 21' 28" E
- 6 m

Entre os muitos topónimos relacionados com possíveis vestígios arqueológicos - Agra dos Mouros, ribeiro dos Mouriscos e castro de Paredes - o único que verdadeiramente mostra vestígios que remontam ao início da Romanização é a denominada "Villa Menendi" que já foi objecto de notícias mais ou menos alargadas (40).

40 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 13/14, 1988, p. 34-40.

Está situada a *villa* nos campos da Ramalha, relativamente próxima do mar e na confluência administrativa das freguesias de Estela e de Apúlia e dos concelhos de Esposende e Póvoa do Varzim.

O seu conhecimento deve-se à extracção de areias para a implantação dos tradicionais campos em “masseira” e o espólio encontra-se distribuído por particulares, Museu Pio XII (Braga), Museu Martins Sarmiento (Guimarães) e Museu da Póvoa do Varzim (41).

As diversas componentes desta ocupação espalhavam-se por uma vasta área, pois o espólio estende-se desde a Ramalha até à zona do Rio Alto, numa distância superior a meia centena de metros, consoante o comprova a pequena sondagem realizada por uma equipa de arqueólogos que têm vindo a efectuar estudos desta índole, mormente na Cividade de Terroso (42).

Entre o espólio recolhido e algum já publicado, merecem destaque os grandes silhares graníticos (Fig. 6.1), alguns dos quais almofadados, o fuste de tipo Jónico para sustentação de alpendre (Fig. 6.2) que sustentariam, por exemplo o peristilo, as mós manuais, a tijoleira, os pesos de tear, as *tegulae*, os bronzes (Fig. 6.3), os vidros e naturalmente a cerâmica (Fig. 7 e Fig. 8).

Nesta pontificam duas grandes famílias: a relacionada com os fundadores indígenas que aqui terão instalado, nos primeiros decénios do século I, uma estrutura habitacional vocacionada para a produção agrícola e para a exploração dos recursos marinhos como o sal, os moluscos e a pesca; e aquela que reflecte já hábitos e modos de aculturação.

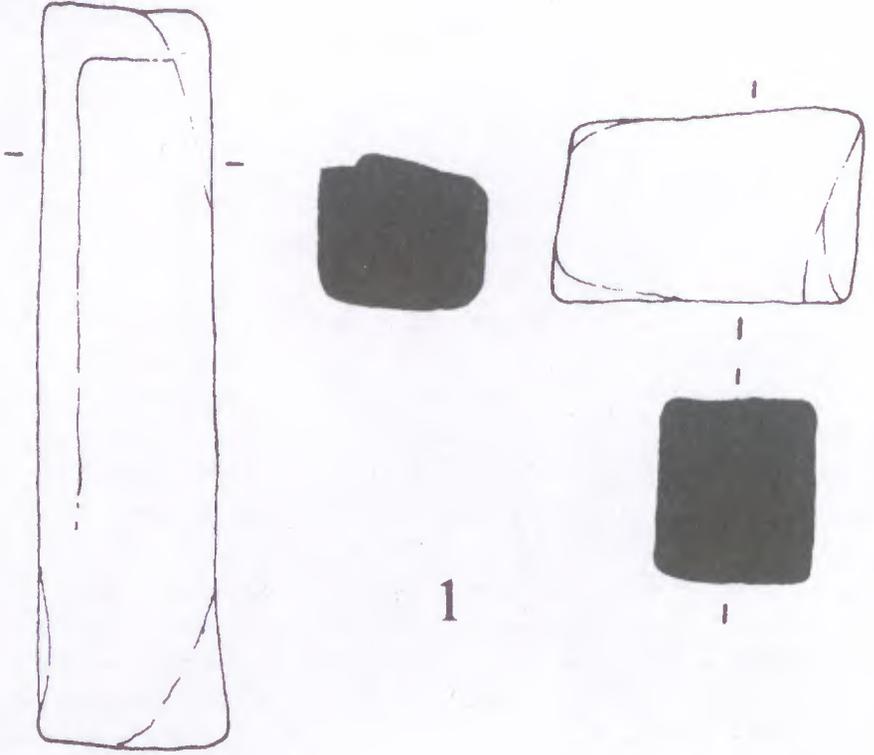
Referimo-nos muito concretamente às cerâmicas comuns de época romana como os potes, as panelas, os jarros, as caçarolas, as ânforas - que traziam o vinho e o azeite que a região não produzia, mas que começava a consumir à medida que se iam enraizando hábitos inovadores até aí ignorados ou somente afluídos, as talhas e os *dolia* (Fig. 6.4) onde se guardavam líquidos e sólidos.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Carta Arqueológica do Concelho de Esposende*, BCE, 13/14, 1988, p. 34-40; SILVA, Armando C. Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.

41 - Materiais recolhidos por uma equipa chefiada pelo Doutor Armando Coelho.

42 - SILVA, Armando C. Ferreira da, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1988.

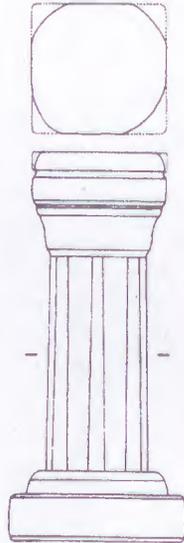
Fig. 6



1



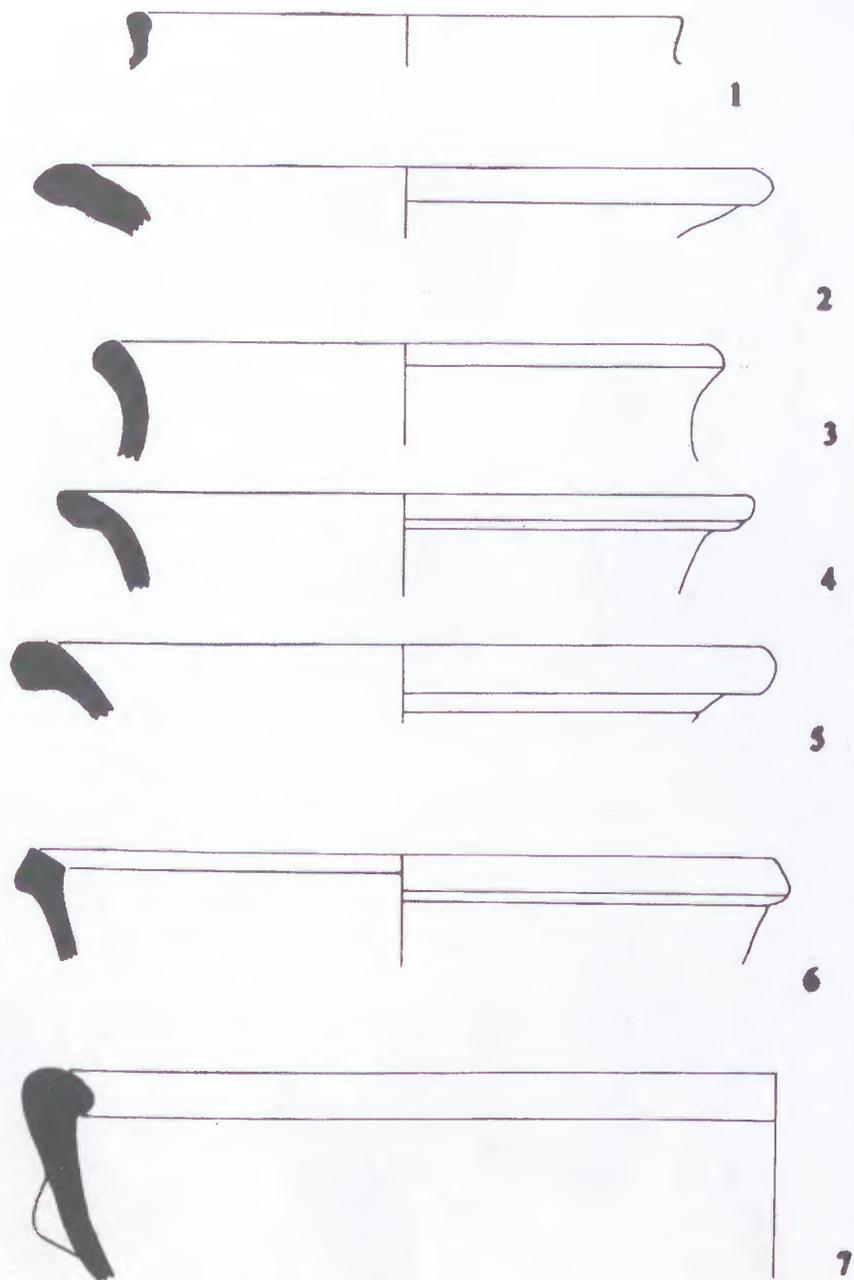
3



2

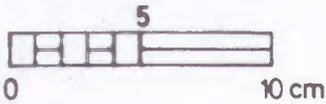
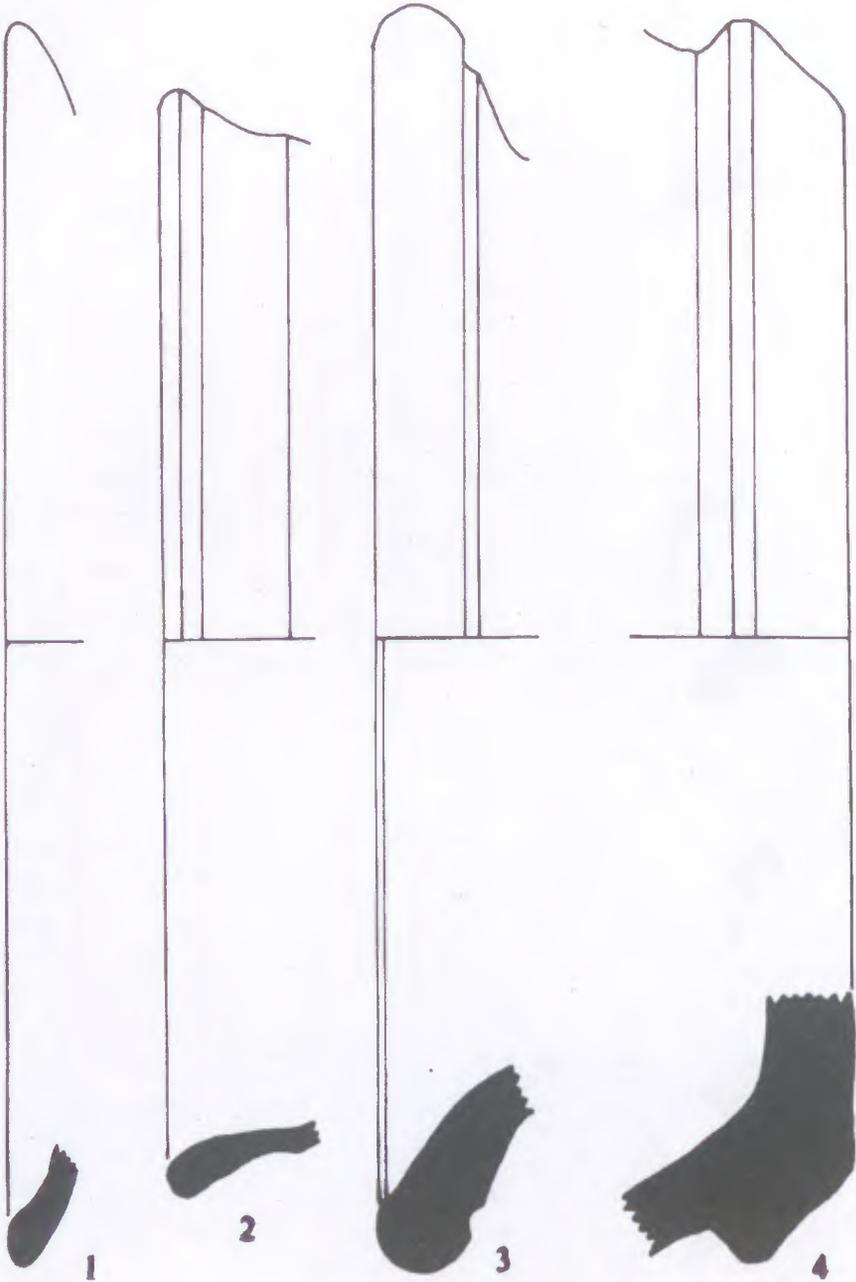


Fig. 7



0 10cm

Fig. 8



10 - Cova da Bouça - Belinho

- Castro
- 41° 34' 54" N
- 0° 20' 05" E
- 120 m

Este povoado está situado num dos esporões que existem ao longo da arriba montanhosa que bordeja o litoral esposendense (fig. 9). Sobranceiros aos lugares de Carreira Cova e de Outeiro, está localizado entre as freguesias de Belinho e S. Bartolomeu do Mar e, sendo conhecido localmente como Monte Castro e por Monte Sanfins na carta nº 54 dos Serviços Cartográficos do Exército.

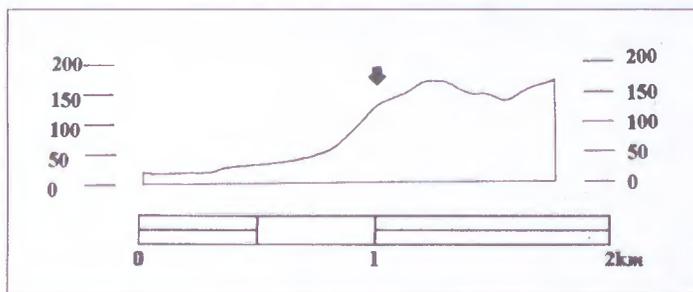


Fig. 9

Trata-se de um habitat de pequenas dimensões que foi seriamente danificado com as pedreiras que funcionaram no seu perímetro. Terão sido elas as responsáveis pelo aparecimento, em 1970, de 2 machados de bronze de tipo plano e de uma espada de rebites, o que a juntar a alguns fragmentos de cerâmica “tipo Penha” vem colocar a hipótese de o local já ser ocupado na 2ª metade do II milénio a. c. (43).

Na parcela do castro que escapou à destruição, motivada pelo funcionamento da pedreira (44), notam-se os vestígios de uma muralha constituída por grandes blocos graníticos (Fig. 10), sumariamente desbastados, e os alicerces de algumas habitações circulares de técnica castreja: São deste período fragmentos de cerâmica que “apresentam todas as características das produções castrejas antigas e recentes” (45). Como não encontramos sinais de *tegulae* e de cerâmica conotada com o mundo romano não sabemos até que ponto este pequeno habitat terá sofrido efeitos romanizadores.

43 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 11/12, 1987, p. 94-95.

44 - Esta tem estado com a lavra suspensa.

45 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit., p. 95.



Fig. 10

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 94-95.

11 - Lontreiras - Belinho/S. Bartolomeu do Mar

- Salinas
- 41° 34' 30" N
- 0° 19' 55" E
- 2 m

As Lontreiras são um misto de pequenos campos “roubados” às dunas litorâneas e de areias que pertencem ao domínio público, isto é, à praia. Estão situadas na linha que divide as duas freguesias, sendo atravessadas por uma pequena linha de água que naturalmente ganha mais expressão quando os invernos são mais rigorosos.

Foi na foz deste pequeno regato que, anos atrás, foram descobertas algumas salinas que, pela sua tipologia, foram classificadas como de origem medieval (46).

A proteger as salinas, cujas paredes eram formadas por lages de xisto e o chão atapetado de seixos incrustados em barro semelhante ao que tapava os interstícios das paredes laterais, havia do lado do mar uma parede constituída por placas de xisto soltas cuja missão era a de defender os talhos salineiros das areias movidas pelas “nortadas” (47).

46 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Salinas Medievais entre o Cávado e o Neiva, BA, 33, 1979, p. 391-402.

47 - Ventos que sopram de Norte e que arrastam grandes quantidades de areia.

Como é óbvio a inclusão de salinas cronologicamente posteriores num inventário desta época não teria sentido se, entre as placas que formavam as paredes, não houvesse algumas que haviam sido “cavadas” (Fig. 11) de um modo muito idêntico às da foz do Neiva, Montedor, foz da ribeira de Anha, Forte da Lagarteira e Forte do Cão.



Fig. 11

Eram peças amovíveis como algumas que encontramos naquelas paragens ao longo do litoral do concelho de Esposende, nomeadamente na foz do Neiva e no Sublago já para não mencionar as que foram levadas para o castro de S. Lourenço onde foram utilizadas na cobertura de algumas casas do Sector M1 e M2. Tal descoberta poderá dizer que o uso de placas de xisto preparadas, como foram, para fazer sal, já era uma prática corrente entre os povos castrejos e que desactivadas ou perdida a primeira função acabaram por desempenhar um papel bem distinto, mas não menos útil, no quadro socio-económico de então.

A matéria-prima destinada ao fabrico das placas de xisto que têm um formato que varia entre o trapezoidal e o sub-circular, existia no próprio local. Bastará, portanto, cortá-las e prepará-las.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Salinas medievais entre o Cávado e o Neiva, BA, 33, 1979, p. 391-402, il.

12 - Sublago - Belinho

- Salinas
- 41° 35' 20" N
- 0° 19' 41" E
- 2 m

O Sublago é uma faixa de terra junto ao mar situada entre as Lontreiras, a Sul, e a foz do Neiva, a Norte.

Era uma zona de fácil inundação onde o mar podia chegar através do curso de água que é conhecido na região por “Rêgos”.

Foi na sua foz que apareceram salinas destruídas semelhantes às de Lontreiras e da foz do Neiva (48). Entre as muitas placas espalhadas pelo areal havia algumas com a característica forma de uma bacia de formato rebaixado até os 4,5cm.

Tal como as demais é obra bem anterior ao período medieval e deverão ser atribuídas cronologicamente ao mundo castrejo.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Salinas Medievais Entre o Cávado e o Neiva, BA, 33, 1979, p. 391-402, il.

13 - Igreja - Belinho

- Tegulae
- 41° 35' 14" N
- 0° 21' 12" E
- 68 m

A quinta da Boavista é uma propriedade em estado de abandono situada numa colina a Nascente e sobranceira à igreja paroquial.

Na casa do século XVIII há, entre outros vestígios, um lagar reutilizado como pedra de suporte de um outro mais recente e algumas *tegulae* espalhadas pelos terrenos em socalcos.

Apesar de descaracterizada pela adaptação a propriedade agrícola, a colina apresenta, apesar de tudo, características bem próprias de um sítio onde poderá ter estado instalada uma ocupação do castrejo final ou já da romanização. Referimo-nos, muito concretamente, às vertentes algo declivosas e pedregosas voltadas ao cemitério que foi construído no

48 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Salinas Medievais Entre o Cávado e o Neiva*, BA, 33, 1979, p. 391-402.

sopé, à linha de água que corre na vertente sul e à proximidade da área agrícola que se estende por toda a plataforma costeira até à linha do mar.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 17, 1990/1992, p. 139-144.

14 - Rua 1º Dezembro - Esposende

- Vestígios romanos
- Necrópole romana?
- 41.º 31' 52" N
- 0º21' 07" E
- 4 m

Segundo Manuel de Boaventura quando, “na Avenida 1º de Dezembro, se procedia à abertura de valas de saneamento apareceram, a cerca de 1 metro de profundidade, fragmentos de ânfora e bordos de cerâmica com sinais de fogo” (49).

A fazer fé no autor que conhecia relativamente bem alguns dos materiais arqueológicos relacionados com o mundo romano, presumimos que ele noticia a presença de uma ocupação de época romana, provavelmente de uma casa de habitação. O sítio em questão é o quarteirão onde se encontra o supermercado Jajú, mais concretamente, a parte que se estende até ao Largo do Município e à Igreja da Misericórdia.

Se a presença de ânfora indica, à partida, uma estrutura relacionada com o Mundo Romano, o mesmo não podemos dizer da necrópole que, em 1863, apareceu no “antigo adro de S. Sebastião cuja ermida serve de capela-mor à actual Nossa Senhora da Saúde” (50), quando se abriu a estrada de ligação a Barcelos (segundo Figueiredo da Guerra, na altura apareceram algumas sepulturas contendo púcaros de barro) (51).

Por conterem espólio, nomeadamente cerâmica, parece ser óbvio que tais enterramentos não são de época cristã e muito menos do tempo da ermida de S. Sebastião, cuja construção data de 1553 (52). Provavelmente serão sepulturas de época romana, mas se nos lembrarmos que no concelho, nomeadamente no sítio da Padaria, em Curvos, em Cimo de Vila (Palmeira de Faro) e nos lugares de Belinho e do Monte (S. Paio de Antas),

49 - BOAVENTURA, Manuel, A Velha Terra de Fão, O Fangeiro, Ano I, nº 26, 1 de Março de 1959.

50 - NEIVA, Manuel Albino Penteado, Esposende, Breve Roteiro Histórico, Esposende, 1987, p. 59.

51 - Idem, op. cit.

52 - SOUSA, Pe. Manuel Baptista de, História Religiosa de Santa Maria dos Anjos, 4, Esposende, 1980, p. 103.

apareceram túmulos com caixa em lousa contendo vasos cerâmicos do tipo e família “chapéu invertido” ou “largo bordo horizontal”, torna-se bem mais difícil sugerir cronologia tão restritiva. E poderemos complicar ainda mais a questão, se dissermos que algumas centenas de metros para Nascente esteve a cista que forneceu o vaso troncocónico da “Cavaleira” guardado no Museu Nacional de Arqueologia (53).

A confirmar-se uma necrópole de época romana, então a sua relação com os vestígios aparecidos duas centenas de metros para Poente pode ser uma realidade, isto é, ser o local de enterramentos dos moradores do sítio onde apareceram as ânforas e cerâmicas.

Bibliografia: BOAVENTURA, Manuel de, A Velha Terra de Fão, “O Fangueiro”, Ano I, nº 26, de 1 de Março de 1959; NEIVA, Manuel Albino Pentead, Esposende, Breve Roteiro Histórico, Esposende, 1987, p. 59.

15 - Cordas/Barreiras - Fão

- Necrópole
- 41° 30' 47" N
- 0° 21' 30" E
- 7 m

Nesta zona da vila de Fão, que no sentido Nascente - Poente é atravessada pela rua Capitão Larcher, situa-se a necrópole medieval de Fão (54) e a fazer fé em monografias locais, também o que resta da sua antiga igreja paroquial, soterrada “na tomadia do José Borda” (55).

Nos últimos anos tem-se vindo a assistir à urbanização do espaço compreendido entre a rua Capitão Larcher e a estrada de acesso ao Ofir. Por razões que se prendem com a construção de prédios de apartamentos e moradias, tem-se procedido à movimentação de terras (56), mormente da camada de areias que cobre a antiga cobertura vegetal.

Foi esta dupla azáfama de retirar terras e areias e abrir alicerces que levou à destruição de algumas sepulturas, ao que presumimos, totalmente construídas com *tegulae*.

53 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 13/14, 1988, p. 21-22.

54 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 13/14, 1988, p. 25-32; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii, Necrópole medieval das Barreiras - Fão, BCE, 17, 1990/1992, p. 11-126.

55 - CHAVES, Jerónimo Gonçalves, Elementos para a História de Fam, Famalicão, 1924; LARCHER, Jorge, Monografia de Fão, Esposende, 1948, p. 7.

56 - Algumas destas terras juncadas de *tegulae* foram levadas para os canteiros de flores que rodeiam o centro paroquial de Esposende.

Esta nossa ilação advém do facto de ainda termos visto parte de uma caixa rectangular, construída com pedaços de *tegula* a qual, pelo tamanho, deveria ser de um recém-nascido. Quanto ao mais tudo se nos escapa. Desconhecemos o número de enterramentos bem como a sua cronologia. A única certeza, e mesmo esta é relativa, prende-se com o ritual de enterramento que parece ser a inumação tal como acontece no vizinho cemitério das Barreiras. Mas apesar da proximidade, não nos parece que tenham cronologias paralelas. Naquela não há sepulturas construídas em *tegula*, embora haja fragmentos avulsos a travar interstícios ou a lajear o fundo de uma delas (57). Aqui, nas terras revoltas, não encontramos outro espólio que não fosse a *tegula* fragmentada e algumas cerâmicas que, pela pasta acinzentada, fazem lembrar certas produções da Alta Idade Média adiantada. Faltam os xistos, os grauaques e os bocados de granito que formam a totalidade de caixas e tampas das sepulturas do vizinho cemitério das Barreiras (58). Aqui, segundo presumimos, as poucas sepulturas que haviam, eram somente feitas com *tegulae* inteiras ou fragmentadas à imagem de tumulações bem conhecidas do mundo romano e da Alta Idade Média.

Sem nos querermos vincular em demasia, até porque nos faltam argumentos arqueológicos mais sólidos, parece-nos que estes enterramentos são anteriores ao cemitério das Barreiras, cujas origens remontam à parte final do séc. X (59), podendo, na melhor das hipóteses, recuarem até ao mundo tardo-romano. Todavia só o futuro poderá confirmar ou desmentir aquilo, que no presente, não passa de uma mera intuição.

Inédito

16 - Outeiro dos Picoutos - Fonte Boa

- Castro agrícola
- Sepulturas
- 41° 30' 45" N
- 0° 22' 30" E
- 58 m

Sobre a passagem do rio Cávado, em frente à Barca do Lago, está situado o Outeiro dos Picoutos ou da Felícia (Fig. 12). Na vertente poente passava a estrada romana secundária que, pelo litoral, ligava, a partir de Cale, Ponte de Ave, Rates, Viana do Castelo e Caminha.

57 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii, op. cit., p. 121.

58 - Idem, op. cit., p. 115-116.

59 - Idem, op. cit., p. 112.

Do que resta do habitat é possível perceber que se trata de um castro de tipo agrícola. Nesse sentido apontam a muralha em talude seguida de fosso e muralha em terra e a coroa aplanada, posteriormente alterada pelas obras que se efectuaram no seu interior.

O espólio é escasso, mas indicativo do castrejo final e da romanização. A este período pertencem as sepulturas documentadas por Teotónio da Fonseca onde, para além de cerâmicas, havia moedas, algumas das quais de Maxêncio.

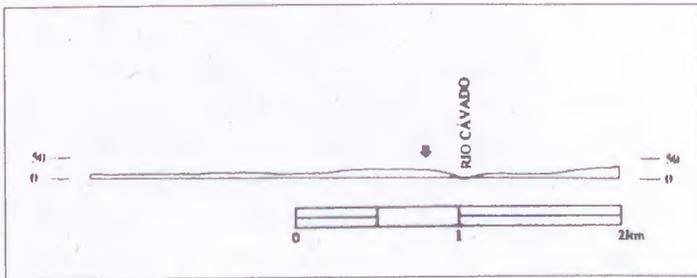


Fig. 12

A situação geográfica do castro compreende-se como polo incrementador da actividade agrícola nas agras que se estendem para Sul e como controlador da actividade viária num ponto de capital importância como era esta transposição do Cávado.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 13/14, 1988, p. 32-33.

17 - Igreja - Forjães

- Ocupação tardo-romana
- 41° 36' 28" N
- 0° 23' 21" E
- 68m

A igreja e o cemitério paroquial de Forjães estão situados numa pequena colina que domina a parte central da freguesia. É, no presente, uma área muito alterada pelas construções e arruamentos que foram surgindo e pelos cíclicos trabalhos agrícolas, os quais descaracterizaram, em parte, a colina e amaciaram as vertentes voltadas a Norte e Poente.

Os vestígios arqueológicos aparecidos no adro e terreno circundante são vários e de variadas épocas com destaque para os túmulos, as mós manuais e os restos cerâmicos.

São verdadeiramente estes dois últimos grupos que nos interessam, já que os túmulos encontrados no adro são cronologicamente de um período que medeia entre o séc. IX e o XIV/XV (60). As mós manuais são análogas às dos castros e habitats de época romana, ao passo que as cerâmicas têm uma cronologia menos dilatada e mais precisa, isto é, são produções típicas do período aúreo do Reino Visigótico.

O grupo é necessariamente heterogéneo, pois às cerâmicas de pastas e superfícies cinzentas se juntam outras que estão bem mais próximas das produções páleo-cristãs estudadas por J. Rigoir. Mas o que verdadeiramente nos chamou a atenção foram os fragmentos de *tegulae* onde estavam estampilados símbolos cruciformes como se de produções merovíngias se tratassem.

A área de dispersão dos achados ultrapassa a centena de metros, factor que elimina a possibilidade de serem vestígios relacionados com o cemitério cristão que se encontrou no momento da remodelação e urbanização do adro. Mós e cerâmicas estão, salvo opiniões mais válidas, relacionadas com uma ou mais ocupações do tipo casal, nascidas na parte final da ocupação romana ou mais provavelmente, no início da dominação Suevo-Visigótica. Serão as iniciadoras de um processo que conduzirá ao aparecimento de um núcleo rural suficientemente forte para reclamar a sua “ecclesia” que colocarão à sombra protectora de Santa Marinha (61).

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 7/8, 1985, p. 36-37; 15/16, 1989, p. 90-91.

18 - Tresseleiros - Forjães

- *Tegulae*

- 41° 36' 05" N

- 0° 23' 30" E

- 72m

Por “Tresseleiros” são conhecidos os campos de cultivo que, pelo lado poente, confinam com o “Bacelo”, um antigo vinhedo murado, recentemente desactivado para a construção das instalações da gasolinera “Cepsa”, localizada na berma da estrada nacional nº103 (Viana do Castelo - Barcelos).

Apesar das alterações impostas com a construção de casas e alargamento de

60 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 7/8, 1985, p. 36-37; 15/16, 1989, p. 90-91.

61 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit.

caminhos, no essencial permanece uma zona de cultivo, com os campos de pequenas dimensões em socalcos, lateiros nas bordaduras e árvores de fruto, entre as quais algumas oliveiras, a pontear o espaço agrícola. As *tegulae* - até ao momento os únicos vestígios arqueológicos identificáveis - têm vindo a aparecer no interior do Bacelo, nos campos que com ele confinam pelo Poente e nas valas abertas para os alicerces das moradias mais recentes. Como os campos de Tresseleiros se encontram em cota mais baixa que o sobredito "Bacelo", será legítimo admitir-se, que as *tegulae* aparecidas nesta área, provenham de escorrimentos mais altos, isto é, tenham sido arrastadas para as partes mais baixas, obra dos arranjos operados no interior do "Bacelo" quando, no início deste século, de uma bouça, em declive para Poente, o proprietário da então Quinta de Curvos, a mandou cavar e plantar uma vasta vinha.

Os trabalhos de então e os revolvimentos futuros foram os causadores da destruição dos vestígios a ponto de só restarem as *tegulae* e estas, como é bom de ver, por si só são insuficientes para se determinar a cronologia e o tipo de estrutura a que pertenciam.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 15/16, 1989, p. 91.

19 - Olival - Gandra

- *Tegulae*
- Capitel de tipo toscano
- 41° 31' 28" N
- 0° 22' 10" E
- 24 m

Segundo a tradição, no Olival teria estado a primeira igreja paroquial de Gandra antes de ter sido deslocada para o sítio onde hoje se encontra, isto é, para a proximidade do lugar do Paço.

No local onde terá estado a presumível igreja, encontramos um capitel de tipo toscano, bastante erosionado, *tegula* e pedra aparelhada, afinal vestígios mais que suficientes para que se possa dizer que aqui houve uma construção, que deverá remontar, no mínimo à Alta Idade Média. O que não podemos afirmar é se eles provêm de uma igreja com enterramentos onde poderiam entrar *tegulae* ou se pertencem a uma estrutura ligada à actividade agrícola.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 17, 1990-1992, p. 138-139.

20 - Paço - Gemeses

- *Tegulae*
- 41° 31' 01" N
- 0° 24' 50" E
- 40 m

O Paço é um pequeno lugar situado entre o ribeiro dos Rodilhões e a Aldeia. Perto estão os lugares de Souto e de Soutelo, e em redor de toda uma extensa campina, em parte contígua por depósitos de um terraço fluvial, a ajuizar pelas grandes quantidades de seixos e de areias. São, como quase na totalidade da freguesia, bons terrenos para produtos hortícolas, nomeadamente nabos e cebolas.

No Paço não há qualquer casa senhoria, nem tão pouco a sua reminiscência, se é que alguma vez a houve. As casas que lá estão dedicam-se à lavoura, possuem quintais com árvores de fruto e alguns pés de videira. Entre a erva e nas paredes de pedra solta não é difícil encontrar *tegulae* que são o símbolo de uma ocupação bem anterior à actual.

Perante a qualidade da terra e a facilidade com que se encontra água e a ausência de obstáculos físicos de monta, fácil é de admitir que no decurso da Romanização um lavrador aqui se tenha instalado e dado início a uma ocupação que estará na origem do núcleo habitacional da Aldeia, este com um razoável sabor a medievalidade.

Inédito

21 - Telheira - Gemeses

- *Tegulae*
- 41° 31' 47" N
- 0° 24' 57" E
- 45 m

Os terrenos que se estendem para Norte da área habitada de Gemeses até à estrada nacional Esposende - Barcelos e para Nascente até ao ribeiro de Rodilhões são maioritariamente constituídos por depósitos de antigos terraços (62) onde, a par de grandes seixos rolados, abundam as areias e especialmente os barros, razão suficiente para que no PDM de Esposende fossem considerados como reserva de matéria-prima destinada a fins industriais.

Atendendo às características geológicas do terreno, que é cruzado pelas antigas

62 - TEIXEIRA, C., et alii, Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-C - Barcelos, Lisboa, 1969, p. 15.

estradas que ligavam Esposende e Barca do Lago a Barcelos, é natural que a água abunde um pouco por toda a área e que em dias de chuva ela tenha dificuldade em se infiltrar. É por isso que a zona tem um ar viçoso, com as ervas, os fetos e o mato a despontarem facilmente num pinhal de fraca densidade.

É neste espaço, que comporta algumas largas dezenas de hectares, que se distribuem três antas - duas na freguesia de Vila Cova, concelho de Barcelos e uma terceira em Gemeses - mais a tampa de uma outra a servir de marco divisório entre as duas freguesias e concelhos. Completa este conjunto funerário megalítico uma 4ª elevação, a escassas dezenas de metros da linha que demarca os dois concelhos.

À primeira vista é semelhante às demais antas que conservam o *túmulus* bem diferenciado da zona de implantação. O único senão é a orientação do “corredor” que está voltado para Sul, o que contraria as normas, e a presença de fragmentos cerâmicos em redor da estrutura que, uma análise sumária os identifica como sendo *ímbrices* e *tegula*. Por isso tendo presente o topónimo “Telheira”, a abundância de água, de barro e de materiais de construção como são as várias modalidades de telha, quer-nos parecer que este montículo artificial, ao invés de albergar uma estrutura funerária, esconderá o que resta de um forno telheiro que pode remontar, senão ao período de ocupação romana, pelo menos à Alta Idade Média pois, do lado da estrada nacional Esposende-Barcelos, se encontra o povoado de Alvão, descrito no catálogo correspondente ao concelho de Barcelos.

Inédito

22 - N. S^a. da Paz - Marinhas

- Castro
- 41° 34' 16" N
- 0° 21' 25" E
- 161 m

Sobranceiro ao lugar de Rio de Moínhos, bem delimitado por dois regatos que na planície ajudam a engrossar as águas do ribeiro de Peralta (Fig. 13), está o Castelinho ou Crastelinho, sítio que foi aproveitado pelos crentes para erguerem uma capelinha dedicada a N. S^a. da Paz (63).

63 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de. op. cit. 11/12, 1987, p. 98.

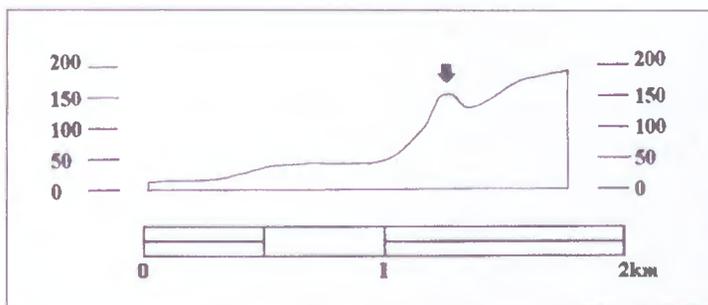


Fig. 13

É, devido ao corte da pedra, seguramente o castro mais destruído do concelho de Esposende. Pode-se dizer que as pedreiras, que invadiram o seu perímetro, destruíram a quase totalidade da coroa, do sector habitacional e do sistema defensivo. Este era, pelo menos do lado nascente, formado por duas muralhas em pedra e um fosso que fora cavado na parte de fora da mais exterior.

Apesar de quase completamente destruído, é visível que se tratava de um núcleo habitacional de reduzidas dimensões e pobre. Demonstra-o a qualidade das cerâmicas castrejas aí recolhidas e a ausência de materiais de importação. Tal como na Cova da Bouça - Monte Castro, não encontramos materiais que estejam relacionados com a Romanização. Tal como o seu vizinho, os seus moradores terão sido bem mais pastores que agricultores, apesar de a escassos 15 a 20 minutos de marcha se situarem os primeiros campos agrícolas, no sítio onde viriam a ser construídas as casas do lugar de Rio de Moínhos.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 98.

23 - Rio de Moínhos - Marinhas

- Tegulae
- 41° 34' 05" N
- 0° 20' 35" E
- 14 m

Na periferia meridional das casas de Rio de Moínhos ficam uns terrenos agrícolas denominados por Fonte da Telha (64). São terras de cultivo de boa qualidade e água em

64 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 11/12, 1987, p. 99-100.

abundância, factor a que não será alheio a proximidade de um dos braços do ribeiro de Peralta e a existência de nascentes de água.

Neste espaço, a fazer jus ao topónimo, não faltam *tegulae* nos muros que dividem as propriedades, nos caminhos de servidão e nas terras quando lavradas. As dúvidas estão em se lhe atribuir uma cronologia e uma relação mais ou menos directa que poderia ir de uma simples habitação de época romana a uma necrópole bem mais tardia. Todavia, tendo em atenção o tipo de terras e a sua localização, acreditamos que elas são restos de uma ocupação algo tardia no contexto da ocupação romana.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 98-100.

24 - Igreja - Marinhas

- *Tegulae*
- 41° 34' 55" N
- 0° 20' 50" E
- 8 m

No espaço de cerca de 200 metros que medeia entre a Fábrica de Lacticínios das Marinhas e a Igreja Paroquial pode-se dizer que proliferam os vestígios arqueológicos, mormente as *tegulae*. Estas são mais que evidentes nos terrenos que rodeiam a fábrica a Norte e a Poente, mas estão igualmente presentes do outro lado da Estrada Nacional nº 13 (Esposende - Viana do Castelo) e naturalmente na área que circunda o adro pelo lado sul (65).

Perante o tipo de solo, a localização e a dispersão, parece ser evidente que estamos perante uma ocupação do tipo casal ou “villa” do Baixo Império. Para esta cronologia apontam algumas das cerâmicas comuns de época romana que têm paralelos em ocupações deste período, mormente na *villa* romana do Paço de Vila Cova, no concelho de Barcelos.

Se a cronologia nos parece aceitável, tanto mais que no Alto Império a fruição agrícola deste espaço ainda deverá ter sido feita a partir das casas do castro de S. Lourenço, menos clara nos parece ser o tipo de estruturas aqui presentes. Se atendermos à dispersão dos vestígios, ao espaço agrícola, somos tentados a propôr mais que um casal, uma “villa”, apesar de nos faltarem elementos fundamentais como são as colunas, os capiteis, as pedras lavradas de bom porte, os materiais de importação e naturalmente os mosaicos ou, na sua

65 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 11/12, 1987, p. 98-100 e 15/16, 1989, p. 92.

falta, materiais de construção que indiciam termas. Nada disto até, ao momento, encontramos e até os materiais cerâmicos que vimos são demasiado banais para provirem de uma estrutura agrária com o peso económico e social que as “villas” tinham. Depois não temos qualquer certeza de relacionamento institucional e cronológico entre as *tegulae* aparecidas junto à igreja e à fábrica. Podem, muito bem, pertencerem as estruturas cronoculturalmente desfazadas. Se pertencem ao mesmo ambiente cultural até que ponto poderemos dizer que umas provêm de uma casa e outras, por exemplo as da igreja, de uma necrópole? Não o sabemos, embora suspeitemos que se um dia conseguimos interligar os vestígios situados a Sul do ribeiro de Peralta - Fábrica de Lacticínios, Igreja e Cepães - nos encontraremos perante uma estrutura fundiária algo semelhante à “villa” Menendi da Apúlia, “villa” do Paço de Vila Cova (Barcelos), ou na pior das hipóteses, aos prováveis casais da Quinta de Belinho e da Agra do Relógio - Redondas.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987 e 15/16, 1989, p. 98-100.

25 - Cepães - Marinhas

- Tegulae
- 41° 33' 12" N
- 0° 20' 46" E
- 7 m

O lugar de Cepães é, de todos os núcleos habitacionais da extensa freguesia de S. Miguel de Marinhas, o que se encontra mais próximo do mar e também um dos mais antigos e importantes, já que anteriormente ao século XIV a paróquia era designada como “Sancti Michaelis de Zopanes” ou “Freguisia de San Miguel de Çepães”. O actual lugar, situado entre a Estrada Nacional nº13 e o mar, é um núcleo urbano concentrado e disposto ao longo da estrada de acesso à praia, para a qual convergem outros arruamentos e casas.

É neste espaço que vão aparecendo *tegulae* (66), sobretudo quando há necessidade de se proceder à abertura de valas destinadas a obras de saneamento ou para assentamento de alicerces de novas moradias. Como têm aparecido desligadas de contextos arqueológicos mais precisos não sabemos a que tipo de estruturas as atribuir nem que cronologia surgir.

Como hipótese de trabalho poderíamos tentar relacioná-las com as estruturas melhor documentadas do aro da actual igreja e com a grande dispersão de *tegulae* que ocorre,

66 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 11/12, 1987, p. 98-100.

algumas centenas de metros para Norte, na proximidade da Fábrica de Lacticínios. Caso se confirmasse um tal relacionamento poderíamos então falar numa “villa” e em suas dependências. Mas até que apareçam novos dados que confirmem ou desmintam esta nossa hipótese, ficámos-nos unicamente pela dicção de um sítio onde têm vindo a aparecer *tegulae*.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 98-100.

26 - Senhor dos Desamparados - Palmeira de Faro

- Castro
- 41° 32' 20" N
- 0° 23' 58" E
- 123 m

O lugar de Terroso está situado na parte oriental da freguesia, na vertente do monte do Senhor dos Desamparados, que está voltada para o vale das freguesias de Curvos e de Vila Cova e para o curso do ribeiro de Rodilhões (Fig. 14). A actual denominação advém-lhe do facto de haver na acrópole do antigo castro uma capela construída em memória dos populares mortos no decorrer da 2ª Invasão Francesa.

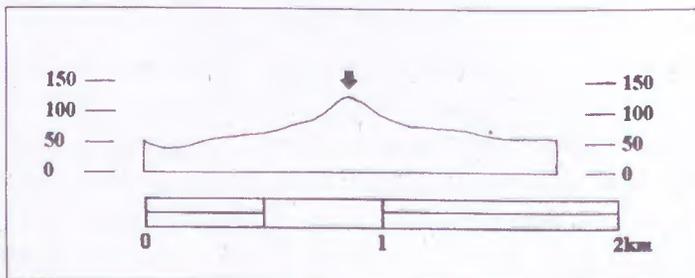


Fig. 14

O habitat, que após a sua descoberta, passou a ser designado por “castro do Senhor dos Desamparados” (67), aproveitou a parte superior de um pequeno maciço de formação granítica, situação que tem motivado a exploração de pedra com consequências negativas para sua conservação e integridade. Apesar de não ser grande, conserva ainda parte de um

67 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 11/12, 1987, p. 104-105

sistema defensivo que se apoiava em duas muralhas de pedra reforçada a Norte e Poente e por um bem dimensionado fosso.

Pela encosta e coroa, povoada de pinheiros e algumas austrálias, fácil é de encontrar cerâmicas castrejas feitas à roda à mistura com *tegula*, *ímbrex* e mós manuais. Apesar do espólio incaracterístico, quanto a grandes triagens culturais, parece contudo indicar uma boa presença no começo da Romanização ao que não será alheio o seu posicionamento no centro de uma vasta zona agrária, afinal talvez junto de uma já longa presença na área se quisermos recordar os túmulos megalíticos e as sepulturas com caixas, em lousa e fundo revestido a areia (68).

A escassos 15 - 20 metros dos terrenos agrícolas que marginam o ribeiro da Reguenga a Poente e os que se estendem a Nascente até ao ribeiro de Rodilhões, fácil é de prever um bom aproveitamento dos recursos naturais existentes, tanto mais que os castros mais próximos e que poderiam entrar em concorrência directa se encontram bem distantes e desligados deste contexto.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 104-105.

27 - Susão - Palmeira de Faro

- Casal (?) de época romana
- 41° 33' 35" N
- 0° 23' 20" E
- 130 m

O lugar de Susão é um pequeno aglomerado habitacional anichado na vertente nascente do planalto de Vila Chã. Trata-se de uma boa área agrícola, aplanada ou disposta em socalcos muito suaves, sulcada pelo ribeiro de Pego que, mais a Sul, recebe o nome de ribeiro da Reguenga e servida por uma boa mão cheia de poços e nascentes de água. Susão é, como já escrevemos, “um pequeno vale, de boas terras de cultivo, bem irrigadas e onde, apesar do carácter minifundista, se pode desenvolver uma actividade agrícola com certa rentabilidade” (69).

68 - Idem, op. cit., 102-103; SOEIRO, Teresa, Necrópoles Proto-Históricas do Concelho de Esposende, ACMB, 2, 1988, p. 35-47, il.

69 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 15/16, 1989, p. 95-97.

Os vestígios arqueológicos têm vindo a aparecer nos campos da “Linhariça” e do “Sobalo” e na “Bouça das Chaves”. São terrenos limítrofes onde além das *tegulae*, lousas, pesos de tear e cerâmica comum de época romana, há ainda a certeza de haver muros enterrados lareiras e mós manuais (70).

Conjugando o quadro geo-morfológico do vale de Susão com o pendor dos vestígios parece-nos mais ajuizado sugerir a presença de um casal de época romana, embora abastado, que propriamente uma “villa”. Com isto não queremos dizer que, se comportasse alguns poucos hectares de terra arável e bastante mais de monte, não fosse capaz de sobreviver economicamente nestas paragens. O que nos parece é que a falta de elementos típicos das “villae”, tais como capiteis, colunas, grandes silhares bem aparelhados e materiais cerâmicos de melhor qualidade entre os quais se incluem as *sigillatas* e os vidros, não permitisse, para já, outra conclusão que aquela que até agora temos vindo a propor.

Bibliografia: BOAVENTURA, Manuel de, Afloramentos Arqueológicos no Vale de Susão - Esposende, “Lucerna”, 2ª série, Porto, 1985-1986, p. 141-144; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 15/16, 1989, p. 95-97.

28 - Igreja - Palmeira de Faro

- *Tegulae*

- 41° 32' 49" N

- 0° 23' 30" E

- 83 m

A igreja e o cemitério paroquial de Palmeira de Faro estão localizados na margem poente do ribeiro da Reguenga, no topo norte da Quinta da Seara, num espaço de terreno aplanado que antecede a encosta nascente do Monte Faro.

Em termos arquitectónicos trata-se de um templo simples, mas de traça elegante construído, muito provavelmente, no decorrer do séc. XI mas que sofreu sucessivos melhoramentos alguns dos quais no espaço circundante que inclui o adro.

No decurso das últimas obras que ocorreram em 1991 (71) apareceram no adro fragmentos de *tegulae* que podem estar relacionadas com enterramentos alto medievos ligados ao primitivo templo dedicado a Santa Eulália. No entanto outros relacionamentos poderão ser eventualmente determinados.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 11/12, 1987, p. 102.

70 - Idem, op. cit., p. 96-97.

71 - ABREU, Pe. Armindo Patrão de, Palmeira de Faro - Esposende, Esposende, 1991, p. 19.

29 - Borreiros - Vila Chã

- *Tegulae*
- 41° 34' 20" N
- 0° 22' 48" E
- 185 m

O sítio de Borreiros é um micro-lugar situado na parte norte da Aldeia de Baixo. É uma área agrícola, aplanada, entremeada de tufos de pinheiros, que ultimamente tem vindo a ser transformada em zona residencial.

Foi, precisamente, a construção de uma destas casas que levou à descoberta de algumas *tegulae* e de alguns fragmentos de cerâmica comum, tardia no contexto das produções cerâmicas de época romana.

Por tudo isto e tendo em atenção o tipo de solos e a sua localização, parece-nos que o espólio arqueológico deverá ser atribuído a uma ocupação tardo-romana (talvez um casal), se não mesmo já alti-medieval.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 13/14, 1988, p. 40-42.

30 - Paço - Vila Chã

- *Tegulae*
- 41° 34' 20" N
- 0° 23' 30" E
- 184 m

O antigo território que constituía a área patrimonial do Paço desmembrou-se acabando por ser subdividido em unidades menores que ainda conservam sugestivos nomes como Paços, Todos-os-Paços, Pacinhos, Cemintela, Campo da Agra, Agra de Cortes e Agrela. Em todos eles aparecem vestígios arqueológicos, nomeadamente pedra de construção, cerâmica de época romana e *tegula*. São, no fundo, restos de uma ocupação de características bem romanas, a começar pela localização (72).

Todos estes topónimos se aplicam a uma área bem definida, localizada no centro da freguesia, local onde se viria a construir a igreja dedicada a S. João Baptista, bem junto ao ribeiro de Peralta. É uma área de planalto, aliás como toda a componente agrícola e

72 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 7/8, 1985, p. 42-43.

habitacional da freguesia, que está protegida do lado norte pelos contrafortes da serra e do monte da Cerca. Tal localização permitir-lhe-á otimizar uma exploração agrária, provavelmente de tipo casal bem abastado, que centrava os seus esforços em terrenos de razoável qualidade produtiva, com boa exposição solar e uma irrigação a partir de nascentes existentes nas faldas do monte.

No tocante à cronologia, tendo em vista algumas cerâmicas comuns, parece-nos ser uma exploração do Baixo Império que terá coexistido com o povoado de Covelos localizado na parte nascente da actual freguesia.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 7/8, 1985, p. 27-51.

31 - Covelos - Vila Chã

- Povoado tardo-romano
- Necrópole tardo-romana
- 41° 34' 05" N
- 0° 23' 30" E
- 190 m

O Gestal ou Covelos é uma extensa área de mato localizada na proximidade das Mamuinhas, entre a estrada nacional (Barca do Lago - Palme) e a camarária que serve a igreja paroquial e faz a ligação à Aldeia de Baixo (Fig. 15).

O habitat ocupa uma boa parcela deste monte, de escassa elevação e vertentes muito suaves. Não se lhe conhece sistema defensivo, embora ele possa ter existido à semelhança dos povoados construídos na viragem da ocupação romana para o período de influência germânica. De realçar são, no entanto, os vestígios arqueológicos que comprovam a existência de um habitat e de uma respectiva necrópole.

O primeiro caso está comprovado pela presença de muita *tegulae*, cerâmica comum de época romana, pedra de construção nos muros circunvizinhos e sobretudo pelos restos de uma habitação com o respectivo piso e lareira feita com *tegulae* fragmentada. Apareceu na altura em que fizemos uma pequena sondagem, na mesma ocasião em que tentamos encontrar o que poderia restar da necrópole destruída com a abertura de uma série de covas para a plantação de vinha.

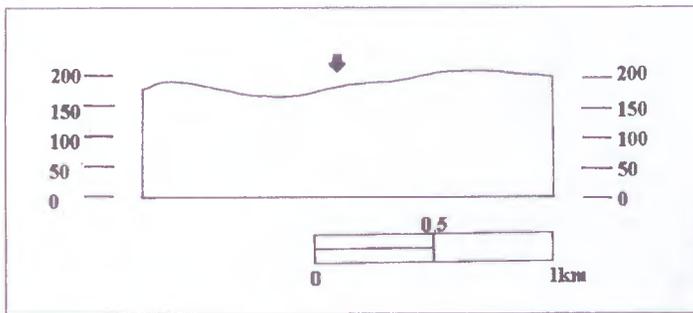


Fig. 15

Da necrópole ficou-nos principalmente a informação de haver tijoleiras, dispostas de tal modo, que lembravam caixas rectangulares.

A cerâmica encontrada no povoado e a recolhida na destruição da necrópole que se situava a Sul, num plano adjacente, mas inferior àquele, toda ela é de técnica e fabrico de época romana, mais concretamente do Baixo Império.

Predominam as pastas e superfícies claras, com realce dos acabamentos alisados e exceptuando os meandros (Fig. 16.5) e as dedadas ao nível do bordo (Fig. 17.1 e 17.2) pode-se dizer que primam pela quase total ausência decorativa. Nas formas há a considerar a presença de cântaros, bilhas e jarros (Fig. 16.4 e Fig. 17.4 e 17.5), almofarizes (Fig. 17.3), panelas de vários tamanhos, mas todas elas de bojo rombóide (Fig. 17.6 e Fig. 18), *dolia*, pratos e taças (Fig. 16.2) onde predominam as de aba voltada para o exterior. Completam o conjunto, bastantes fundos planos (Fig. 16.3) bem como os côncavos (Fig. 16.1) cuja pasta cinzenta, algo grosseira, prenuncia as cinzentas características do período visigótico, alguns pesos de tear, muita *tegula* e *ímbrex*. São, na maioria dos casos, produções bem conhecidas em contextos arqueológicos tardorromanos, sejam eles em Conímbriga, Bracara Augusta, Castelo de Faria, Vila Cova (Barcelos) ou mesmo na “villa” do Paço Velho da Facha (Ponte de Lima). Se o espólio não deixa grandes dúvidas o mesmo se poderá dizer quanto à localização e à ausência, que poderá ser somente aparente, de estruturas defensivas (73).

Situado na parte ocidental da freguesia está praticamente na linha que demarca os terrenos agrícolas daqueles que têm maior aptidão florestal. Não temos dúvidas em considerar que a escolha do sítio privilegiou em primeiro lugar as terras agricolamente férteis e trabalháveis que se dispõem para Poente, a existência de água e a proximidade de uma área de monte onde, além do mato necessário ao estrume, poderiam abastecer-se de lenha e madeira.

73 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit. 7/8, 1985, p. 41.

Fig. 16

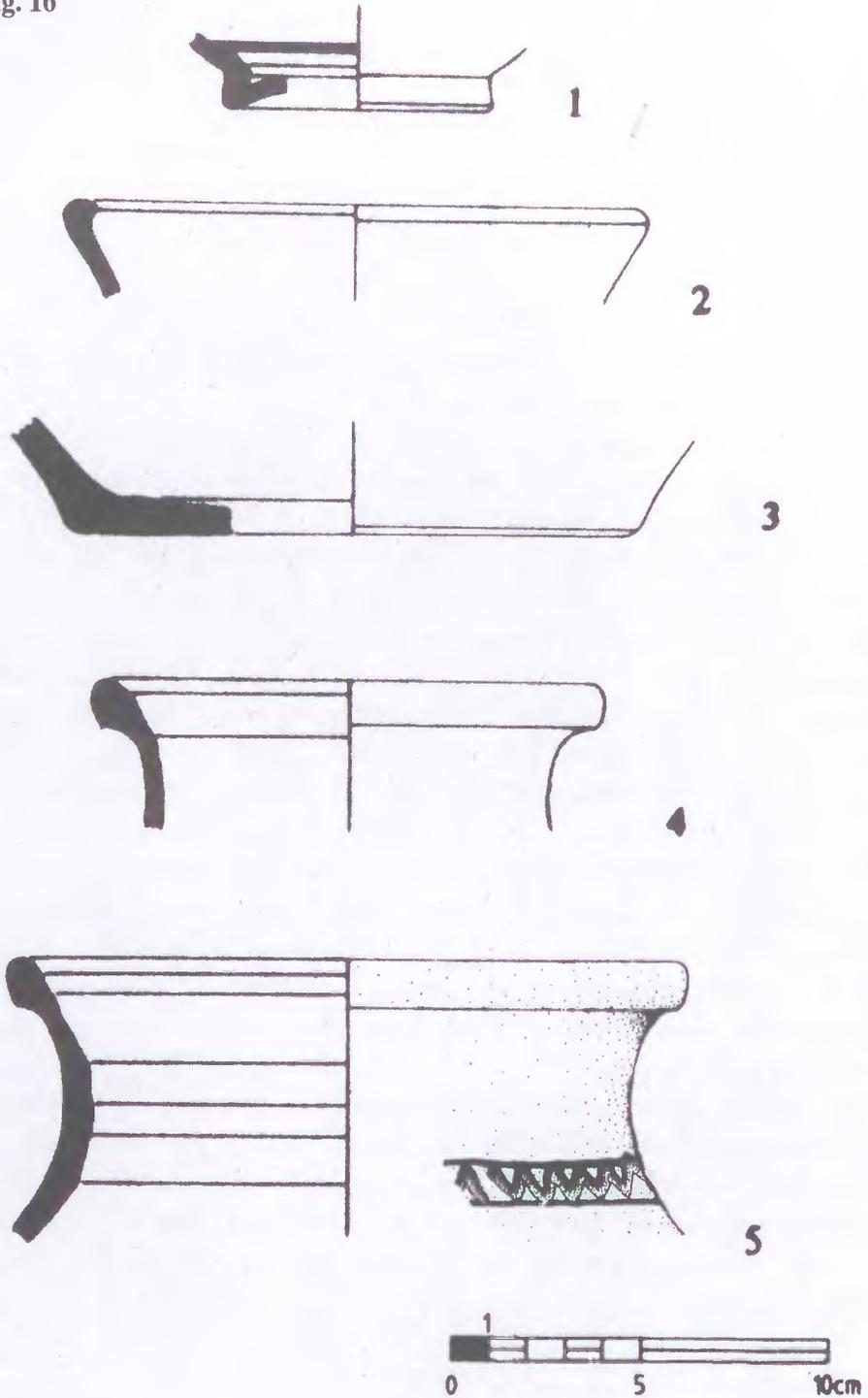


Fig. 17

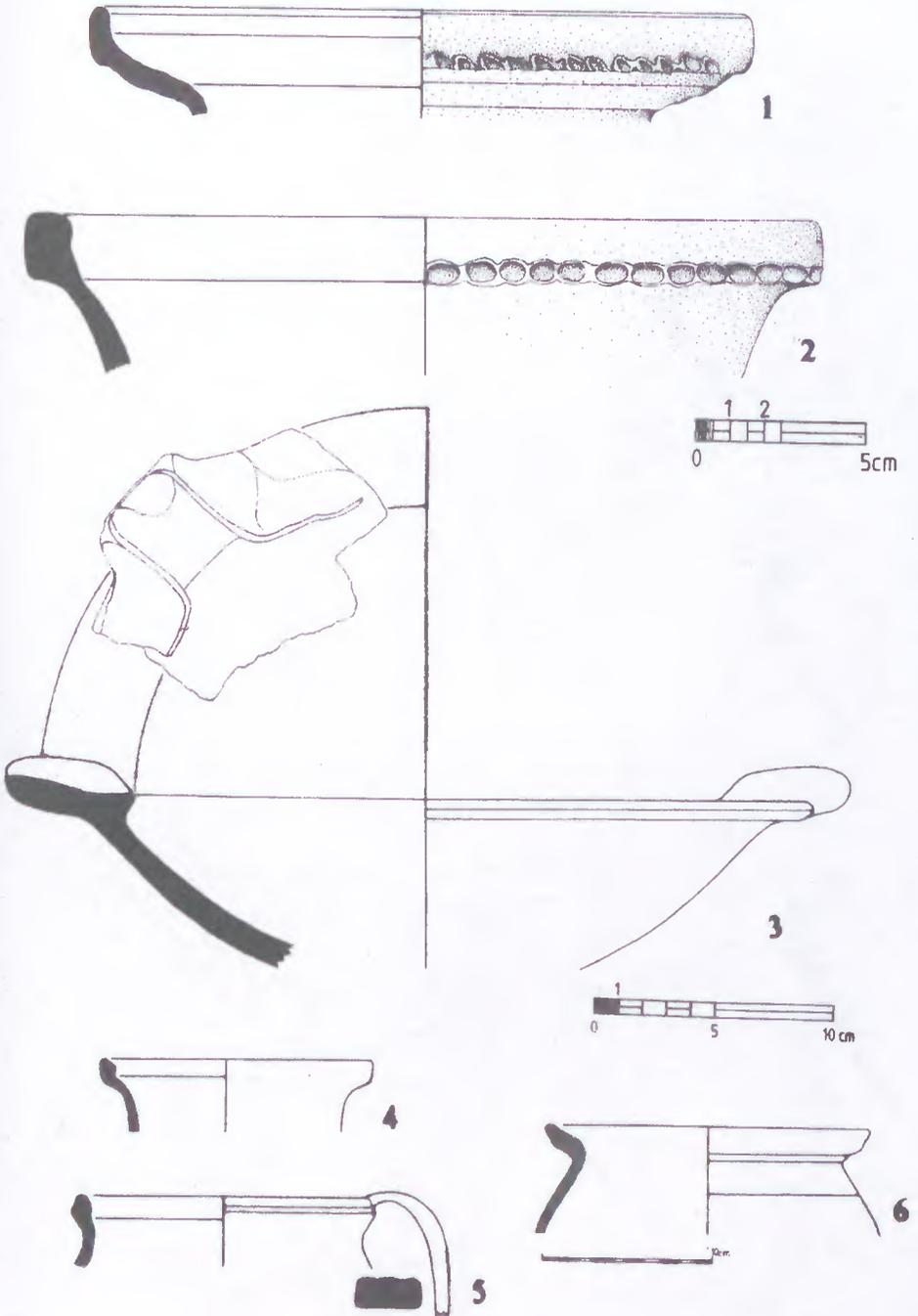
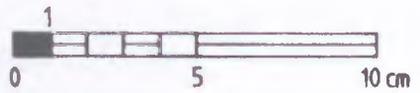
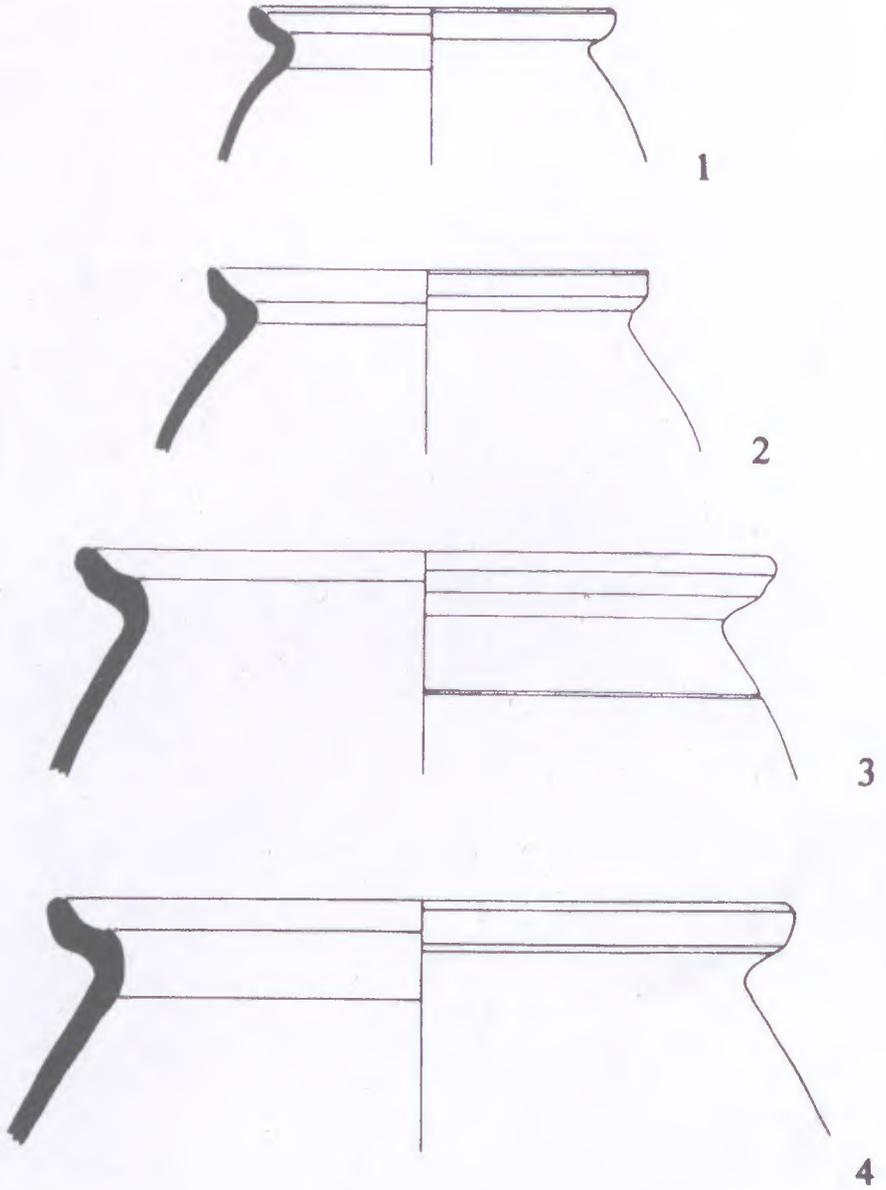


Fig. 18



As habitações foram instaladas num outeiro geologicamente granítico e onde abunda o saibro. Com inclinação natural para Sul/Poente, permitia uma ampla visualização dos terrenos aráveis era arejada em razoável número de horas de sol. Afinal o que já havia sido bom para os povos megalíticos constituírem alguns dos seus túmulos também o era para os galaicos-romanos desta região.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 7/8, 1985, p. 27-51.

32 - S. Lourenço - Vila Chã

- Castro
- Ara
- Inscricão a Júpiter
- 41° 33' 19" N
- 0° 22' 20" E
- 20 m

O castro de S. Lourenço, sem dúvida a maior povoação castreja do concelho de Esposende, está situado num dos muitos cabeços em que é fértil a arriba fóssil que se desenvolve da crista do Alto de Faro, em Palmeira de Faro, à “Subidade” de Belinho, em S. Paio de Antas (Fig. 19).

A povoação, hoje bem assinalada pela capelinha dedicada a S. Lourenço, foi implantada no que geologicamente se pode considerar um esporão granítico que, inserido na arriba, acaba por se individualizar por força das pequenas depressões que ocorrendo a Norte e a Sul fazem companhia a uma vertente íngreme e pedregosa voltada à planície costeira e aos lugares de Pinhote e Outeiro, anichados na sua base alta. Foram tais características, aliadas à certeza de haver água na depressão localizada a Norte e à óptima visualização que se tinha sobre o mar, sobre o curso final do rio Cávado e sobre a planície costeira que se estende para Sul até aos montes de Terroso e Laúndos, que terão pesado, e muito, na escolha do sítio. Aliás, a abrangência topográfica ainda será mais vasta, pois se nos colocarmos no alto da acrópole, temos comunicação visual com castros próximos ou distantes como é o de S. Mamede (Feitos), Monte Crasto de Palme, Castelo de Faria, no monte da Franqueira, e, mais para o lado de Barcelos, o Monte Castro de Abade de Neiva e a citânia de Oliveira, no Monte Facho de Roriz-Oliveira.

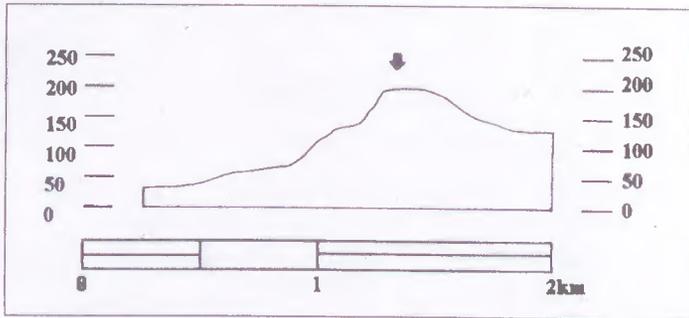


Fig. 19

Dificuldades de comunicação há no sentido norte, pois uma crista do monte mais elevada impede uma observação atenta e cuidada da orla costeira que se estende até ao rio Neiva e uma interligação, se necessária, com outros castros instalados ao longo da arribal litorânea. Talvez que este obstáculo tenha originado o aproveitamento de um outro cabeço, localizado a Norte da acrópole, do outro lado da pequena depressão onde passava uma linha de água, hoje com ínfimo caudal, senão mesmo, à excepção do inverno, definitivamente seco. A este cabeço os construtores do sistema defensivo fizeram convergir a muralha mais exterior, acabando por instalarem no cimo um torreão que, subindo a cota, facilitava a observação da plataforma litoral e permitia a transmissão de eventuais mensagens para os habitats localizados mais a Norte.

Podemos então concluir que a escolha do sítio foi bem pensada e estruturalmente conseguida, se tivermos em conta alguns dos vectores fundamentais para a sobrevivência física e económica de um núcleo habitacional de razoáveis dimensões, como foi e era o castro que hoje é somente denominado monte de S. Lourenço.

O conhecimento desta estação não é de hoje.

A mais antiga referência poderá remontar a 1758 caso a informação prestada pelo abade Francisco Manoel Brandão Pereira se refira realmente ao monte de S. Lourenço. É que bem pode dar-se o caso de “os vestígios do alicerce de hum forte, que por tradição dizem he do tempo dos Mouros” se encontram “em o alto de hum Outeiro” (74) não serem os de S. Lourenço antes do alto do monte da Cerca onde, para além de uma “mamoinha”, há ainda resto a de uma ciclópica muralha de pedra (75).

No final do século XIX as informações avolumaram-se pois Pinho Leal mencionava a presença de moedas romanas; J. Augusto Vieira referia o aparecimento de um machado

74 - LOSA, António, Relação da Villa de Espozende, BCE, 7/8, 1985, p. 132.

75 - SARMENTO, F. Martins, Dispersos, Coimbra, 1933, p. 155-156; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit, 7/8, 1985, p. 43-44.

de bronze (76) e Martins Sarmiento que em Vila Chã escavara e pesquisara as “mamoinhas” do Rapido e da Serra e andara por S. Lourenço que ele considerava “um pequeno castro” onde estavam “bem à vista vestígios de influência romana; pedaços de telha com rebôrdos e fragmento de ânforas” (77). Posteriormente serão Teotónio da Fonseca, Falcão Machado, Leandro Q. Neves e principalmente Manuel de Boaventura (78) que, a propósito deste ou daquele achado, se referirão, com maior ou menor pormenor, ao castro de S. Lourenço.

Em meados da década de 50, mais concretamente em 1954, uma forte polémica se levantou a propósito do aparecimento de uma ara quando se rompia o caminho de acesso à capela erguida, séculos antes, no cimo da pequena acrópole. Recolhida no Museu Pio XII de Braga (79) viria a ter a oposição de Manuel de Boaventura que na sua qualidade de representante do Ministério da Educação Nacional no concelho, achava que a ara, na altura atribuída a DAFA, mas que uma posterior revisão viria a confirmar como sendo dedicada a DEA SANCTA (80) (Fig. 20), deveria ser enviada a um museu nacional.

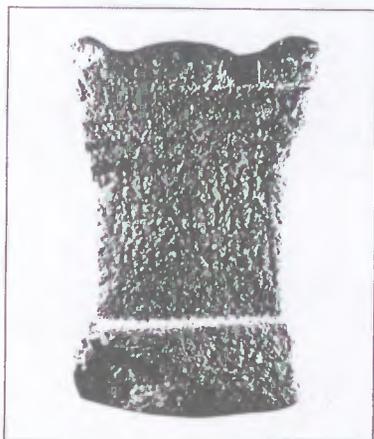


Fig. 20

As agruras e as destruições deste habitat também não são de agora.

Uma das mais antigas e significativas data da altura em que a acrópole foi adaptada a fortaleza medieval e no seu centro foi construída a capela dedicada ao mártir romano S.

76 - LEAL, Pinho, Portugal Antigo e Moderno, XI, Lisboa, 1886, p. 681; VIEIRA, J. Augusto, Minho Pitoresco, I, Lisboa, 1886, p. 199.

77 - SARMENTO, F. Martins, op. cit., p. 159-160.

78 - FONSECA, Teotónio da, Espozende e o seu Concelho, Espozende, 1936, p.143; MACHADO, Falcão, Espozende, Monografia do Concelho, Espozende, 1951, p. 76; NEVES, L. Quintas, Os Castros do Norte de Portugal, Lucerna, 4, 1965, p. 172-180; BOAVENTURA, Manuel de, A Ara a Dafa, Lucerna, 1965, Porto, p. 270-273.

79 - ROSÁRIO, A. do, Falam Documentos, 2-3 (31-66), Braga, 1973.

80 - SANTOS, L. ROUX, P. le, TRANOY, A., Inscrições Romanas do Museu Pio XII, BA, 37, 1983, p. 183-205.

Lourenço (Fig. 21). Tal efeméride ocorreu em data anterior a 1549, pois o Tombo da freguesia, elaborado nessa altura, diz textualmente que os limites da mesma passavam “pela ermida do bem-aventurado S. Lourenço”.



Fig. 21

Descaracterizada a acrópole o mesmo se passará com a restante área do castro. Muralhas, casas e muros foram sendo desmantelados e a pedra reutilizada nos muros que dividem as propriedades e mesmo nas casas de habitação quando se tratava de pedra de maior dimensão e esquadriada. Ficaram os alicerces e paredes mais resguardadas até ao dia em que a sua segurança foi posta em risco.

Um dos primeiros casos ocorreu na década de 50 quando se alargou o caminho de acesso à capela, se aplanou o espaço onde futuramente se haviam de construir dois inestéticos coretos. As obras haveriam de conduzir à destruição de uma parte da 2ª muralha, de uma série de casas, ao aparecimento de material cerâmico, de algumas moedas romanas e de já supracitada ara dedicada a DEIA SANCTA (81).

A destruição mais recente e também a mais profunda ocorreu no início da década de 80 quando o proprietário da pedreira que laborava na base do flanco oeste pretendeu abrir um caminho que lhe desse acesso fácil e directo para a zona dos coretos e consequentemente uma ligação à estrada camarária Esposende-Vila Chã. Dos trabalhos

81 - BOAVENTURA, Manuel de, op. cit.

realizados resultou a destruição de casas de habitação (82), do aparecimento de enormes quantidades de material cerâmico que se perdeu ou simplesmente foi levado por visitantes e curiosos e de um peso de chumbo de forma periforme, com suspensão em ferro, superfícies desgastadas mas que, pelo peso que actualmente ostenta -273,200grs - deverá ter servido como “Deunx” numa balança romana (Fig. 22).

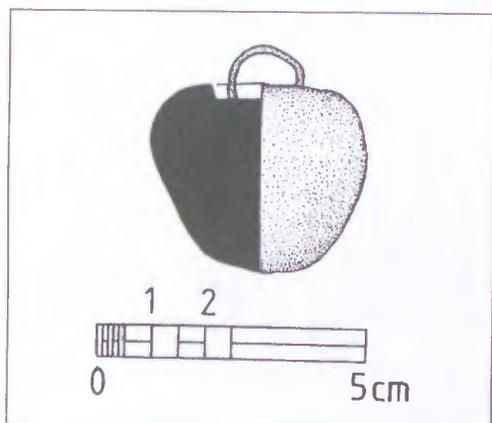
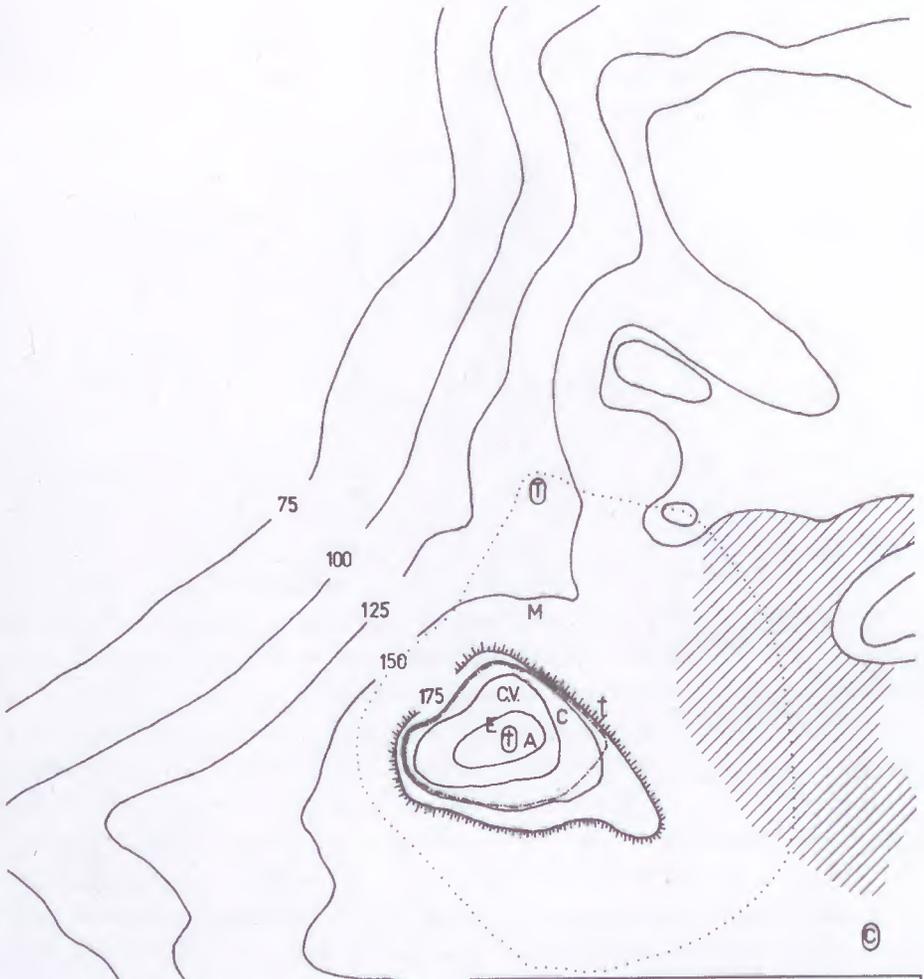


Fig. 22

A última grande intervenção, não propriamente arqueológica, mas que foi acompanhada pelos responsáveis pela arqueologia concelhia, ocorreu entre 1992 e 1993, altura em que se deu uma nova feição urbanística ao monte com o alargamento e pavimentação do caminho de acesso à capela, reorganização do espaço que envolve a ermida e deslocação e construção de uma nova escadaria de acesso. Estes trabalhos levaram à descoberta e escavação, para já parcial, dos Sectores A, C, CV e T (Fig. 23) e à necessidade de se encontrar um compromisso entre a preservação das estruturas arqueológicas existentes no caminho a pavimentar e as soluções preconizadas pelos arquitectos paisagistas. Do diálogo resultou a integração de casas circulares com e sem vestíbulo no pavimento da rua e o restauro do primitivo piso com materiais apropriados e assaz próximos dos primitivos. Tratou-se, no nosso entender, de uma solução aceitável, plasticamente coerente, na medida em que certas estruturas receberam um determinado tratamento museológico que de outro modo não obteriam sendo mesmo irremediavelmente destruídas ou escondidas à generalidade dos muitos visitantes que, quase que diariamente, demandam o miradouro da capelinha de S. Lourenço.

82 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, NEIVA Manuel A. Penteado, O Castro de S. Lourenço, Vila Chã - Esposende, BCE, 2, 1982, p. 3-15.

Fig. 23



LEGENDA		
†	CAPELA	⋯ 1ª MURALHA
⊖	TORREÃO	⌒ 2ª MURALHA
⊕	CRUZEIRO	- - - 3ª MURALHA
▨		ANTIGOS CAMPOS DE CULTIVO
SECTORES		
A. - E. - C. - C.V. - T. - M.		

Mas passemos à pormenorizada análise do sector M1, o primeiro que escavamos em S. Lourenço e que, no fundo, tipifica os demais já intervencionados.

SECTOR M1

A primeira intervenção arqueológica realizada no castro de S. Lourenço data de 1985 e resultou das destruições ocorridas no início da década (83).

Prosseguiu em 1986 e em 1987 dando origem ao Sector M1, sigla por que ficou conhecida esta zona situada na vertente oeste do castro (Fig. 24), a escassas dezenas de metros da pedreira que na altura ainda laborava.

As razões da escolha deste sítio, em detrimento de outros, foi a presença de alguns muros cortados pelas máquinas que haviam aberto o caminho (Fig. 25.1 e 25.2), a existência de um razoável lote de fragmentos cerâmicos entre os quais abundavam os de ânfora e a necessidade de travar a expansão da pedreira, já que o castro na altura não estava ainda classificado (84).

A quadrícula de escavação foi lançada numa zona de forte pendor, como aliás o comprova o perfil topográfico da vertente oeste do monte (Fig. 25.3 e 26). Ao todo foram lançados 8 quadrados de 4X4m com duas banquetas de 0,50m onde foram feitas as leituras estratigráficas J-U e U-K que acompanham este estudo.

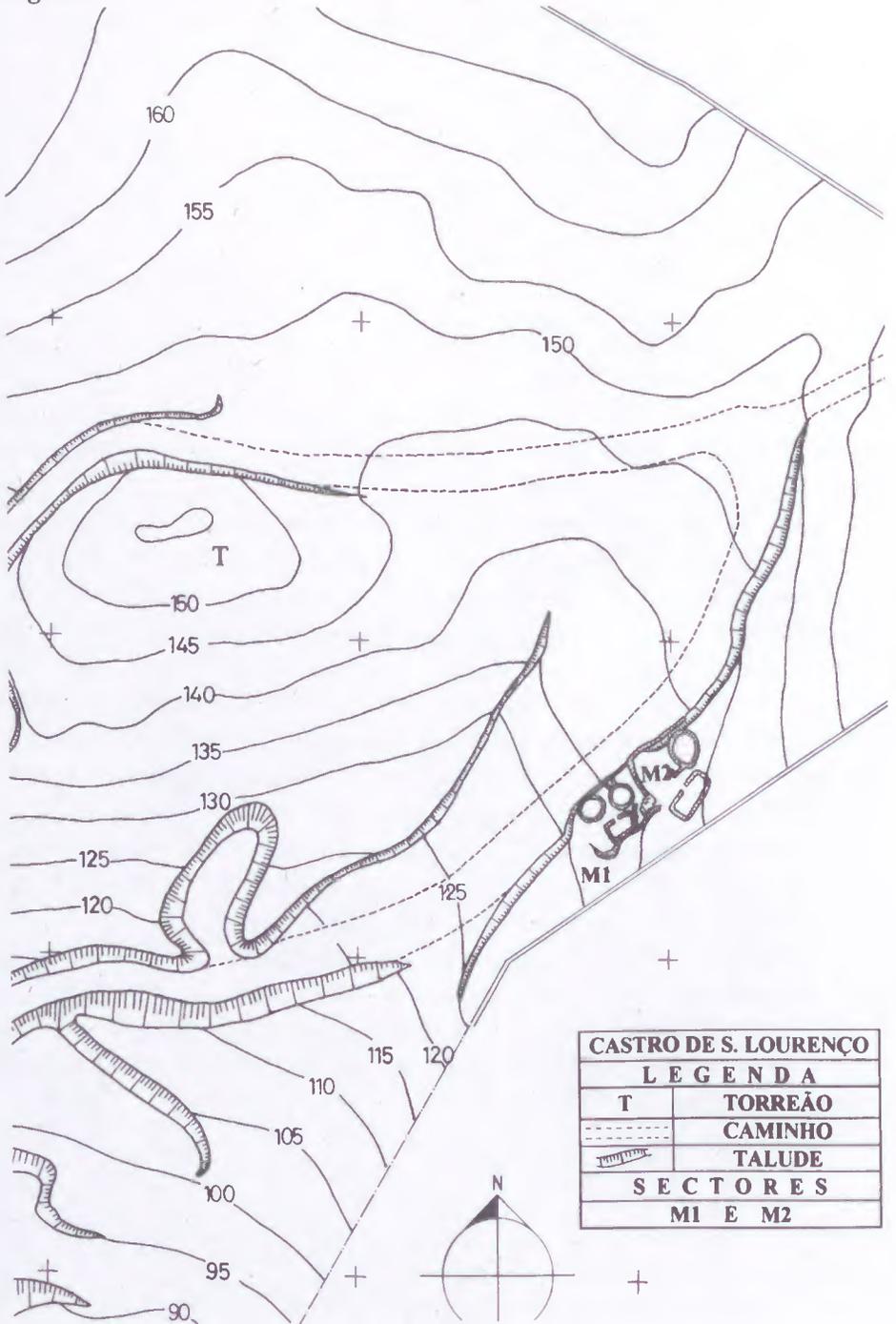
Dos quadrados programados e numerados com algarismos romanos, foram escavados somente até à altura dos pisos e lajeados, os nºs I, II, XI, XII, XXI, XXII, XXXI, XXXII e ínfimas parcelas dos nºs X, XX e XXX (Fig. 27).

Foi uma escavação extremamente penosa pelas características declivosas do terreno, pela muita pedra que constituía uma boa parte dos estratos superiores, pelas raízes das árvores e mato que infestavam o local e muito em particular pela orientação dos ventos, as tão peculiares “nortadas” do litoral minhoto que em certos dias de Verão tornavam impraticável qualquer tipo de escavação.

83 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; NEIVA, Manuel A. Penteado, op. cit.

84 - A classificação como Imóvel de Interesse Público só ocorreu em 1986 pelo Decreto do Governo nº 1/86 de 3 de Janeiro.

Fig. 24



CASTRO DE S. LOURENÇO	
LEGENDA	
T	TORREÃO
---	CAMINHO
▨	TALUDE
SECTORES	
M1 E M2	

Fig. 25



1



2



3

Fig. 26

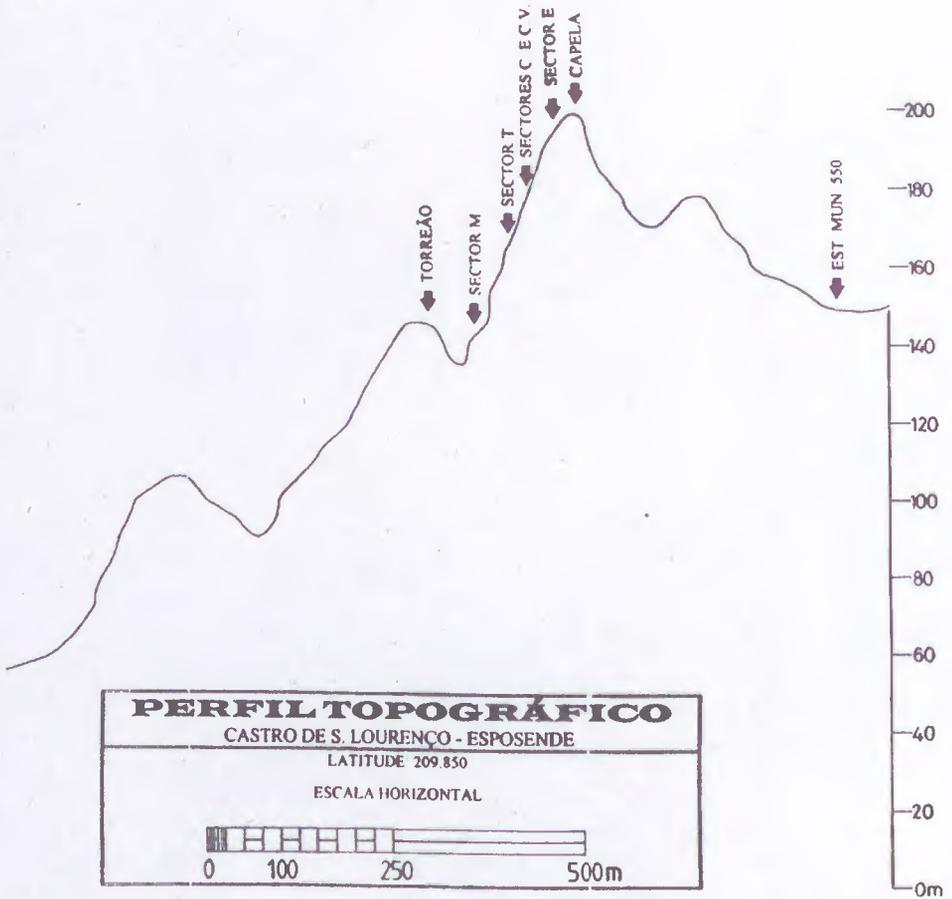
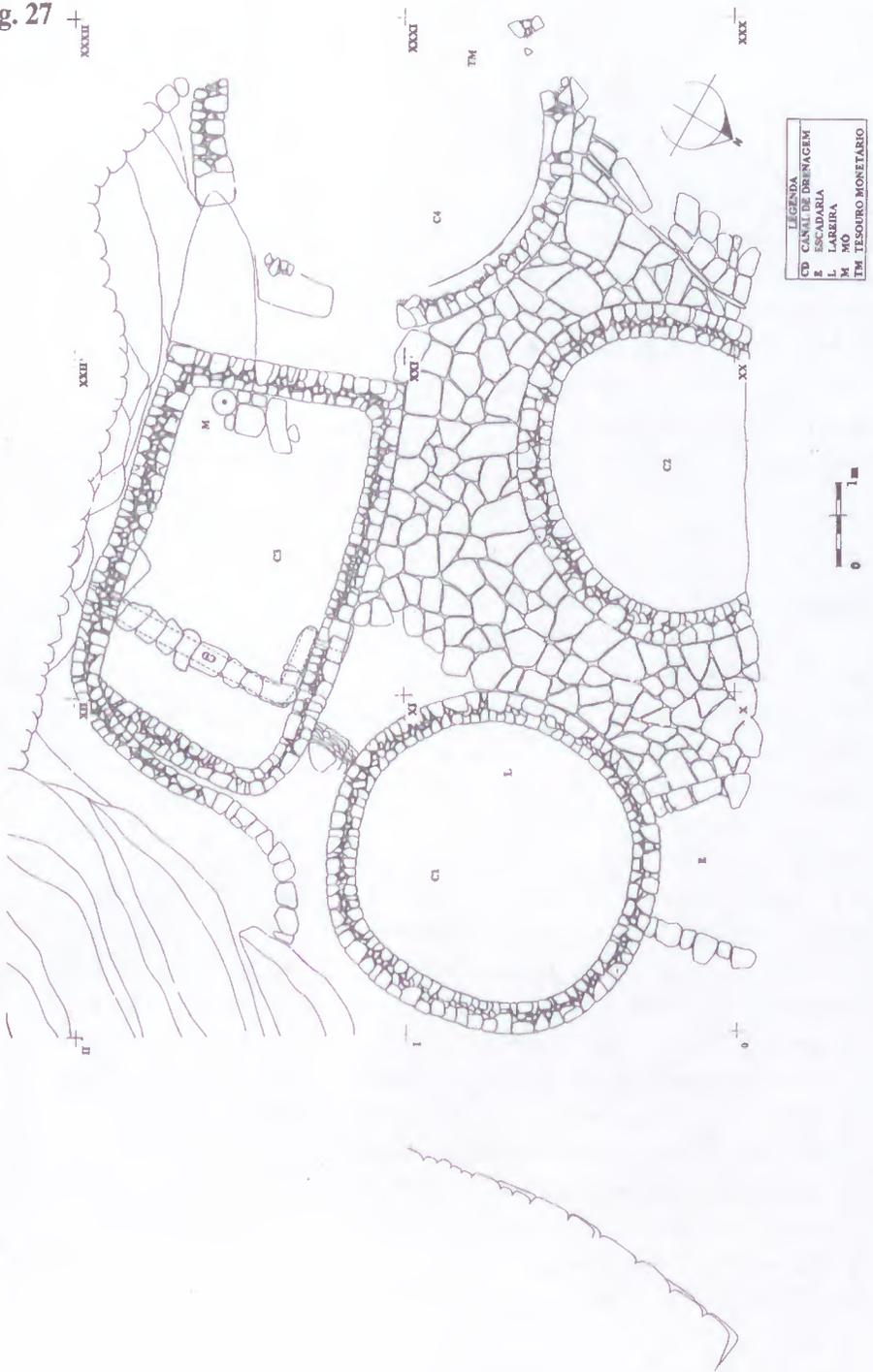


Fig. 27



• Estratigrafia (Fig. 28 e 29)

No espaço até agora escavado, até à altura dos pisos, encontramos 7 estratos que apresentam uma certa coerência e uniformidade.

O estrato 1 é espesso, acastanhado, devido à abundância de raízes de mato e de detritos herbáceos e pedregoso por força da muita pedra rolada de cotas mais elevadas. Idênticas características tem a camada 2, só que a sua coloração tendencialmente amarelada devido à presença de saibro de muros derruídos, aponta para um estrato de destruição de estruturas situadas, também elas, em sectores localizados mais acima. Para além da pedra, alguma com uma face relativamente bem aparelhada e picada, há a registar alguns fragmentos de *tegula*, bocados de xisto e bastantes fragmentos de cerâmica, com destaque para a 2 onde, a par de alguma comum de época romana e de ânfora, das formas Haltern 70 e Dressel 7-11, pontificam os dólíos, potes e panelas de produção indígena, mormente as panelas de asa interior e em orelha.

De destruição é igualmente a camada 3. A pedra e o barro continuam bem presentes e em larga percentagem, situação que dá ao estrato a coloração de um amarelo bem carregado, principalmente junto dos muros das casas C1, C2, C3 e muro de contenção (Fig. 27). No tocante ao espólio ele continua igual ao da camada anterior, com a especificidade de haver bastante mais fragmentos decorados e entre a pedra termos recolhido mós, entre inteiras e partidas, e vários “cabides” (Fig. 30.1), placas de xisto que anteriormente haviam sido salinas (Fig. 30.2) e duas metades de um gonzo de janela, um decorado e outro com as iniciais do proprietário (Fig. 31 e 32).

Por baixo desta camada há um fino estrato de terra cinzenta onde se vislumbram pequenos bocados de carvão. Esta camada, a 4, está sobretudo presente no interior da C1, aquela que tinha uma lareira em saibro avermelhado incorporada no piso. Algo semelhante, só que menos acinzentada é a 6, camada que cobria a estrutura já desmantelada da C5 em cujo interior apareceu a quase totalidade do tesouro de denários e o lajeado em toda a sua extensão. Foi aliás no interstício de duas das suas pedras, que encontramos o único denário dissonante do conjunto que se guardava na parede da C5. São, nos dois casos, resquícios do funcionamento do núcleo familiar constituído pelas C1, C2 e C3 e que tinham, a pavimentá-las, pisos de saibro - o estrato 5 - fabricados com saibro local, amarelado, arenoso, mas cuja boa qualidade e plasticidade garantiu um trabalho que chegou até nós relativamente bem conservado (Fig. 33.1 e 33.2).

O quadro completa-se com um enchimento, a 7, existente entre a penedia que serve de alicerce ao muro de delimitação e suporte e que está bem patente no limite sul do Sector o qual servia de resguardo, sobretudo, à C3 (Fig. 33.3).

Fig. 28

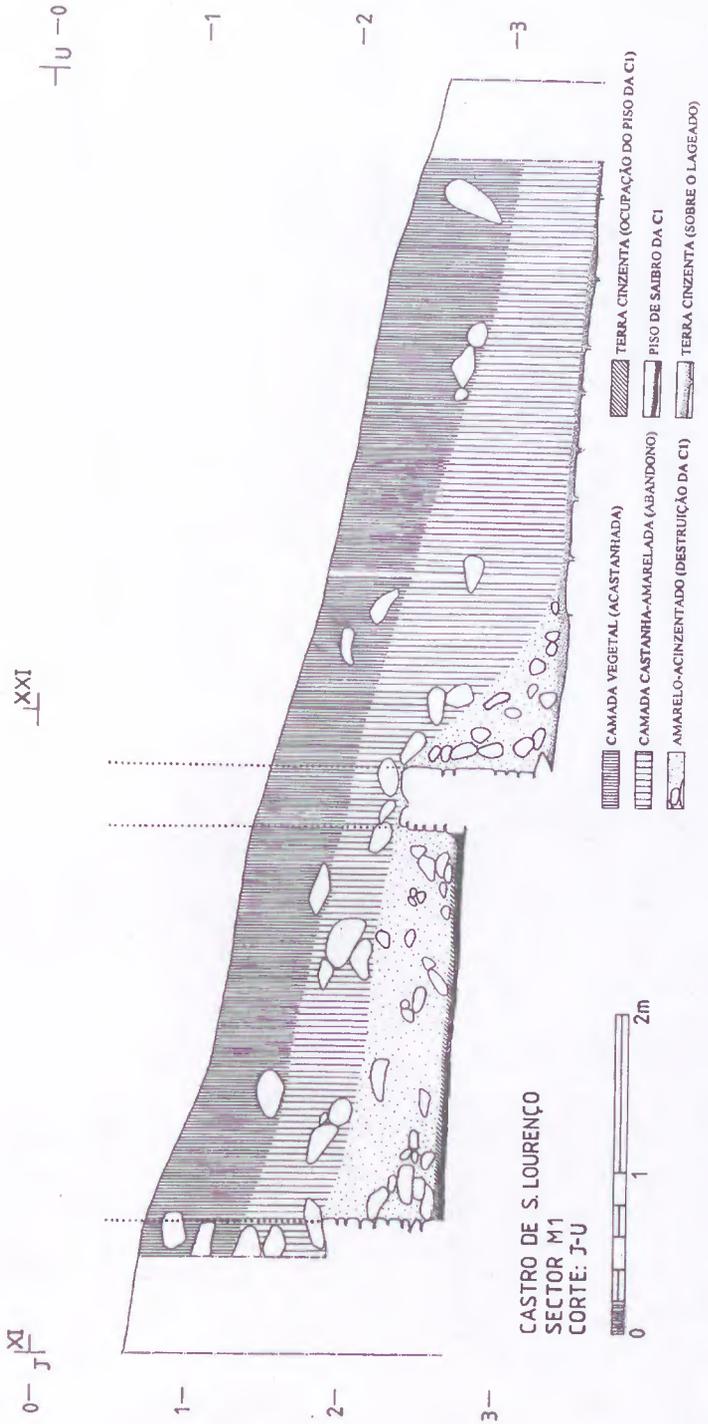


Fig. 29

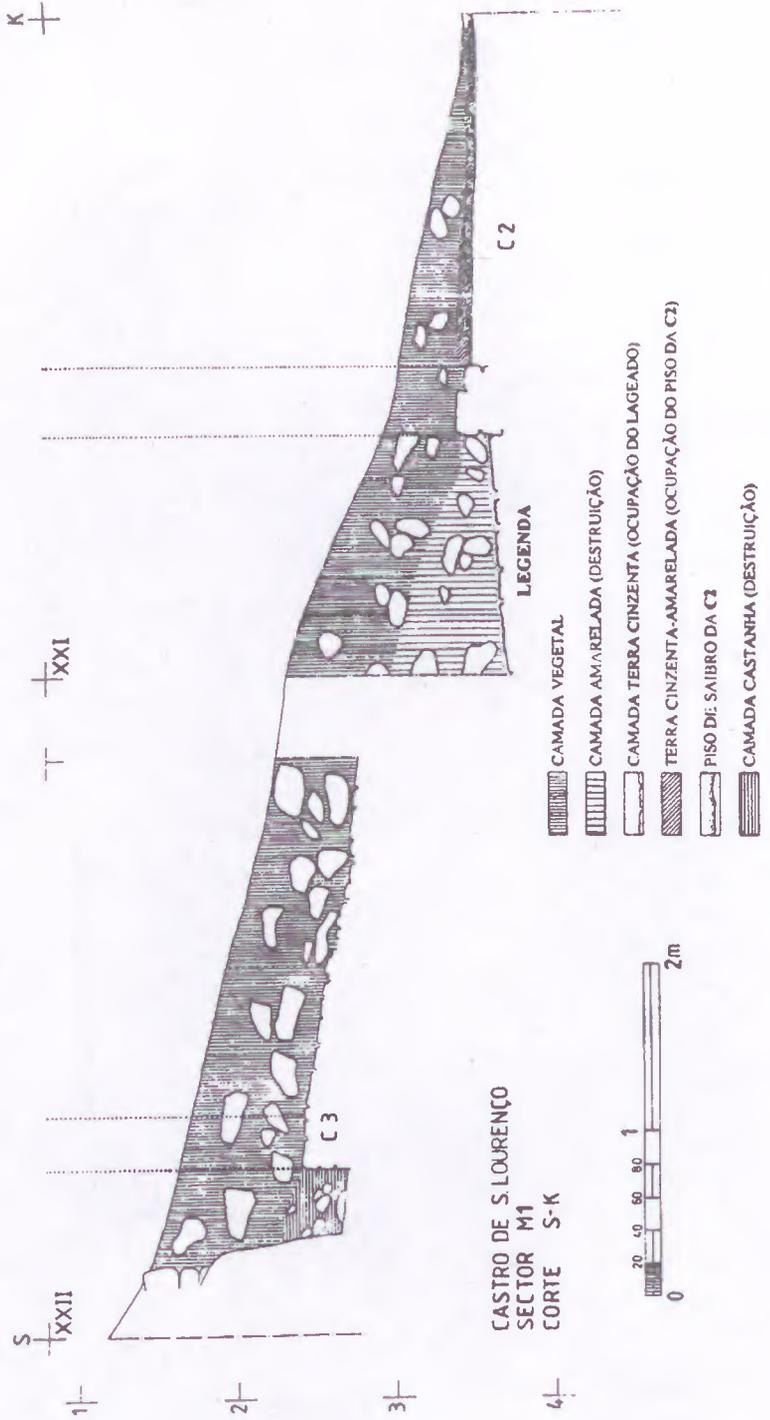
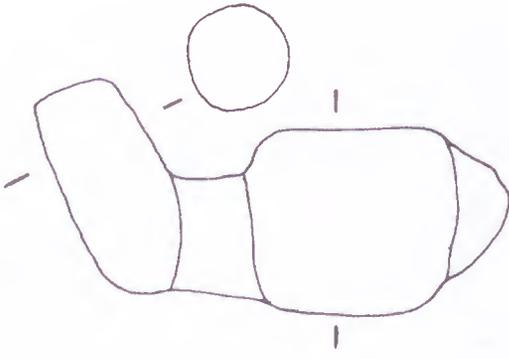
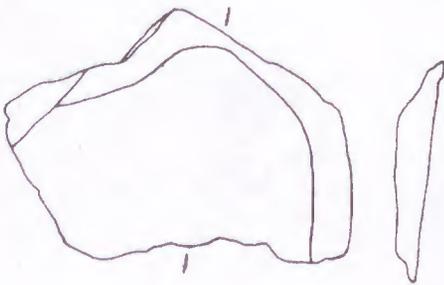
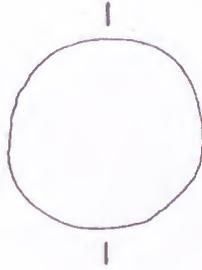


Fig. 30



1



2

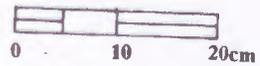


Fig. 31

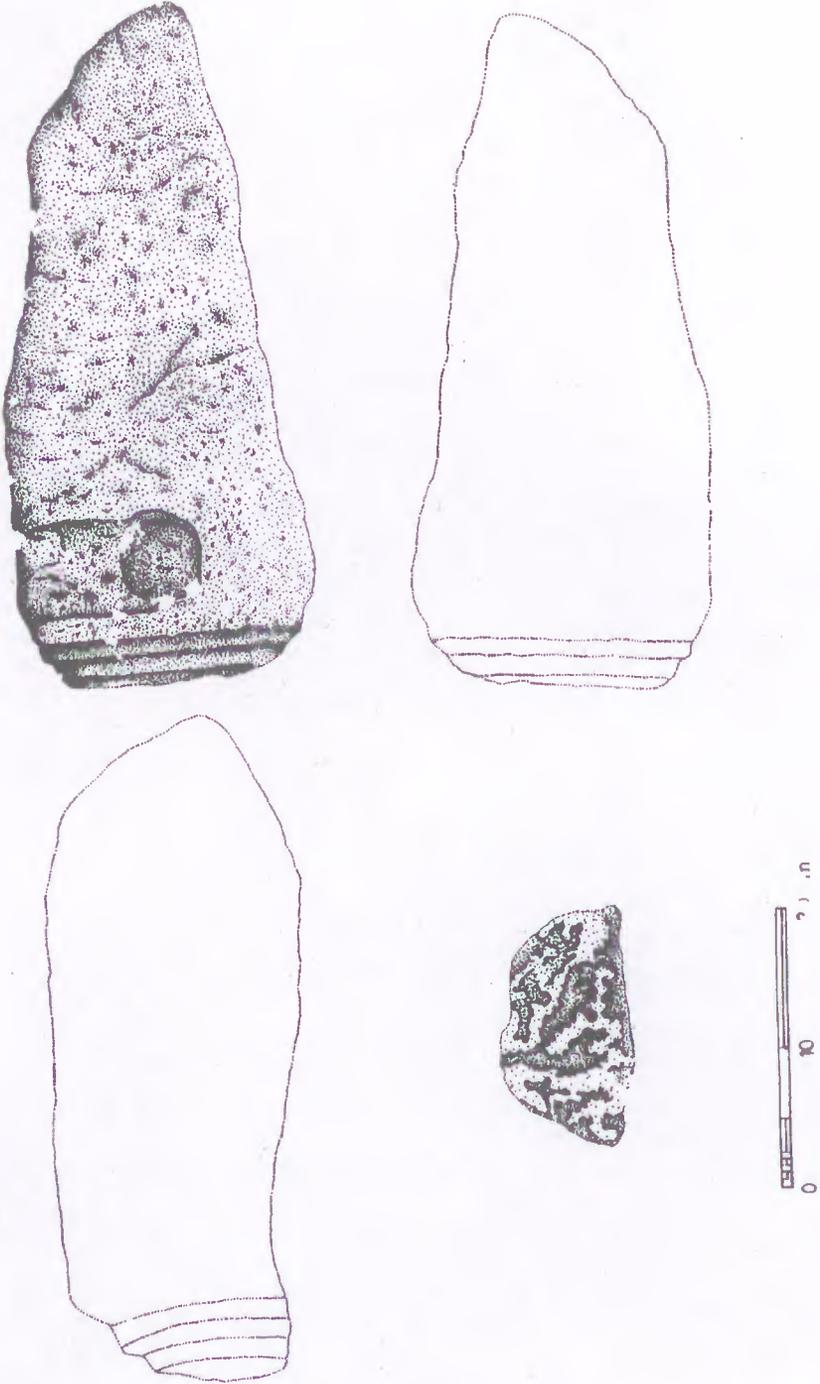


Fig. 32

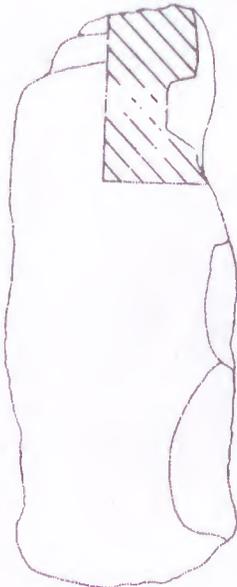
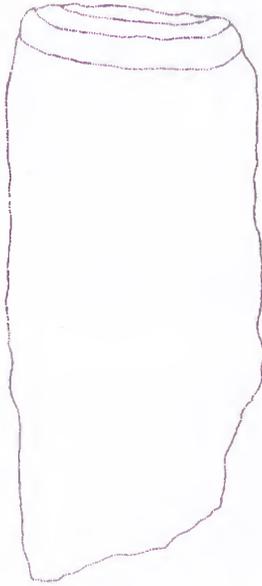


Fig. 33



1



2



3

• **Arquitetura e ocupação**

Tanto quanto deixa perceber a planta da área até agora escavada, estamos em presença de duas ocupações distintas, a última das quais é um típico núcleo familiar composto por três edifícios separados por um pequeno espaço lajeado (Fig. 27).

A ocupação mais antiga (Fase 1), que muito possivelmente também foi um núcleo familiar, é constituída pelas C4, C5 e uma parcela da C1. Da sua remodelação, após um incêndio que está bem documentado na C4 e C5, resultou a fase mais recente (Fase 2) que é constituída pelas C1, C2, C3, pátio lajeado e muro de contenção-delimitação do espaço familiar (Fig. 27).

- Fase 1

A C4, só perceptível a nível de alicerces, era um edifício de planta circular cujos alicerces foram cavados no saibro granítico e se apoiavam na penedia que havia no local (Fig. 34.1 e 34.2). Tinha parede dupla com as pedras ligadas com barro amarelo, tendo sido num buraco na face interior que o proprietário guardara o pequeno tesouro de 23 denários do fim da República. O pavimento era de saibro amarelado, bem calcado, a cobrir bocados de rocha natural que fora previamente picada e adaptada. Foi sobre este piso, num estrato onde o barro das paredes se mistura com pedra com sinais de incêndio e uma boa dose de cinzas e carvões, que apareceu o tesouro monetário com algumas das moedas a denotarem demorada exposição à acção do fogo.

Ao contrário da C4, a C5, que também havia sofrido um incêndio, foi em parte reaproveitada e incorporada na nóvel estrutura, a C3, de planta sub-rectangular. É uma construção de parede dupla que incorpora pedra de pequeno tamanho com escassos sinais de ter sido preparada a pico de pedreiro. A solidez da parede era assegurada pelo barro amarelo semelhante ao que fora usado no reboco da face interna, queimado e enegrecido pelo fogo que devorou cobertura e recheio das habitações.

Completava este trio de habitações, a C1, uma habitação circular que, apesar da profunda remodelação porque passou, não esconde uma situação anterior bem patente na maneira pouco feliz como a parede antiga foi unida à mais nova. A parede mais antiga, que é a que está voltada ao pátio lajeado, é formada por pedra mais miúda assente em muito barro. A mais recente, pelo contrário, serve-se de pedra de maior porte, com indícios de ter sido cortada e picada com auxílio do pico, mas disposta de maneira muito pouco simétrica (Fig. 34.3).

Fig. 34



1



2



3

Com as estruturas degradadas e adulteradas por uma reurbanização que se serviu do que havia e destruiu o que sobrava ou não interessava, torna-se difícil avaliar o que foi a sua vivência, pois nem o espólio cerâmico, que é o mais abundante, permite tirar grandes ilações crono-ambientais.

A presença de três habitações, todas elas circulares, permite acalentar a ideia de tratar-se de um núcleo familiar que no final do século I a.C., devido a um infortúnio, foi obrigado a remodelar-se. A ausência de *tegula* e de placas de xisto, estas patentes na fase seguinte, leva-nos a concluir que a cobertura destas casas era feita à base de materiais perecíveis, inflamáveis, situação que, aliada à proximidade física dos telhados, terá facilitado e estimulado a propagação do fogo.

Cronologicamente poderemos dizer que se trata de um núcleo construído no decurso do século I a.C. e que, por força de um incêndio, foi remodelado, já no reinado de Augusto, pois tudo aponta para que o tesouro de denários tenha sido ocultado quando os romanos se envolveram nas guerras cantábricas.

- Fase 2

A esta fase pertencem as casas C1, C2 e C3, bem como o lajeado e muros definidores do espaço habitacional. Não são, à exceção da C2, construções novas, de raiz, pois, como já vimos, não são mais que a reformulação de um anterior espaço destruído por um violento incêndio cujas marcas ficaram bem patentes nas paredes que ainda se conservam.

Da reconstrução resultou um novo espaço habitacional, familiar, não muito diferente do anterior, agora representado por duas habitações de tendência circular - C1 e C2 (Fig. 35.1 e 35.2) - e uma terceira, a C3, com um formato sub-rectangular, bem irregular, devido ao aproveitamento de uma parte da antiga C5 que lhe conferiu um ar arredondado num dos cantos, enquanto o outro, do lado poente, já se aproxima mais do ângulo recto (Fig. 27).

A C1, resultante de uma reformulação anterior, é a mais uniforme das três. Com uma parede de face dupla, incorpora pedra de maior diâmetro na face exterior, alguma com evidentes sinais de ter sido picada e materiais reutilizáveis tais como mós desativadas (Fig. 34.3 e 35.3) “cabides” e prisões de gado.

A única porta estava voltada a Norte, para uma rampa constituída por duas paredes laterais e interior atulhado com pedra e terra que servia de base de assentamento a uma escadaria com dois a três degraus (Fig. 27, 32.2 e 34.3). No interior, num piso de saibro amarelo, bem calcado e cuidado (Fig. 33.1 e 33.2), uma lareira avermelhada pelo uso, indicava o local onde o fogo ardia e se cozinhavam os alimentos e certamente se dormia.

Das três, foi a C2 a que mais sofreu com o estrago produzido pela máquina que abriu o caminho, mas também aquela que apresentava uma parede, também ela dupla, construída com pedra escolhida e face bem picada. Igual cuidado foi posto no piso que cobria o chão, o qual além de espesso e bem nivelado, situação que aliada à ausência de lareira e de cerâmica no estrato que o cobria, poderá explicar o esmero posto no seu fabrico e remeter este edifício para funções bem diferentes das usuais de uma cozinha.

A C3, um misto de casa oblonga e rectangular, encosta praticamente uma das paredes ao muro de contenção e tem a porta de entrada voltada para o pequeno espaço lajeado à volta do qual foram erguidas as habitações (Fig. 27).

Incorporando uma pequena parte da antiga C5 e muita da pedra das casas destruídas e desmanteladas resultou numa amálgama estrutural, onde interessou mais a solidez que a estética, talvez por esta construção ter tido o estatuto de silo-armazém como o comprova a pouca cerâmica recolhida sobre um piso amarelo de má qualidade. Foi incrustado nele, no canto poente, que encontramos duas lajes de bom porte e a parte inferior de uma mó (Fig. 36.1 e 36.2), três elementos que podem ser considerados como parte integrante de um conjunto moageiro. A mó circular, bem metida no piso, apresentava sinais de grande desgaste e das duas pedras, uma delas, a mais comprida, apresentava um grande polimento e abaulamento central, sinal que tinha funcionado como uma grande mó de sela.

Escavado uma parte do piso acabamos por detectar uma canalização com a estrutura lateral e a cobertura construída à base de placas de xisto de tamanho e espessura desigual. Cobria-a totalmente o piso de saibro amarelo que impedia a impossibilidade de a ver passar por baixo dos muros da casa a fim de captar a água caída entre a casa e o muro de contenção acabando por a expelir, no espaço lajeado, mesmo ao lado da porta de entrada (Fig. 27 e 36.3).

Dos três edifícios dois deles, a C1 e a C2, apresentavam claros indícios de terem sido internamente rebocados e caiados de branco. Mais difícil de afirmar é se o mesmo acontecia com a estrutura que serviu de silo-hórreo onde não encontramos provas concretas. Também as não encontramos no exterior das paredes, mas não excluímos a hipótese de elas terem sido argamassadas e mesmo caiadas para poderem resistir melhor à acção do tempo.

Tal como acontecia na Fase anterior, também aqui a cobertura era feita à base de elementos vegetais e de placas de xisto, algumas das quais com 0,60m de comprimento, uma largura de 0,40m e uma espessura média de 0,02m. Como a sua quantidade não é grande, admitimos que elas integrariam somente o beiral, dando assim maior durabilidade à parede por impedirem a infiltração das águas pluviais.

A fonte de aprovisionamento destas placas de xisto foi o litoral situado entre as Marinhas e a Amorosa (Viana do Castelo) onde estão documentadas e bem visíveis na

maré baixa rochas do Sistema Ordovícico. A presença de algumas com a supracitada preparação em forma de gamela ou “cuvette” salineira começa a ser prova mais que suficiente para se falar numa pequena “indústria” do salgado ao longo da costa minhota, nos séculos que antecederam a chegada dos Romanos.

A presença de uma cobertura deste tipo, embora funcional, acabava por se transformar num acréscimo de peso para um tipo de construção, onde as paredes de face dupla apareciam ligadas por razoáveis quantidades de barro, mas onde era notório a ausência de pedras que funcionassem como travão. Daí não admirar que as paredes ruíssem com certa facilidade, que fossem reparadas e alteadas o que implicava alteração no nível das portas e naturalmente conduziam à subida do primitivo piso.

Pelas razões acima apontadas era natural que se utilizassem os mais variados recursos com os quais fosse possível fortalecer as construções. Entram neste caso o murete, só com face exterior, lançado entre a C1 e C3 e destinado a travar as duas paredes quase contíguas e a servir de contenção às terras que, situadas entre estas e a penedia, cobriam até cerca de 1,20m ambos os alicerces (Fig. 27). Um outro exemplo poderemos buscar na parte da C5 incendiada que não foi incorporada na C3 e à qual foi acrescido um outro murete, também de uma só face, mas de pedra de maior porte. Serviram em ambos os casos para impedirem as terras de caírem para o lajeado e obstruírem a circulação e naturalmente defenderem a C2 e a C3 da eventual queda de pedras do núcleo familiar situado em cota mais elevada, isto é, do M2. Os espaços situados entre estes muros de proteção e a penedia, onde obviamente se não circulava, foram propositadamente atulhados com terras e espólio cerâmico proveniente da anterior fase ocupacional.

Funções de contenção, mas também de delimitação do espaço familiar, teve o muro que protege este núcleo do lado sul. Apoiando-se na penedia que abunda no local, foi construído com pedras de maior volumetria, sumariamente aparelhadas ou mesmo colocadas sem qualquer tipo de tratamento prévio.

A separar estas três construções sobressai um espaço, não muito amplo, lajeado com pedras de boas dimensões, ajustadas umas às outras, colocadas com a melhor face para cima e assentes em argamassa de barro.

Tal como o encontramos é contemporâneo destas habitações, situação que não invalida a hipótese de ter havido um outro relacionado com o anterior núcleo. É pelo menos a ideia que nos fica da observação de uma outra pedra do lajeado que praticamente encostava ao alicerce da C4 (Fig. 34.1 e 34.2). Infelizmente a destruição operada no ano seguinte tirou-nos a possibilidade de confirmarmos aquilo que aqui deixamos como mera hipótese de futura investigação.

Fig. 35



Fig. 36



O assentamento do lajeado obedeceu a um plano pré-definido o qual tinha a ver com a necessidade de se escoarem as águas pluviais e de se protegerem os alicerces das casas. É essa a razão que explica a inclinação do lajeado para Poente, isto é, no sentido da inclinação natural do monte e a inclusão de placas de xisto (Fig. 34.1 e 34.2) espetadas em cutelo entre a C5 e a C2 para que a água expelida pela canalização que atrevesa a C3 e a caída no espaço lajeado fosse encaminhada sem causar danos de monta, nomeadamente ao alicerce das referidas construções.

• Materiais

Neste espaço recolhemos um razoável conjunto de materiais, entre os quais avultam necessariamente as cerâmicas, sem esquecer o material pétreo, os bronzes e o tesouro monetário.

- *Material pétreo*

O maior contingente pertence às mós, apresentando algumas sérios indícios de terem tido uma larga utilização. Todas foram construídas em granito da região e são tipologicamente afins, o que faz supor que haveria no povoado um ou mais artífices que se dedicavam à sua confecção.

Numa classificação, entre moventes e dormentes, o maior número pertence às últimas, o que se compreende, já que são as mais resistentes. Pertencem a este grupo 3 das 4 mós encontradas intactas, uma das quais, como já vimos, “in situ” (Fig. 36.1 e 36.2).

Quase tão numerosas como as mós são os “cabides” providos de um pé não desbastado por ficar encoberto no interior da parede e uma haste de tendência fusiforme com acabamento e tratamento que varia de peça para peça (Fig. 30.1). Em menor número são as denominadas “prisões de gado”, normalmente em cotovelo que bem o poderão ser porque aparecem no exterior das habitações, no espaço lajeado.

Os únicos materiais pétreos não graníticos são as placas de xisto usadas no telhado das casas e na canalização. Nota de interesse é sem dúvida o facto de algumas terem anteriormente servido como gamelas produtoras de cloreto de sódio.

Completa o conjunto uma pedra rectangular que numa das faces tinha gravado um símbolo serpentiforme, mas infelizmente desaparecida antes de ter sido recolhida e duas outras, de formato rectangular, ornamentadas, num dos topos.

Estas duas pedras, que são duas metades de uma mesma estrutura, possuem, numa

das faces, um buraco circular, não muito profundo (Fig. 31, 32 e 37.1) onde girava um gonzo, mais que certo de uma pequena janela, nunca de uma porta, porque não tem dimensão para isso, nem tão pouco o admitia o tipo de decoração presente nos topos. Mas pormenorizemos.

As duas metades foram preparadas para funcionarem em uníssonos e com um topo saliente para que os motivos decorativos e a inscrição - L F T - pudessem ser vistos do exterior (Fig. 32 e 37.1).

Segundo este princípio e atendendo que a pedra que contém a inscrição só poderia estar situada na parte inferior, nunca o poderia estar ao nível do solo onde toda a informação e propagandeamento se perderia. Portanto, nada mais natural que estivesse colocada, na mesma posição, mas mais alta, ao nível de um vulgar postigo de uma estrutura circular como o são ainda hoje em dia os arruinados moinhos de vento.

Estando a meia altura, o efeito pretendido ganhava outra dimensão pois que, para além da decoração em cordame, lá estava o nome do proprietário que a ser um “tría nomina” nos coloca perante um indígena já aceite nas elites romanizadas.

É evidente que teorizar sobre a existência de janelas ou postigos nas casas circulares dos castros não é fácil porque, na grande maioria dos casos, as estruturas pétreas pouco mais estão que a nível de alicerces. Daí que afirmar-se que não existiam seja tão perigoso como afirmar-se que este tipo de aberturas era mais que usual.

O único exemplo que conhecemos e que se assemelha a um postigo aberto numa casa circular provida de vestíbulo, está patente no castro de N^a Senhora da Assunção em Barbeita (Monção) e agora estas duas pedras que apontam para a existência na C1 ou na C2 de uma pequena janela em cujos gonzos girava uma portada de madeira que abria exteriormente para um dos lados e se fechava pelo lado de dentro.

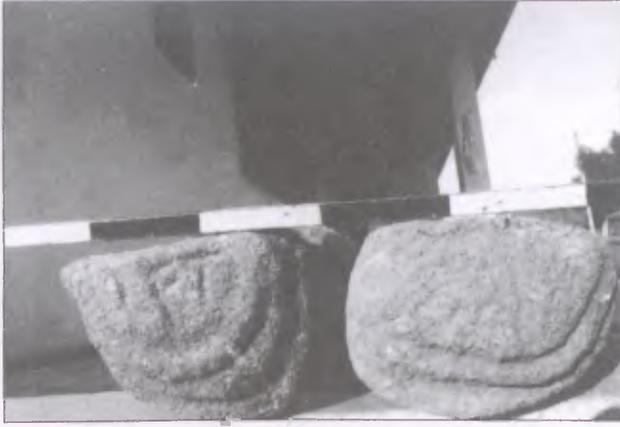
- *Metais*

Tirando alguns pequenos fragmentos de ferro, muito deteriorados pelas condições de jazida, o único elemento metálico susceptível de uma análise mais cuidada é uma parte de uma corrente de bronze com 5 elos (Fig. 37.2). O seu estado de conservação é bom e muito provavelmente fez parte da cadeia que suspendia os pratos (lances) de uma balança (statera) romana (85). Em apoio deste hipótese há a recolha, nos escombros produzidos pela máquina que a partir da pedreira alargou o caminho, de um peso de chumbo o qual, pela tipologia e peso, se aproxima do “deunx” romano (86).

85 - É óbvio que outras aplicações se podem atribuir a este tipo de cadeia. Por exemplo, conhecem-se casos de lucernas de bronze que eram suspensas com cadeias de igual teor e tipologia. Cfr. BRIHUEGA, Jaime, et alii, *Los Bronces Romanos en España*, Madrid, 1990, pp. 277, 341 e 342.

86 - LAZZARINI, Mário, *Metrologia Romana*, Conimbriga, IV, 1965.

Fig. 37



1



2



3

- Moedas

As moedas encontradas neste Sector restringem-se ao conjunto de 32 denários, 31 dos quais aparecidos no interior e sobre o piso da arruinada C5. O transfuga, também ele com sinais de ter sofrido os efeitos do fogo, é uma peça datada de 49 a.C. sendo de atribuir a Mn. Acilius (Glabrio?) (87).

• Sistema defensivo (Fig. 38)

Este era constituído, tanto quanto nos é dado a saber pelos vestígios de superfície, por um conjunto de 4 muralhas e dois fossos. Um destes ainda está muito bem perceptível na base externa da muralha mais exterior. Tem uma largura que ronda os 4m e uma profundidade que, no presente, não ultrapassa os 3,5m. Foi aberto na parte norte do povoado para servir de apoio à muralha que entroncava no torreão e desse modo dificultar qualquer tentativa de intromissão numa zona tão vital como era aquela onde estavam os pontos de captação de água e alguns dos terrenos de cultivo.

O segundo fosso funcionava na base exterior da 3ª muralha a contar da acrópole. Apesar de atulhado - a sua presença ainda é perceptível junto aos sanitários - sabemos quanto importante era a sua função, já que impedia a progressão de elementos hostis à zona habitada do castro, numa área onde os obstáculos orográficos são praticamente nulos. Hoje como ontem, o espaço que se estende para Nascente era plano, daí a vital necessidade de multiplicar os obstáculos e de refinar um sistema defensivo que, mais que espectacular, teria de ser funcional. Aliás, este aspecto que acabamos de referir, está bem patente na maneira como a 3ª muralha foi construída no sector nascente do povoado.

Uma sondagem aqui realizada revelou-nos uma muralha de 3,5m de largura feita com recurso a dois muros erguidos nos extremos e o interior preenchido com a terra e o saibro extraído do fosso cavado na base exterior (Fig. 39 e 40). Os muros, com 0,60m de largura, têm profundidades distintas, sendo o exterior aquele que leva os alicerces bastante mais abaixo, até ao início do fosso. Ao de dentro estava-lhe mais destinado a função de suporte de terras, para que aquelas não deslizassem para o interior do povoado. Desse modo se impedia o derruimento de uma estrutura prática, eficiente e erguida com muito menos custos, caso tivesse sido integralmente construída em pedra.

Com aspecto concêntrico tal como a 3ª, é a 2ª muralha que foi parcialmente destruída com as obras que anos atrás permitiram a construção da dupla de coretos, mas que, por outro lado, conduziram à recolha, entre outros materiais, de uma ara dedicada a DEA SANCTA e ao mesmo tempo perceber que a sua base fora integralmente construída em pedra.

Fig. 38

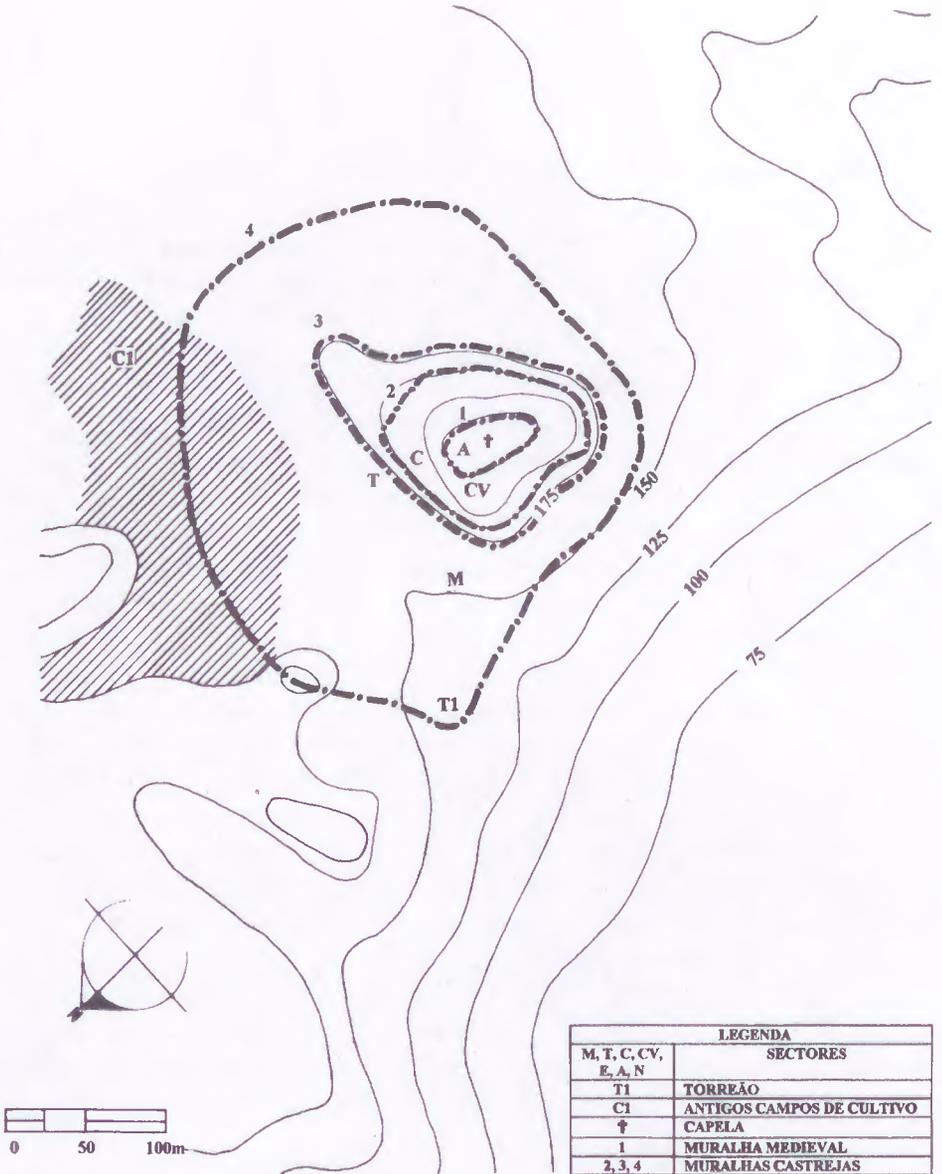
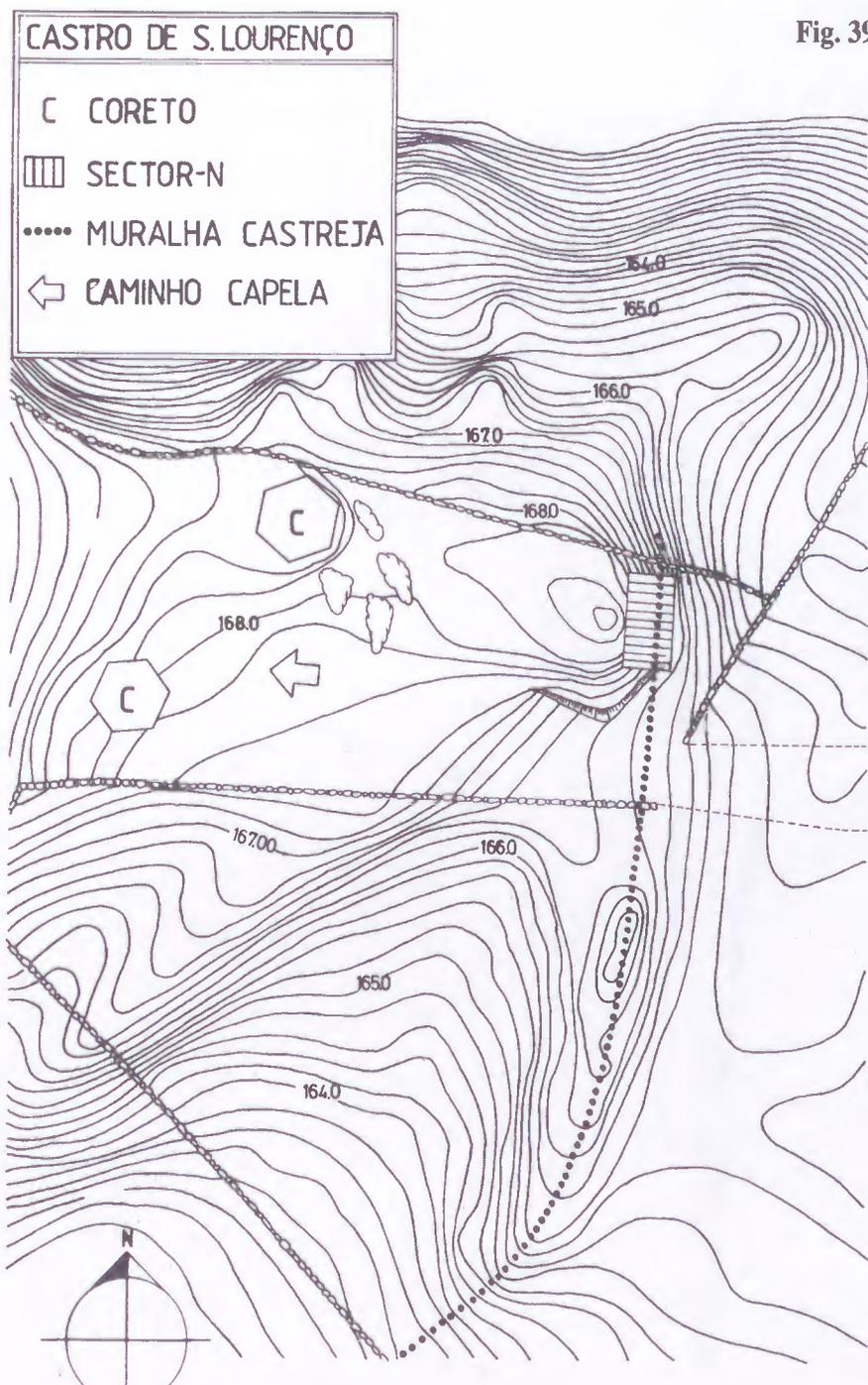


Fig. 39



A muralha mais interior traduz-se somente na massa granítica que rodeava e protegia a acrópole. Com pequenas dimensões e de formato quase circular é, na sua actual aparência, uma estrutura extremamente complicada de analisar, porque verdadeiramente não sabemos como era antes do período correspondente à nacionalidade portuguesa.

A adaptação da acrópole a uma pequena fortaleza medievá (Fig. 41), é situação descoberta e clarificada pelas intervenções realizadas entre 1990 e 1993 em redor da capela e no espaço que ladeia a escadaria de acesso. Através delas foi possível descobrir, que além de cerâmicas atribuíveis àquele período, restavam ainda os alicerces de uma muralha em pedra que tinha 1,80m de largura e havia sido construída para defender o sector oeste, o único ponto pelo qual era possível chegar ao cimo da acrópole.

Foi precisamente a adaptação da acrópole do castro a “castelo” que motivou o corte da penedia e a preparou de modo a dar-lhe o aspecto que hoje conhecemos. Blocos, uns maiores do que outros, caíram na altura pela encosta, motivando a destruição de uma ou outra casa do castro cujas paredes ainda eram visíveis. Mas a ajuizar pela disposição de algumas casas, que praticamente encostavam à base da penedia, parece-nos que os medievais, mais que obras de vulto, fizeram intervenções ora pontuais ora mais profundas na acrópole consoante os sectores e a finalidade a atingir. De qualquer modo o que nos parece insofismável é que a única via de acesso se situava a Poente, bem à vista do mar, onde havia casas circulares, praticamente até ao sítio onde acabaram por construir a muralha. Se havia no interior da acrópole estruturas anteriores à sua adaptação a “castelo”, é coisa que não sabemos, nem certamente viremos a descobrir devido à existência da capela, do adro e dos profundos revolvimentos ocorridos na coroa antes e depois da construção da ermida.

• Aspectos geo-estratégicos

Qualquer povoado precisava de sobreviver economicamente e de defender, tanto quanto possível, as suas fontes de abastecimento e neste caso concreto, os sítios de captação de água.

Quanto ao primeiro ponto pouco sabemos ainda dos principais vectores que faziam girar a economia do castro, mas não temos dúvidas que os seus moradores aproveitaram alguns dos terrenos que se situam na parte norte do habitat, localizando-se alguns entre a 4ª e a 3ª muralha.

Estes, apesar de actualmente estarem florestados com pinheiros e eucaliptos, não escondem que eram boas terras de cultivo, no que contribui a presença de água, a qualidade

humosa e a ausência da pedraria que infesta as outras áreas, nomeadamente a Nascente, que apesar de plana até à actual estrada camarária, é imprópria para a agricultura. Áreas possivelmente cultivadas foram também, as terras situadas a Nascente da estrada camária. Apesar de no presente só uma ínfima parte se encontrar arroteada, não excluimos a hipótese de os moradores do castro de S. Lourenço aqui terem tido as suas “hortas”, tanto mais que a ausência de pedra, a relativa qualidade do solo e principalmente a contiguidade às muralhas do castro a isso convidavam.

O aumento demográfico, sentido no aproximar da Romanização, haveria de conduzir à procura de novas áreas agrícolas. Para tanto bastou descer a encosta poente e na base alta da plataforma litoral desmatar e iniciar um arroteamento que, com o deambular da Era actual, levaria os agricultores do castro a estenderem as suas actividades a terras que, na pior das hipóteses, podiam distar tanto como 30 a 40 minutos de marcha. Dos estudos que temos vindo a realizar no castro ainda não conseguimos desenvolver aqueles que nos conduzirão à procura de elementos polínicos capazes de identificarem espécies vegetais cultiváveis ou espontâneas. As únicas certezas que temos é que a par da bolota se comia fava (*vicia faba* L. “celtica nana”) e o milho miúdo (*panicum miliaceum* L.), mas o grande número de mós rotativas do tipo “punho lateral horizontal” encontradas no interior dos núcleos familiares dos Sectores C, CV, M1, M2 e T- algumas nitidamente reutilizadas nas paredes das casas ou a decorarem lajeados como é o caso do M2 - leva a concluir que, no decurso do séc. I a.C., já eram correntes na alimentação as farinhas oriundas de cereais tão conhecidos como o trigo e a cevada.

Aprovisionamento de lenha e madeira poderiam os moradores fazê-lo nas imediações do castro. Carvalhos e sobreiros cresciam nas imediações e em maior ou menor escala castanheiros, choupos, amieiros, salgueiros, loureiros, espinheiros e aveleiras ocupavam largas parcelas do planalto de Vila Chã onde não faltam topónimos relacionados com algumas destas espécies vegetais. Neste mesmo espaço podiam pastar bovinos, caprinos e ovinos. Neste mesmo território se podiam caçar espécies cinegéticas que vão do coelho ao javali. No mar e no rio não faltava peixe e muito menos as várias espécies de moluscos que hoje se conhecem.

Tão ou mais vital que a alimentação, que se poderia armazenar por tempo mais ou menos dilatado, era a água. Nenhum povoado sem ela poderia sobreviver e muito menos quando cercado ou sobre pressão militar. Daí o acto sobremaneira inteligente de colocar no interior do sistema defensivo as nascentes de água que se situavam na pequena depressão norte, no espaço compreendido entre a 4ª e a 3ª muralha. Na actualidade, aquela que foi uma linha de água com nascente garantida junto dos campos de cultivo, é hoje um pequeno regato temporário, em parte porque a água foi desviada por abalos produzidos pelos rebentamentos da pedreira que durante anos funcionou na encosta poente, em parte porque foi captada e canalizada para outros fins e latitudes.

• Cronologias

Antes de entrarmos em análises urbano-espaciais, debrucemos-nos um pouco sobre os aspectos mais latentes das cronologias já conhecidas do castro.

Garantidamente poderemos já afirmar que a ocupação do monte de S. Lourenço cobre um espaço temporal tão dilatado como o que vai do Bronze Final à Baixa Idade Média, caso não queiramos contabilizar a componente religiosa centrada em redor de uma capela que se sabe existir já em 1549 (88).

Ao Bronze Final pertencem algumas cerâmicas recolhidas em camadas revolvidas do Sector M1 e um machado de bronze noticiado por J. Augusto Vieira, mas com paradeiro desconhecido (89).

Ignorado é também o contexto relacionado com um fragmento de cerâmica ática, decorada com figuras vermelhas, e que por esse facto deverá ser considerado do séc. IV a.C., senão mesmo do séc. V a.C.. Nas áreas escavadas ainda não encontramos estruturas de habitações ou de outro tipo, que estejam relacionadas com estes ou com outros vestígios, mas já deparamos com algumas camadas estratigráficas que terão uma cronologia algo próxima daquele período. A confirmá-lo estão cerâmicas indígenas, muito fragmentadas, onde é possível encontrar perfis de colo vertical e bordo horizontal e fundos planos ou levemente côncavos, nem sempre provido de reforço, conhecidos em outras estações (90).

O espaço temporal melhor conhecido deste povoado é aquele que medeia entre o séc. II a.C. e o I/II d.C. Terá sido por volta do século II a.C. que terão sido construídas as casas circulares que posteriormente foram destruídas ou somente remodeladas para darem lugar às que incorporam caranguejos ou vestíbulos e apresentam sinais de reboco e pintura interior. Pertencerão a este período algumas das habitações dos sectores C e M1 com claros indícios de terem sido queimadas e substituídas por outras de tendência sub-rectangular com ângulos arredondados. Serão daquela altura a casa C5 do Sector M1, uma habitação circular destruída após ter ardido, a C4, situação que originou uma total remodelação daquele espaço, dando origem a um núcleo habitacional em grande parte já escavado. A comprovação desta afirmação está no facto de ter aparecido, sobre o piso de saibro daquela habitação, um tesouro de denários que havia estado escondido na face interna da parede da casa.

Durante o reinado de Augusto assistiu-se ao remodelar das estruturas e a uma clara afirmação dos núcleos familiares individualizados. Não queremos com isto afirmar que a

88 - ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; NEIVA, Manuel A. Penteados, op. cit., nota 19.

89 - VIEIRA, Jose Augusto, op. cit.

90 - Panorama semelhante há em Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima) CFR. ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, et alii, Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha, Ponte de Lima, 1981, pp. 63 e segs.

remodelação foi sincrónica em todo o povoado. Patente está, pelo menos, nos sectores C, T e M1, aqueles que face aos vestígios e materiais descobertos permitem, no momento, uma análise mais fiável.

Data desta altura a proliferação das cerâmicas indígenas produzidas com o auxílio da roda de oleiro onde, a par de uma “padronização morfológica bem definida”, como é o uso cada vez maior dos vasos de perfil em S, se nota cada vez mais um evoluir dos motivos decorativos, porque de um predomínio de “técnicas de incisão e de estampagem” se evoluiu para uma “ornamentação geométrica de linhas rectilíneas incisas, sobretudo em composições triangulares e em espinha” (91). Divulgam-se os produtos importados, fazendo a sua aparição os vidros, as primeiras cerâmicas comuns de técnica e gosto romano e necessariamente as ânforas que transportavam o vinho. Estão aqui sobretudo representadas através das formas Haltern 70.

A vida no povoado continuou bem para além do câmbio da Era e mesmo do denominado “Século de Augusto”. Sectores do povoado começaram a mostrar, a par das formas arquitectónicas tradicionalmente indígenas, modelos rectangulares com ângulos bem esquadriados a facearem arrumamentos de tendência rectilínea. É nesta altura, isto é, nos primeiros séculos da actual Era, que a *tegula* se começa a afirmar como material de cobertura, que as cerâmicas de gosto e técnica romana se sobrepõem às indígenas que lentamente vão sendo esquecidas e abandonadas. *Sigillatas* de produção sud-gálica e hispânica, lucernas, as denominadas “Bracarenses”, as cinzentas finas, as produções de pasta beije com a face exterior lisa ou pintada, as cerâmicas com aguadas a imitarem o vermelho-pompeiano ou as colorações mais ou menos vivas das *sigillatas*, fazem a sua aparição e implantam-se no gosto destas populações ainda embrionariamente romanizadas. Oriundas da região ou viajando de latitudes mais afastadas, elas substituirão em definitivo um sector incapaz de competir em técnica e certamente em preços, com olarias e circuitos distribuidores mais organizados e rentáveis e, para mais, favorecidos com a cada vez maior circulação monetária.

Faltam-nos para já, argumentos estratigráficos e mesmo materiais que nos tracem uma radiografia ocupacional do habitat para além do séc. III d.C., embora se possa intuir que ela continuou, e provavelmente em razoável escala, até ao Baixo Império, altura em que uma parte da população se terá transferido para o planalto de Vila Chã, para o vale de Susão, em Palmeira de Faro e naturalmente para a plataforma continental onde, aqui e ali, vão aparecendo provas de ocupações que se podem considerar de época romana. É certo que nem todos terão descido, mesmo naquela altura, já que há moedas do período de Constantino (92) e alguns bocados de cerâmica que se podem considerar como do séc. V/

91 - SILVA, Armando C. Ferreira da, A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira, 1986, p.125.

92 - ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de, Carta Arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 9/10, 1986, p.42.

VI por imitarem formas de Clara D e outras onde não falta o tão típico “vassourado”, elemento decorativo patente e evidente numa boa mão cheia de vasos encontrados na *villa* do Paço Velho da Facha e no povoado de Vilarinho (Seara), ambos no concelho de Ponte de Lima.

Dispersos e bem distantes dos motivos que presidiram à construção e ocupação do castro de S. Lourenço, muito dificilmente os seus descendentes voltariam a concentrar-se no interior das suas muralhas e revitalizariam os ancestrais espaços familiares. Eventualmente para aí terão ocorrido no decurso da confusa situação político-militar gerada pela chegada à península de Suevos e Visigodos e pela falência de um sistema que se centrava numa inoperante administração romana.

Às preocupações parcelares e temporais se contrapõem vestígios que, por escassos e pouco significativos, dificilmente terão deixado marcas. Estas só começaram a ser evidentes no início da Baixa Idade Média com a adaptação da acrópole a fortaleza, situação que se traduziu na construção da muralha e no desbaste da penedia envolvente. No entanto, é de presumir que as estruturas não desmanteladas do castro pudessem ter sido reaproveitadas no período antecedente à formação da nacionalidade portuguesa, e que provam as dificuldades por que a região passou. Estas fizeram-se sentir nos momentos mais conturbados da ocupação árabe e sempre que a pirataria viking resolvia aportar à foz do Cávado e a partir dele saquear um litoral desprovido de força capaz de se opôr às investidas e arbitrariedades de estranhos.

- Urbanismo e arquitectura (Fig. 42, 43, 44, 45 e 46)

Analisando atentamente a topografia, a dispersão dos vestígios cerâmicos, os restos das estruturas e alicerçados nas sondagens e nos sectores em escavação, estamos convictos de que casas e demais infra-estruturas se distribuíam pelo interior do perímetro amuralhado do castro, à excepção do espaço voltado a Norte e a Nascente, aquele que está situado entre a 3ª e a 4ª muralha.

No sector nascente estavam localizados, muito provavelmente, os cercados para animais, embora estes, sobretudo os caprinos e os ovinos, circulassem e ocupassem certos espaços no interior dos núcleos onde, em todos eles, fora das habitações, temos vindo a recolher um certo número de prisões de gado.

Fig. 41



Fig. 42

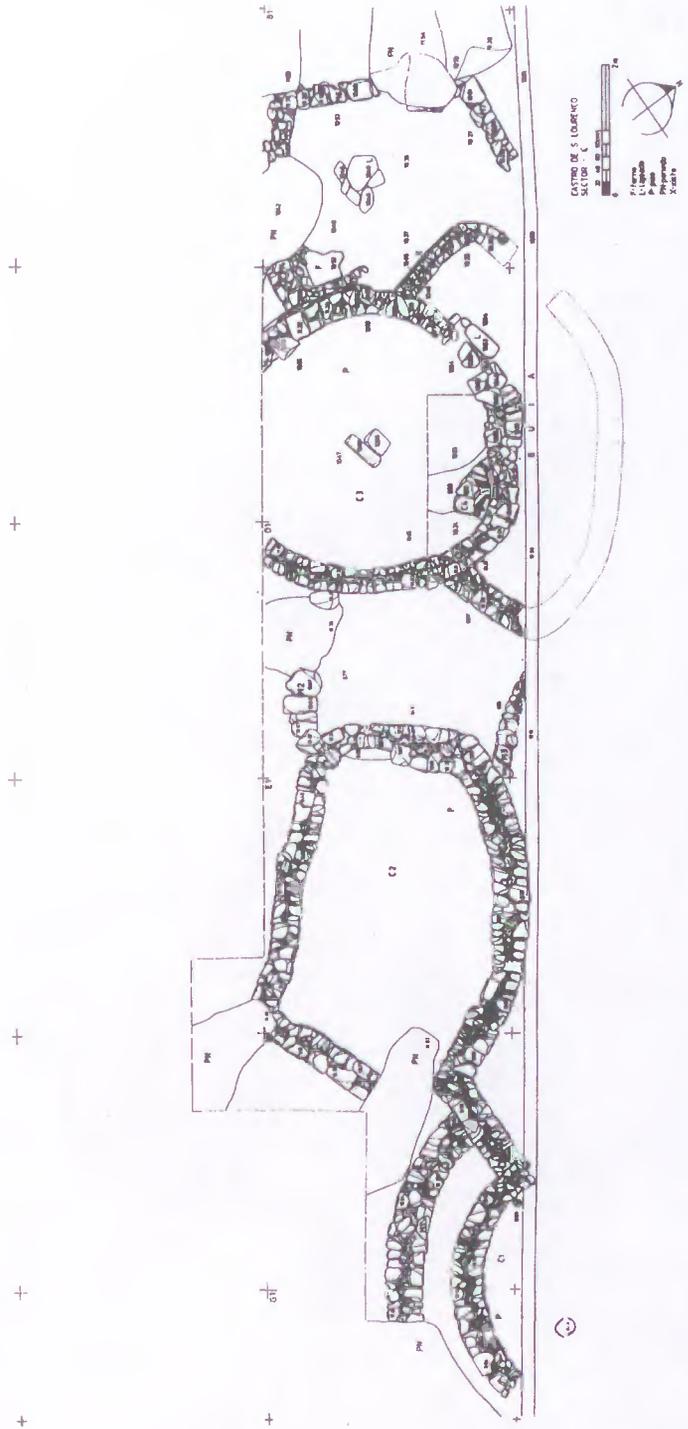


Fig. 43



Fig. 45

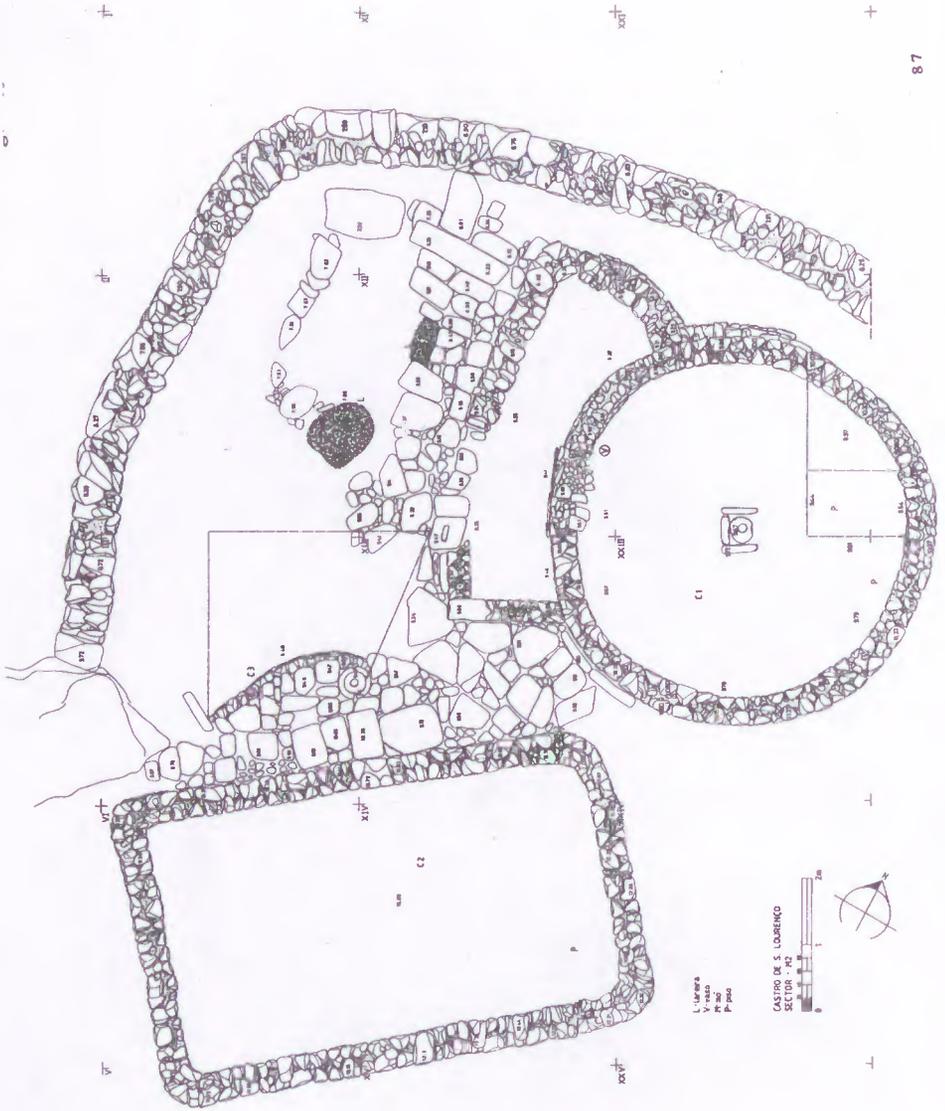


Fig. 46



O motivo que levou as habitações a serem banidas de um espaço que estava física e visualmente ligado ao grande planalto de Vila Chã, talvez esteja directamente relacionado com a operacionalidade e a deslocação diária dos rebanhos. Esta facilidade de movimentos era muito menos evidente noutras latitudes do castro e mesmo impensável na vertente voltada a Poente, tecnicamente aproveitável para a instalação de casas, mas imprópria para a instalação e movimentação diária de um razoável acervo de cabeças de gado.

Para nós, já é suficiente líquido afirmarmos que a distribuição espacial das casas e demais infra-estruturas obedeceram, pelo menos na parte final do século I a.C., a critérios muito bem definidos e a um planeamento de certo modo inteligente. E antes? Aqui é que está uma das grandes lacunas interpretativas, face aos elementos existentes.

Os vestígios até agora exumados não permitem tirar grandes ilações, quanto à disposição das habitações e fundamentalmente como estavam organizadas no interior do sistema defensivo. Sabemos que eram circulares, não dispunham de vestíbulos e que o seu fim, em alguns casos, foi motivado por incêndios que deixaram enegrecidas as paredes que compunham a face interna das mesmas. Sabemos que sobre os seus escombros foram erguidas outras casas e que parte das paredes foram aproveitadas como aconteceu na C3 do M1, uma estrutura que, por força da incorporação de uma parte da casa anterior consumida por um incêndio e da presença de um muro de contenção, se viu com uma planta algo bizarra, já que se situa algures entre o oblongo e o rectangular.

É natural que o alargamento das escavações a outras áreas acabem por confirmar aquilo que agora já se antevê, isto é, que antes das remodelações ocorridas em tempo de Augusto, já havia na encosta sul e nomeadamente na poente, casas de habitação instaladas e adaptadas ao pronunciado do terreno. Que os núcleos familiares construídos naquela altura, não são mais do que uma continuação lógica e natural de espaços anteriormente adaptados para aguentarem com estruturas habitacionais bem definidas e naturalmente com espaços de circulação que, não sendo necessariamente ruas, teriam de permitir o acesso e a movimentação de pessoas e bens.

Derivados ou não de uma lógica anterior, o certo é que os núcleos familiares em escavação, datados da parte final do séc. I a.C., como já dissemos, obedeceram a critérios bem definidos e a um planeamento inteligente. Sabedores das dificuldades impostas por uma topografia, que em certos sítios raiava o absurdo urbanístico, os arquitectos castrejos adoptaram soluções tendentes a minimizar ao máximo as dificuldades impostas por um terreno excessivamente declivoso.

A solução encontrada foi, ao contrário do que era usual, a preparação de pequenas plataformas individuais destinadas a receber um núcleo familiar, mas de tal forma que os telhados, certamente cónicos, das casas circulares construídas em cota inferior não retirassem, às colocadas em cota mais elevada, a visão da plataforma litoral, do mar e do rio.

As plataformas foram, portanto, preparadas e adaptadas em consonância com a disponibilidade da própria orografia. Foi assim que foram aproveitadas certas penedias para servirem de alicerce às casas, que certos penedos foram picados e incorporados no piso das habitações e que outros rochedos, depois de afeiçoados, foram integrados nos muros destinados a segurar a terra surribada e a delimitar os espaços familiares individualizados. Tal situação, está bem patente nos Sectores M1 e M2 os quais correspondem a dois núcleos distintos e ao sector CV onde outros dois núcleos familiares já se antevêm, separados por um muro de contenção.

Como temos vindo a referir, a constituição de núcleos familiares individualizados nesta fase é óbvia e não difere de outros exemplos que conhecemos no Castelo de Faria (Barcelos), em Sanfins, na Cividade de Âncora ou em Sta. Luzia, só para referir os exemplos mais conhecidos. No caso de S. Lourenço, apesar de não haver ainda nenhum integralmente escavado, estão patentes já certos elementos que os definem como sendo do tipo “casa-pátio, composta e lacha”. É que em redor do espaço central empedrado, distribuem-se certas estruturas que poderão ser entendidas como “cozinha-dormitório e silo-hórreo” (93).

Todas estes componentes estão bem patentes no Sector CV e principalmente nos M1 e M2. Aqui, para além das casas circulares com e sem vestíbulo providas de lareiras centrais, há nos dois casos uma construção mais elevada, à qual é necessário ascender por uma escadaria que - no caso do M2 é de 3 degraus se incluirmos a soleira da porta - dava acesso a um silo-armazém onde funcionavam alguns dos serviços fundamentais do núcleo familiar, como era a moagem de cereais. Se outras provas não houvesse bastaria a descoberta “in situ” de dois moínhos circulares e de uma grande pedra, plana e bem picada no interior da C3, do M1, para as nossas dúvidas se dissiparem.

Todas as habitações de S. Lourenço se apresentam sob a tradicional forma circular ou num formato que oscila entre o oblongo e o sub-rectangular. A mais comum, e também a mais antiga, é a circular. Só muito próximo da Romanização é que será acrescida de um vestíbulo ou caranguejo, espaço destinado a servir de apoio à habitação (94) e onde, como acontecia em Sta. Luzia e citânia de Roriz-Oliveira, se poderia localizar o forno. No caso vertente o forno descoberto encontra-se fora do vestíbulo, no espaço que circunda a casa.

As mais antigas casas de habitação, de pequenas dimensões, foram construídas com pedra mal faceada, com o barro a funcionar como elo de ligação e consistência. Com a evolução da técnica, as paredes das habitações circulares dos núcleos familiares do tempo de Augusto tornaram-se mais sólidas, com a pedra de maior tamanho aplicada na face exterior, onde patentes estão também os sinais do pico. Igualmente característico é o uso

93 - ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, *A Casa Castreja*, MHA, 6, 1984, p. 38-39.

94 - ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, *op. cit.*

cada vez mais alargado do aparelho poligonal, do perfil denteado, já que as pedras são colocadas, como já havia notado Ferreira de Almeida, com um dos lados salientes para cima (95). A tendência para as fiadas horizontais faz, por sua vez, a sua aparição, pois começamos a encontrá-las em algumas destas habitações remodeladas na altura, bem como nas casas de tipo sub-rectangular ou oblongo e obviamente nas construções rectangulares, estas mais tardias, pois têm uma cronologia posterior ao séc. I d.C. É igualmente nestas casas que se encontram as pedras de aparelho mais cuidado, a face exterior bem picada e uma disposição em fiadas pseudo-isódomas, tentativa que nem sempre foi bem conseguida.

A maneira de construir as habitações obedeceu, de uma maneira geral, a padrões tradicionais, mesmo quando a Romanização já assomava. As paredes continuaram a ser construídas em dupla face, sendo a exterior, por norma, aquela que levava as pedras de maior porte, que funcionavam, devido ao seu tamanho, por vezes como travão. A ligar as pedras das duas faces usou-se barro, de razoável qualidade plástica, que foi extraído no interior do próprio castro.

Os construtores castrejos, conhecedores da tradicional fragilidade das suas habitações, foram aplicando medidas tendentes a aumentar a sua resistência e longevidade e naturalmente a melhorar a qualidade de vida dos que nelas moravam.

Os cuidados que a seguir apresentamos, foram aplicados nas habitações dos núcleos familiares que funcionaram durante o século I.

Um dos mais utilizados foi o desvio e canalização das águas, mormente das pluviais, que em certos dias deveriam ser avassaladoras na vertente voltada a Poente. Confrontados com os vestígios descobertos, torna-se claro que os arquitectos castrejos sabiam que o grande volume de água, que de patamar em patamar descia pela encosta, poderia causar sérios danos às construções erguidas em cotas inferiores, caso não tivessem sido tomadas medidas tendentes a minorar ou a banir o problema.

As soluções encontradas foram duas. Procuraram-se canalizar as águas residuais que corriam pelo pátio e espaços envolventes mesmo que para isso fosse necessário atravessar o interior das habitações - no caso vertente, o melhor exemplo está na canalização em xisto do silo-térreo do núcleo M1 - e reforçou-se exteriormente o alicerce das casas, para que elas conseguissem aguentar o embate e principalmente a infiltração que poderia levar à ruína do alicerce. Foi com este objectivo que no exterior das casas mais sujeitas às águas - C3 do Sector CV; vestíbulo da C3 do Sector C; C1 do Sector M1 - se entalaram entre as pedras do lajeado ou simplesmente no piso de barro calcado, lajes de xisto em cutelo. Solução análoga, só que economicamente mais cara, foi aquela que foi utilizada na grande casa circular, a C1 do Sector M2. Aqui foi um pequeno murete, esteticamente

95 - ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, op. cit.

harmonioso, que foi exteriormente colocado entre o muro da casa e o lajeado que funcionava a alguns centímetros mais abaixo, conseguindo-se assim um amortecimento das águas em dias de maior pluviosidade. Paralelamente garantia-se o escoamento regular das águas no que era facilitado pela falta de lajeado.

O cuidado posto na construção e melhoramento das habitações deste período está bem patente no seu interior. O chão da casa e do vestíbulo era constituído por um piso de saibro muito bem trabalhado e alisado. Nas paredes havia algumas pedras salientes - os célebres cabides - as quais temos vindo a recolher com profusão, especialmente nos sectores M1 e M2. Ao centro estava a lareira e junto da porta, à direita de quem sai, um vaso totalmente inserido no piso, ficando o bordo à mesma altura daquele. Tais vasos somente os encontramos ainda em duas das habitações dos núcleos dos sectores C e M2. No primeiro caso tratava-se do gargalo de uma ânfora; no segundo um vaso inteiro de perfil em S. Qual a sua função? Confessamos que não sabemos, tanto mais que no seu interior nada mais encontramos que terra desprovida de quaisquer vestígios. Mas hipóteses podem-se levantar e muitas, daquelas em que os vasos serviriam para guardar líquidos, às que sustentam que seria o local ideal para se guardar o pequeno tesouro da família. No primeiro caso, tal hipótese só resultaria com o vaso inserido no piso da C1 do M2, que estava intacto. Tal hipótese era impensável com o gargalo da ânfora que, por não ter fundo, deixaria escapar todo o líquido que lhe fosse deitado. A segunda hipótese, apesar de aliciante, a nosso ver peca, pela localização.

Será credível um tesouro familiar ser guardado mesmo à entrada da porta, à vista de tudo e de todos os que aí entrassem? Temos muitas sérias dúvidas que assim fosse, quando e para mais, os dois tesouros de denários até agora encontrados haviam sido escondidos nas paredes das casas.

O espaço habitacional interior, pelo menos daquelas que funcionavam como cozinha, foi melhorado e alegrado com o reboco integral da parede e sua consequente pintura. Nos núcleos até agora escavados temos provas de que as casas eram interiormente pintadas a branco, a vermelho, a amarelo e a parte inferior - ao que hoje se chama de rodapé - a ser pintada, em alguns casos, em tons cinzentos, pelo menos de uma delas, a C2 do sector C.

Mas a procura do aprimoramento estético não se ficava pela pintura. Prova-o um tríscolo recolhido entre a muita pedra que se encontra espalhada pelo perímetro do castro e os cordados que decoram as duas pedras onde funcionaram os gonzos de um mais que provável postigo.

As casas circulares teriam uma cobertura de tipo cónico e as rectangulares um telhado de duas águas, solução que podia ser também a das casas sub-rectangulares, com tendência para o oblongo. A divergência está nos materiais usados na cobertura. Até à época de Augusto as habitações, até agora escavadas, eram cobertas com elementos vegetais e

placas de xisto. Mas não vamos aqui discutir, tanto mais que nos faltam elementos comprovativos, se nos telhados se usava a palha ou outro tipo de vegetais. O que nos parece líquido é que a reforçar a cobertura havia placas de xisto, algumas das quais reaproveitadas de anteriores funções. Como a quantidade encontrada não é grande, pensamos que elas funcionavam como reforço da beirada do telhado, isto é, colocadas entre a cobertura vegetal e a parede para impedir as infiltrações das águas que conduziriam, obviamente, à sua ruína precoce.

A cobertura com *tegula* é posterior. Fará o seu aparecimento quando as casas rectangulares e afins, começam a invadir o perímetro do castro, o que equivale a dizer, que a sua introdução, tal como as cerâmicas comuns de época romana, são fruto de uma Romanização consentida mas cronologicamente posterior à primeira metade do século I d.C..

O estado ruinoso das estruturas descobertas nos castros da zona portuguesa até ao momento, somente aponta para a existência de uma porta nas casas, a qual, por princípio, está em consonância directa com a do vestíbulo, quando este está patente.

Hipótese de difícil aceitação, por falta de comprovação arqueológica, tem sido aquela que sustenta terem as casas circulares dos castros estado providas de pequenas janelas ou postigos, um pouco à imagem das reconstruções que, no início do século, foram idealizadas nas citânias de Briteiros e de Sta. Tecla.

Pensamos que o problema começou a ser ultrapassado com a recolha de quatro pedras providas de pequenos buracos circulares entre os escombros das paredes das casas do sector M1 do castro de S. Lourenço. Duas delas estão decoradas com cordiformes, ostentando uma delas, ao centro, o que parece ser o nome do proprietário, como se poderá intuir do L F T, que, ao que parece, são as iniciais de um “tria nomina”.

Mas se avançarmos para uma observação mais pormenorizada e nos quisermos embrenhar um pouco na arqueologia prática, veremos que o formato das pedras e sobretudo a sua decoração, foi concebida para ser vista do exterior e a uma altura que tem que ser obrigatoriamente superior a um homem de estatura normal. Estando o “tria nomina” gravado na pedra inferior, nunca esta poderia ficar à altura da soleira de uma porta. Mas sim de um postigo ou janela.

As hipóteses que jogam em favor de um postigo estão patentes no diâmetro e na profundidade dos orifícios circulares das quatro pedras. O seu diminuto tamanho e escassa profundidade excluem qualquer possibilidade de funcionamento de gonzo de porta, mas não de postigo, provido de uma só portada que abriria para o exterior e fecharia pelo lado de dentro. Aliás esta descoberta não inédita, pois, no castro de Nossa Senhora da Assunção da freguesia de Barbeita, concelho de Monção, na parede oposta à porta de entrada de uma casa com vestíbulo, há restos de um postigo que não é obra de qualquer restauro actual.

A última fase daquilo que ainda se pode considerar como inserível nos parâmetros urbano-arquitectónicos da mundividência castreja, é neste povoado preenchida por núcleos familiares definidos por paredes que, ao mesmo tempo que são de suporte, delimitam igualmente uma área que compreende, para além das habitações, os anexos e os espaços de circulação.

Nos vários núcleos em escavação, as funções do denominado “silo-hórreo”, estavam a cargo das estruturas cuja planta oscila entre o rectangular e o oblongo. São construções com o piso interior mais elevado que o espaço de circulação externo, ao qual se chega, quase sempre através de uma escada, cujos degraus variam em função da sua localização. É assim que no M2 se ascende ao “silo-hórreo” através de três degraus, enquanto no M1 basta a soleira da porta, 30cm mais elevada que o lajeado exterior, para garantir que as águas que circulavam no pátio não invadissem o seu interior, deteriorando grãos e outros alimentos armazenados. Era igualmente, no seu interior, que se desenrolavam certas actividades que poderemos considerar inerentes ao quotidiano de uma casa que já utilizava, com toda a normalidade a farinha na confecção do pão. Se dúvidas restassem, bastaria atentar na inserção, no piso saibrento que cobria o chão, de duas mós manuais e de uma grande laje, bem aplanada e picada, para percebermos que era aqui que os moradores moíam os cereais e obtinham a farinha com a qual confeccionavam o pão que coziam em pequenos fornos erguidos - não sabemos se era norma - num canto do espaço lajeado. Pelo menos, é a lição que tiramos da escavação do sector C.

No espaço intimista dos núcleos familiares, aquele que desempenhava papel de destaque no quotidiano familiar, quanto mais não fosse pela sua funcionalidade prática, era a área em redor das casas, sobretudo a mais central, lajeada e normalmente orientada no sentido de captar uma boa exposição solar. Mais que espaço lajeado, para onde convergem algumas das entradas das casas, situação que está bem documentada nos sectores M1, M2 e CV, com mais propriedade lhe poderíamos chamar de “eira”, afinal um equipamento mais que usual e necessário numa exploração que tinha na agricultura um dos seus vectores económicos (79). Era neste espaço, onde livremente corriam as águas residuais, sabiamente desviadas dos alicerces das casas, que os moradores poderiam secar “frutos e bolotas” (80), que posteriormente eram armazenados no “silo-hórreo”.

Em redor das casas há ainda zonas de circulação, que podem ser ou não empedradas e espaços mortos que foram aproveitados como cozinhas ou para se construirem os fornos de cozer o pão. Pelo menos é esta a ilação que se poderá tirar das lareiras e dos fornos encontrados nos sectores C e CV.

79 - ROSÁRIO, A. do, *Falam Documentos*, 2-3 (31-66), Braga, 1973.

80 - SANTOS, L. ROUX, P. le, TRANOY, A., *Inscrições Romanas do Museu Pio XII*, BA, 37, 1983, p. 183-205.

• Actividades Artesanais

Numeroso, embora pouco variado, é o espólio que tem vindo a ser recolhido no castro de S. Lourenço. Com toda a naturalidade, a grande fatia vai para a cerâmica, mormente para os fabricos indígenas, sem esquecermos aquela que, vinda de outras latitudes, cá chegou e de uma forma mais ou menos directa e acabou por influenciar as tradicionais técnicas de fabrico. Mas para além da cerâmica, nem que sejam por breves alusões, teremos que mencionar materiais tão significativos como são as contas em pasta vítrea de cor azul, as fíbulas, cuja forma recordam o omega do alfabeto grego, os tesouros de denários e, apesar da sua pobreza ornamental, os “cabides” e as “prisões de gado” que, só no espaço até agora escavado do M1 e do M2, atingem já o razoável número da dezena.

Mas a escassez de motivos ornamentais não se circunscreve somente a estes dois sectores. Ela estende-se a outras zonas do povoado, facto que, não sendo de maneira nenhuma conclusivo, até porque a área escavada é ainda ínfima, não deixa, por outro lado, de ser sintomático. Em jeito de conclusão, poderemos dizer que, salvo um tríscele e duas pequenas pedras onde giravam os gonzos de postigo decorados com molduras semi-circulares, poderemos dizer que nada encontramos que se assemelhe à profusão de pedras decoradas, isto é, de frisos, ombreiras, padieiras, suásticas e afins, que se documentam em povoados como Santa Tecla, Briteiros, Monte Mozinho, Âncora, Cendufe, Armea, Lanhoso, Paderne ou Sabroso, só para mencionar os mais conhecidos (96).

• Cerâmica de importação

A cerâmica, não propriamente de fabrico e técnica indígena, que sabemos provir do castro de S. Lourenço, não é muita, mas é significativa. Nesta vasta família, com um certo à vontade, poderemos distinguir a cerâmica oriunda da bacia mediterrânica das produções mais localizadas, entre as quais avulta a cerâmica comum e a denominada cerâmica de construção, vulgo telhas e tijolos.

Nas cerâmicas de origem mediterrânica encontradas no castro estão patentes as *sigillatas* de origem sud-gálica e as produzidas na Península Ibérica. Em qualquer dos casos são peças provenientes de recolhas de superfície, o que equivale a dizer que estão desligadas dos contextos estratigrafados do povoado.

Todo este material aparece muito fragmentado e de difícil análise.

96 - CALO LOURIDO, Francisco, A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa, I e II, La Coruña, 1994.

Nos materiais sud-gálicos conhecem-se alguns poucos fragmentos de Drag. 15/17 e de 24/25, esta com a parte superior roletada. De qualquer modo são produções que não ultrapassam a parte final do séc. I (97).

Situação bem análoga apresentam as *sigillatas* de origem hispânica. É que, para além das formas supra-mencionadas, há que contar ainda com bocados de uma Drag. 17 e com alguns fragmentos, obviamente decorados, de uma mais que provável Drag. 37. Em qualquer dos casos, são peças de boa qualidade a nível da pasta e do engobe, situação que as coloca como produções situáveis entre a 2ª metade do séc. I e o II (98).

É de um dos sectores ainda em estudo, no caso vertente o T, que nos vem a maioria da cerâmica aparentada com as “Paredes Finas” (99), mas que vulgarmente se costuma designar por “cerâmica bracarense”. O restante material, mormente o bocado da orla de uma lucerna, tem aparecido fora de contexto, em recolhas de superfície, no espaço que vai do sector T até ao caminho de acesso à capela. Nos bocados que permitem alguma identificação, o destaque vai para uma imitação de Drag. 24/25 de pasta clara e engobe amarelo-laranja.

É deste sector que provém o único fragmento de cerâmica que verdadeiramente copia uma das formas da cerâmica “Paredes Finas” de Mérida (100). Trata-se da imitação de má qualidade de uma pequena taça externamente decorada com minúsculas pérolas. Mas mesmo não aparecendo estratigrafada, não deixa de ser um dado importante, já que reforça a ideia de uma certa mudança de hábitos e de alguma vitalidade económica no decurso do século I d.C..

Cronologia condizente com os dois primeiros séculos da actual Era, têm as cinzentas finas, recolhidas em vários sectores do povoado mas com notória incidência para o T, aquele que conserva estruturas rectangulares, ainda em fase de escavação. Desta mesma área, são outras cerâmicas comuns, bem como os fundos e bordos de cinzentas finas de prováveis copos, dois dos quais ostentam um bem explícito brunimento na parede exterior.

O rol das produções em cerâmica comum completa-se com alguns fragmentos de pasta beje e superfície exterior de coloração beje-sujo, com os fabricos de âmbito comum onde o destaque vai para a superfície exterior coberta com aguada do tipo vermelho-alaranjada ou vermelho-acastanhada, para as produções cuja superfície exterior ostenta

97 - OSWALD, Felix; PRYCE, T. Davies, An Introduction to the Study of Terra Sigillata, London, 1920, pp.173-176 e 171-172.

98 - MEZQUIRIZ DE CATALAN, Maria Angeles, Terra Sigillata Hispânica, I, Valência, 1961, pp. 53 e segs.

99 - ALARCÃO, Adília M.; MARTINS, Alina N., Cerâmica aparentada com as “Paredes Finas”, Conimbriga, 15, Coimbra, 1976, p. 91-109.

100 - MAYET, Françoise, Les Céramiques a Parois Fines dans la Péninsule Ibérique, Paris, 1975, p. 79.

linhas e motivos geométricos executados com tintas de coloração vermelho, vermelho-acastanhado e branco e os normalíssimos fabricos onde cabem todas as formas de uso quotidiano, com destaque para as panelas, os potes, as bilhas, os jarros, os pratos, as taças, as malgas, os almofarizes e naturalmente os tão usuais como característicos “*dolia*”. O quadro ficará completo se lhe juntarmos as *tegulae* e o *ímbrex* que fizeram a sua aparição no povoado, em data que se poderá considerar tardia no contexto da romanização local. Tanto quanto nos tem deixado antever a estratigrafia dos sítios já escavados, a *tegula*, como elemento de cobertura, é posterior ao século I, pois as casas circulares, organizadas em núcleos familiares, continuam a ser cobertas com materiais perecíveis aos quais se associava o xisto. Só com a introdução das casas rectangulares ou afins é que a *tegula* fez o seu aparecimento.

• A cerâmica do Sector M1

Se a genérica visão dos materiais arqueológicos encontrados no habitat permite vislumbrar uma certa radiografia ocupacional, esta torna-se mais explícita quando o espólio recolhido, nas diversas campanhas de escavações, é objecto de estudo pormenorizado.

Como já tivemos ocasião de afirmar, a escavação deste sector só se efectuou até à altura dos pisos e do lajeado que compõe este núcleo familiar bem como os alicerces da C4, casa que está relacionada com o tesouro de denários datado das Guerras Cantábricas. Em termos cronológicos, podemos afirmar que dificilmente a C4 terá tido uma datação mais antiga que o séc. I a.C., tal como o núcleo familiar, que acabaria por lhe suceder, funcionaria durante a primeira centúria da Era actual, podendo mesmo a sua perduração, ultrapassar a dinastia Flávia.

A análise que a seguir iniciamos, tem como ponto de partida as camadas mais antigas e visa alicerçar algumas das nossas deduções e ao mesmo tempo inferir se houve ou não modificações, mesmo que ténues, no quadro da produção cerâmica, ou, se pelo contrário, mesmo com o aproximar da Romanização, a resistência às inovações foi mais forte que o gosto pelas novidades.

A camada 4 é o resultado do natural funcionamento dos diversos componentes deste núcleo, o que, por outras palavras, equivale a dizer que os materiais que ela continha, pertenceram aos moradores do núcleo e por eles foram utilizados até se terem fragmentado ou perdido os seus iniciais préstimos. Igual ilação se pode tirar dos denários relacionados com a C4, que mais não é que o pecúlio amealhado pelo seu proprietário, o qual, por razões que desconhecemos, acabaria por o esconder sem comunicar o seu paradeiro a ninguém, mormente aos seus familiares.

Nesta camada o nosso estudo ceramológico incidiu sobre um total de 53 peças. Meia centena é de origem indígena e as três restantes provêm de ânforas. O número completa-se com uma pequena corrente de bronze, ao que parece proveniente de uma cadeia que suspenderia os pratos de uma balança romana (*statera*).

A elevada percentagem de cerâmica castreja e a ausência de cerâmica comum de época romana, está de acordo com uma sociedade tradicional que começa a consumir produtos importados, como o vinho e o “*garum*” transportados em ânforas do tipo Dressel 7-11 e Haltern 70, mas que não está ainda suficientemente desperta para adquirir e fabricar cerâmicas com pastas e acabamentos mais claros, mais alegres e melhor cozidas, como são os diversos tipos e modelos usados durante a primeira fase da Romanização.

As produções romanas estão unicamente representadas através dos fragmentos de ânforas do tipo Dressel 7-11 e Haltern 70.

A primeira, destinada ao transporte de “*garum*”, era produzida na costa sul da Península Ibérica. Tem paralelismos com a *Camulodunum* 186A e com a Classe 17 de Peacock, o que equivale a dizer que a sua cronologia, oscilando entre o fim do séc. I a.C. e o início do II d.C., apresenta um largo espectro temporal, embora a facilidade com que se documenta, em níveis situados entre Cláudio e os Flávios, possa sugerir uma datação próxima deste período (101).

A Haltern 70 (*Camulodunum* 185A e 185B) era uma ânfora vinária com origem na Bética com uma cronologia que oscila entre o último quarto do séc. I a.C. e a primeira metade do séc. I d.C. (102).

Na generalidade são datações que se ajustam perfeitamente ao desenrolar da normal actividade deste núcleo familiar que terá tido a sua construção no reinado de Augusto e uma vivência que se prolongará para lá do séc. I d.C. Mas, se quisermos procurar paralelos, eles não faltam, seja no Monte Mózinho (103) ou em Conímbriga (104) só para referir alguns dos locais mais conhecidos.

A cerâmica castreja deste estrato é toda ela feita com o auxílio do torno rápido. Ressalvando as formas difíceis de identificar, devido à fragmentação, o restante distribui-se por uma série de recipientes, onde a maior expressão está nas formas usuais de cozinha, tais como os potes, os potinhos e as panelas e nestas, com especial destaque para as que

101 - PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F., *Amphorae and the roman economy*, LAS, 1986, Classe 17; BELTRAN LLORIS, Miguel, *Las ánforas romanas de España*, Zaragoza, 1970, p. 389-393. Esta forma é bastante comum em Conímbriga durante o período dos Flávios. Cfr. ALARCÃO, J., *Fouilles de Conimbriga*, VI, Paris, 1976, p. 85.

102 - PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F., *op. cit.*, Classe 15.

103 - SOEIRO, Teresa, *Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre o Sousa e Tâmega em época romana*, PBMC, 3^{os}, 1, 1984; ALARCÃO, J., *op. cit.* p. 83.

104 - PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F., Classe 16.

comportam asas interiores. Significativo é igualmente a presença dos vasos destinados a armazenar líquidos, caso dos dólios e daqueles que teriam função múltipla como é o caso das malgas, das copas, das taças e dos vasos de perfil acampanulado.

Mas se avançarmos para o tipo de material utilizado na sua confecção, diremos que as pastas são arenosas e calcíticas e que a cor predominante é o castanho que, nas suas diversas composições, atinge praticamente os 100%.

Uma observação, mesmo que ligeira, ao tratamento dado à superfície exterior, permite observar um quase equilíbrio entre as superfícies polidas e alisadas e uma boa percentagem recebeu algum tipo de decoração. Nesta, o destaque vai para as incisas e impressas estando presente os cordões, os círculos concêntricos, os puncionamentos, os motivos em “espinha” e sobretudo os SSS ou palmipedes.

A harmonia que existe na camada 4 começa a desaparecer na que se lhe sobrepõe, isto é, na 3. Situação que se compreende, se atendermos que se trata da camada de desmoronamento dos diversos muros, que pode incluir materiais relacionados com as desativadas estruturas e outros que, em certa medida, serão necessariamente posteriores.

A grande maioria do espólio cerâmico continua a ser de origem e técnica castreja, sendo integralmente feito com a roda de oleiro. No entanto, no espólio romano, a par das ânforas do tipo Dressel 7-11 e das Haltern 70, começam a aparecer as cerâmicas comuns e nas quais se destacam as cinzentas finas.

Tendo em atenção os materiais de época romana e sobretudo as cronologias das ânforas Dressel 7-11, tudo aponta para que o desmoronamento tenha ocorrido numa data posterior ao século I d.C., mas sem avançarmos com mais precisões, porque os elementos de datação, mormente as cinzentas finas, continuam ainda com critérios cronológicos muito pouco definidos.

Tal como na camada anterior, também aqui, a nível de pastas, não há mudanças significativas. Predominam as de origem arenoso-micáceas de coloração acastanhada e graus de cozedura que se podem considerar de relativa qualidade, atendendo à tecnologia indígena. Relativa uniformidade se detecta ao nível do tratamento das superfícies e no tipo de formas utilizadas. Aqui a novidade está na presença das panelas de asa em orelha que gradualmente irão ocupar o espaço das panelas de asa interior.

Muito mais de acordo com a realidade arqueológica do sítio está a miscelânea de materiais aqui encontrados. Traduzindo a mistura que se gerou ao longo dos séculos, lá estão patentes as cerâmicas castrejas, as romanas, a *tegula* e mesmo as medievais estas a “descerem” da ocupação que existiu na acrópole, em torno da actual capela de S. Lourenço.

Na cerâmica castreja, excluindo os fragmentos sem definição tipológica, a primazia continua a ser dos vasos de cozinha com destaque para os potes e para as panelas de asa interior que continuam a sobreporem-se às panelas de asa em orelha.

Se estivessemos perante uma camada de ocupação relacionada com estruturas, diríamos que a tradicional forma de suspender as panelas ao lume (panelas de asa interior) continuava a sobrepor-se a certas inovações, como eram, em certa medida as panelas de asa em orelha. Mas como estamos perante uma camada que se seguiu ao desmoronamento dos muros do núcleo familiar, com muito dos materiais a serem arrastados de ocupações situadas em planos mais elevados, toda e qualquer ilação tende, necessariamente, a ser falaciosa. É, por exemplo, o que na realidade se passa com as ânforas, que, no cômputo das cerâmicas romanas, representam mais de metade dos fragmentos encontrados. Mas como as formas detectadas continuam a ser as mesmas Haltern 70 e Dressel 7-11 e estas numa versão mais alargada - os números 105 e 115 têm semelhanças com a classe 16 de Peacock (104) - resulta numa prova, segundo a qual o estrato é uma associação de materiais que podem ter interesse técnico, mas não do ponto de vista crono-arqueológico. Haverá todavia que considerar que o número de fragmentos de Dressel 7-11 encontrados neste estrato é superior aos de Haltern 70, situação que, em certa medida, se aproxima do panorama que a camada 2 ostenta, mas que se poderá alterar quando a intervenção arqueológica avançar. Nessa altura, não sabemos até que ponto a correlação percentual se mantém ou então se altera daquela ou de uma outra forma.

Ao contrário do que seria de esperar a camada vegetal, a 1, apresenta-se com uma uniformidade notável. Aqui só foram recolhidos fragmentos castrejos feitos com recurso ao torno rápido, situação que não se repete nos outros sectores. É que sendo uma área de forte declive, o mais natural é os materiais escorrerem dos pontos mais elevados, favorecendo a mistura de diferentes épocas e estilos presentes no povoado.

Nos 18 fragmentos analisados e excluída a maior fatia - 33% do total pertence a bordos e fundos que não permitem uma correcta definição da forma - a maior percentagem individual está nos potinhos como no geral pertence ao vasos de cozinha e neste caso as panelas de asa interior, as de asa em orelha, os potes e as panelas.

Referencialmente às pastas, o exame macroscópico determinou a preponderância das fabricadas com materiais de coloração castanha ou mais especificamente, uma variável entre o castanho propriamente dito e os tons mais escuros ou mais claros como são os cinzentos e os laranjas.

Significativa presença - 39% do total - têm as pastas de tonalidades alaranjadas, situação que começa a estar de acordo com uma certa mutação nos gostos e prenuncia a aceitação de modelos de cerâmicas comuns de época romana fabricadas com pastas de idêntico ou análogo teor.

Equilibrada, mas longe de ser representativa, até pela escassez dos exemplares da amostragem, sem dúvida que é a técnica usada no tratamento da face exterior.

As superfícies polidas e alisadas equilibram-se. Por sua vez, escassa é a percentagem

de superfícies decoradas onde aos motivos incisos se junta um grafito feito na parte interna do colo de um dólíio.

Finalmente uma palavra para os materiais recolhidos à superfície.

Tal como acontece nos demais povoados, também aqui a fatia das cerâmicas recolhidas à superfície, portanto desligadas de qualquer contexto estratigráfico, é elevada. Em terrenos fortemente inclinados, como são os que estão virados ao mar, é natural que os fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície da zona onde se iniciou a escavação dos sectores M1 e M2, provenham de pontos mais elevados, de estruturas implantadas na, por vezes bem declivosa, encosta e que escorreram devido aos mais diversos fenómenos.

Num total de 284 fragmentos estudados, 51 provêm de recolhas de superfície, o que equivale a dizer que representam quase 18% do total. Mas se quisermos ser mais explícitos, diremos que a maior fatia pertence à cerâmica castreja feita à roda (CII) a qual representa 74% de um conjunto onde não falta a cerâmica castreja manual (CI), a de origem romana e mesmo um fragmento de cerâmica ática com engobe preto e vestígios de figuras vermelhas.

Se passarmos a um outro quadro de análise, o das formas detectadas nas produções castrejas cujo fabrico foi realizado com recurso ao torno rápido do oleiro, veremos que, excluídas as formas não identificadas, num total de 38 fragmentos, a primazia está com os potes (20%), tal como as formas de uso corrente na cozinha, representam cerca de 40% do total. Aspecto interessante é a boa representatividade dos cossoiros, situação que, em certa medida, legitima a fiação como actividade normal e corrente nos lares castrejos deste povoado.

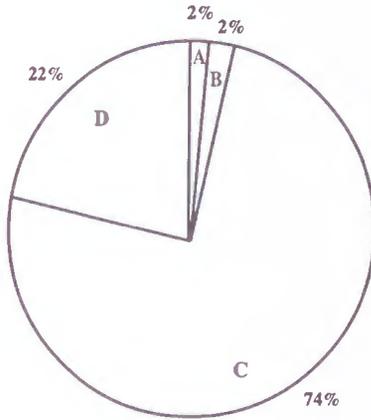
Análise um pouco mais detalhada merecem igualmente os fragmentos de técnica e filiação romana.

Representando cerca de 22% do total estudado, inclui fragmentos da "família" das Bracarenses, das Paredes Finas, das cinzentas finas, das ânforas e as de uso mais comum, como são os pratos, os potes, as malgas e os cossoiros.

CATÁLOGO
DO
SECTOR M1

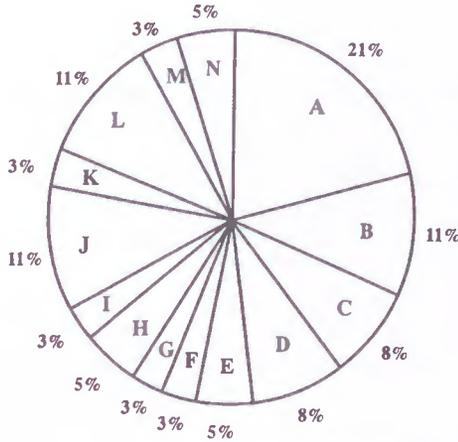
SUPERFÍCIE

Geral



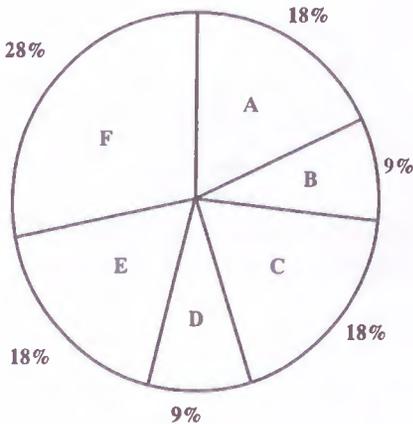
- A - Cerâmica Grega
- B - Cerâmica castreja CI
- C - Cerâmica castreja CII
- D - Cerâmica Romana

Cerâmica Castreja CII



- A - Pote
- B - Dólio
- C - Panela
- D - Panela Asa Interior
- E - Púcaro
- F - Potinho
- G - Frigideira
- H - Copa
- I - Vaso Acampanulado
- J - Cossóiro
- K - Testo
- L - Vaso Indeterminado
- M - Vaso Perfil S
- N - Vaso Médio

Cerâmica Romana



- A - Ânfora
- B - Copo
- C - Cossóiro
- D - Malga
- E - Panela
- F - Vaso Indeterminado

1 - Copo. Fundo côncavo. Pasta cinzenta-fina, arenosa. Superfície exterior polida. Boa cozedura. Rom. Q. XXII. Inv.1A. Est. I.1.

2 - Pote. Bordo de vaso de médias dimensões, decorado com sulcos horizontais de largura variável, delimitando a parte superior da pança na passagem para um colo, curto, rectilíneo que remata num bordo boleado. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, micácea. Superfícies alisadas com fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Inv. E1. Est. I.3.

3 - Panela. Asa em orelha completa e orifício circular. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, com bastante mica. Superfícies alisadas, estando a externa queimada e enegrecida pela fuligem. CII. Inv. E2. Est. I.2.

4 - Pote. Bordo em forma de largo bordo horizontal, levemente oblíquo, lábio boleado. Pasta castanha escura, arenosa, bem cozida. Superfícies polidas, irregulares e queimadas. CI. Inv. E3. Est. I.4.

5 - Panela de asa interior. Bordo plano, horizontal, lábio boleado e queimado. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, mica. Superfícies alisadas e fuliginosa a exterior. Bojo com pequeno orifício circular devido à existência de um "gato". CII. Inv. E4. Est. II.2.

6 - Pote. Bordo plano voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta castanha, arenosa, alguma mica. Superfície externa polida, espatulada na vertical, queimada e fuliginosa. Superfície interna alisada, excepto no bordo que é polido e queimado. CII. Inv. E5. Est. II.9.

7 - Panela de asa interior. Bordo plano, ligeiramente voltado para o exterior, lábio boleado. Bojo com orifício de inserção da asa na parte interna. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, pouco depurada. Superfícies alisadas e queimadas, tendo fuligem na exterior. CII. Inv. E6. Est. II.1.

8 - Panela de asa interior. Asa de secção circular, pança romboide e bordo voltado para o interior, com o lábio boleado. Pasta castanha, cerne cinzento, arenosa, pouco depurada, muita mica. Superfícies alisadas e queimadas, com muita fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Inv. E7. Est. II.3.

9 - Vaso médio. Fundo plano, leve reforço e arranque do bojo. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, mica. Superfícies alisadas, irregulares e queimadas. CII. Inv. E8. Est. II.8.

10 - Vaso médio. Fundo plano, com reforço e arranque de bojo. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfície externa sumariamente alisada e irregular, com vestígios de fuligem. CII. Inv. E9. Est. II.7.

11 - Vaso indeterminado. Fragmento de fundo com arranque do bojo. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfície externa polida, com espatulamento vertical, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Inv. E10. Est. II.6.

12 - Frigideira. Fundo plano, bojo romboide e voltado para o interior, com o lábio boleado. Pasta alaranjada, arenosa e bem cozida. CII. Inv. E11. Est. II.5.

- 13 - Panela. Bordo espessado, largo, de secção triangular, com o rebordo interno vincado destinado a receber um testo. Lábio boleado e bojo romboide. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, alguma mica. Superfícies alisadas tendo a exterior fuligem. Boa cozedura. CII. Inv. E12. Est. II. 4.
- 14 - Potinho. Forma completa de asa em fita que arranca directamente do bordo plano, voltado para o exterior, para o início do bojo semi-esférico. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfícies alisadas e queimadas, contendo a exterior bastante fuligem. CII. Inv. E13. Est. III.4.
- 15 - Pote. Fragmento de bojo e bordo, voltado para o exterior e remate em lábio boleado. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, micácea, mas bem cozida. Superfícies polidas, queimadas e fuliginosas. Decoração impressa na parte superior do bojo constituída por um denteado irregular entre dois sulcos largos, horizontais; por uma banda horizontal com sequência de SSS verticais e por uma outra, lisa, igualmente vertical, entre dois sulcos largos horizontais. CII. Inv. E14. Est. IV.8.
- 16 - Copa. Forma completa provida de asa, pequena, delgada, secção sub-circular que arranca directamente do bordo plano e voltado para o exterior, para o bojo semi-esférico. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, pouca mica. Superfícies alisadas, mas irregulares. Superfície interna do bordo polida. Fuligem na face exterior. Boa cozedura. CII. Inv. E15. Est. III.2.
- 17 - Cossoiro. Forma sub-circular, achatado nos topos, orifício central, secção pentagonal. Pasta castanha, pouco depurada. Superfícies sumariamente alisadas, irregulares e queimadas. Boa cozedura. CII. Inv. E16. Est. III.5.
- 18 - Cossoiro. Paredes pouco espessas, com orifício central circular de secção rectangular. Pasta alaranjada, arenosa, com bastante mica. Superfícies alisadas e enegrecidas. Boa cozedura. CII. Inv. E17. Est. III.3.
- 19 - Panela. Fragmento de bordo largo, plano, oblíquo e irregular rematando num lábio boleado. Pasta alaranjada, arenosa, pouco depurada. Superfícies alisadas, queimadas e fuliginosas. Rom. Inv. E18. Est. III.1.
- 20 - Tigela ou malga. Fundo côncavo com arranque do bojo, espessado e leve reforço. Pasta alaranjada, arenosa, fina. Superfícies alisadas, enegrecidas e deterioradas. Boa cozedura. Rom. Inv. E19.
- 21 - Pote. Fundo côncavo, reforçado, com arranque de bojo. Pasta alaranjada, arenosa, muita mica. Superfícies alisadas e enegrecida a exterior. Boa cozedura. CII. Inv. E20. Est. III.6.
- 22 - Vaso acampanulado. Fragmento de bordo bastante deteriorado. Possui uma carena interna na parte superior do ombro. Pasta castanha escura, micácea, arenosa fina. Superfícies polidas. Espatulada, na vertical, na face exterior e horizontalmente na interna até à zona do colo. Superfícies queimadas e com fuligem no exterior. CII. Inv. E21. Est. IV.4.
- 23 - Vaso indeterminado. Fundo de grande vaso, plano, reforçado e arranque da pança. Pasta castanha, micácea, arenosa e alguns grãos de areia de grande calibre. Superfície alisadas. Cozedura mediana. CII. Inv. E22.

Est. IV.1.

24 - Púcaro. Fragmento de bordo com bojo e arranque de asa. Canelura na passagem do colo para os ombros. Pasta castanha, pouca mica, arenosa. Superfícies alisadas. Parede exterior enegrecida. CII. Inv. E23. Est. IV.3.

25 - Pote. Bordo plano voltado para o exterior, espesso, de lábio segmentado. Pasta alaranjada, cerne cinza escuro, pouco depurada e muita mica. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Inv. 2A. Est. IV.2.

26 - Vaso indeterminado. Fundo côncavo, reforçado, muito deteriorado, com arranque do bojo. Pasta castanha, arenosa. Superfícies alisadas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 3A.

27 - Vaso de perfil em S. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, cerne cinzento, arenosa. Superfícies alisadas, queimadas e fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 4A.

28 - Vaso indeterminado. Fundo reforçado, levemente côncavo, com arranque de bojo. Pasta castanha, cerne acinzentado. Superfície exterior polida e enegrecida. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 5A. Est. V.10.

29 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo com arranque de asa. Pasta rosada, arenosa, não homogênea. Superfície exterior com aguada beije. Boa cozedura. Rom./Imp. Inv. 6-A. Est. IV.6.

30 - Pote. Bordo facetado, levemente boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Inv. 7-A.

31 - Panela. Largo bordo horizontal, espesso, lábio boleado. Pasta acinzentada, cerne cinza escuro, pouco depurada, porosa, muita mica. Superfícies alisadas, queimadas e deterioradas. Boa cozedura. CII. Inv. 8-A. Est. VI.3.

32 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Pasta beje, arenosa, depurada, homogênea. Boa cozedura. Rom./Imp. Inv. 9-A. Est. IV.5.

33 - Dólio. Bordo boleado, voltado para o exterior, com aresta plana na parte superior. Passagem do colo para o bojo marcada internamente com uma carena. Pasta beje-acinzentada, porosa, arenosa, mica. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 11. Est. VI.1.

34 - Testo? Bordo plano, boleado, com aresta interna. Pasta castanho-acinzentada, escura, arenosa, pouco depurada, muita mica. Boa cozedura. Superfícies polidas, queimadas e fuliginosas. CII. Q. XXXII. Inv. 11-A.

35 - Copa. Bordo voltado para o exterior, boleado, com asa anelar completa. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, muita mica. Superfícies polidas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 14-A. Est. IV.7.

36 - Pote. Bordo voltado para o exterior, boleado. Pasta castanha, arenosa, homogênea, mica. Superfícies polidas e queimadas. Superfície externa fuliginosa. CII. Q. XXXII. Inv. 15-A. Est. V.1.

37 - Dólio. Bordo boleado voltado para o exterior, aresta plana na parte superior. Pasta castanha, micácea, não homogénea, arenosa de grão pequeno. Superfícies alisadas, deteriorada a exterior. No acabamento interno nota-se a marca dos dedos. Feito possivelmente com o auxílio do torno lento. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 30. Est. VI.2.

38 - Dólio. Bordo plano, espessado, muito deteriorado. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, porosa, mica. Superfície interna polida, queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 31. Est. VI.4.

39 - Dólio. Bordo voltado para o exterior, plano, boleado. Carena proeminente no interior a separar o colo dos ombros. Pasta castanha, porosa, grãos de quartzo de pequeno calibre, mica. Superfícies alisadas, interiormente queimada na parte superior. Vestígios de reparação (gato) com união feita com chumbo ao nível do colo. Decoração à base de meandros ou simples marca de posse? CII. Q. XXI. Inv. 32. Est. VI.5.

40 - Pote. Perfil em S. Bordo voltado para o exterior e boleado. Pasta alaranjada, porosa, arenosa, grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfícies exterior espatulada, com fuligem. CII. Inv. 33. Est. V.2.

41 - Cossoiro. Aproveitamento de um fragmento de ânfora. Pasta alaranjada, arenosa, fina. Superfícies alisadas. Rom. Q. XXI. Inv. 39. Est. V.3.

42 - Cossoiro. Secção sub-rectangular. Aresta boleada. Pasta castanha escura, algo micácea, arenosa, fina. Faces alisadas. Boa cozedura. CII. Inv. 40. Est. V.4.

43 - Cossoiro. Aproveitamento de um fragmento de ânfora. Aresta boleada. Pasta alaranjada. Boa cozedura. Rom. Inv. 41. Est. V.5.

44 - Cossoiro. Calote esférica e parte superior côncava. Pasta castanha escura, micácea, arenosa, não homogénea. Boa cozedura. Fragmentado. CII. Inv. 42. Est. V.6.

45 - Bojo decorado. Pasta castanha, porosa, com grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Decoração em barbotina com pequenos óvulos irregulares. Tentativa de imitar um dos motivos decorativos das "Paredes Finas". Rom. Inv. 43. Est. V.8.

46 - Vaso indeterminado, pintado, aparentada à "Cerâmica Bracarense". Bordo voltado para o exterior, boleado. Pasta beje-clara, fina, depurada. Superfície exterior decorada com meandros obtidos com os dedos por reviramento do rebordo e pintura ao nível do colo de tonalidade alaranjada formando um quadriculado de losangos. Boa cozedura. Rom. Inv. 49. Est. V.7.

47 - Púcaro. Bordo boleado, voltado ligeiramente para o exterior, onde arranca uma asa de secção pentagonal. Pasta alaranjada, porosa, depurada, mica. Superfície externa polida e a interna somente na zona do colo. Fuligem. Decoração à base de três sulcos horizontais ao nível do arranque inferior da asa. CII. Inv. 51. Est. VII.1.

48 - Cerâmica ática. Fragmento de bojo decorado com figuras vermelhas sobre fundo negro. Pasta alaranjada, homogénea, depurada, alguma calcite. Engobe negro, aderente, acetinado e brilhante. Imp. Inv. 53.

49 - Vaso indeterminado. Fundo circular, côncavo, com sinais de corte por fio. Arranque do bojo. Pasta beije-alaranjada, fina, depurada. Superfícies alisadas. Rom. Inv. 57. Est. V.9.

50 - Panela. Bordo oblíquo, voltado para o exterior, boleado. Aresta interior na passagem do colo para o bordo. Pasta beije-alaranjada, porosa, grãos de quartzo de calibre médio, mica. Superfícies alisadas e fuliginosas. Rom. Inv. 58. Est. VI.6.

51 - Panela de asa interior. Bordo com secção pentagonal. Pasta castanho -acinzentada, arenosa, pouco depurada. Superfícies alisadas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XV. Inv. 61-A.

52 - Panela. Bordo oblíquo, voltado para o exterior, lábio espessado e boleado. Pasta castanha, arenosa. Superfície exterior alisada, queimada. CII. Q. XV. Inv. 62-A.

53 - Taça. Bordo oblíquo, boleado, voltado para o exterior e vincado ressaltado interior. Pasta castanho-alaranjada, cerne cinza escuro, arenosa. Superfícies alisadas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XV. Inv. 63-A.

54 - Asa. Forma bilobada. Pasta castanha, porosa, grãos de quartzo de pequeno calibre, mica. Superfícies sumariamente alisadas, fuliginosas e deterioradas. CII/Rom. Q. XLI. Inv. 68. Est. VII.4.

55 - Dólio. Bordo boleado, espessado, com a parte superior plana. Colo oblíquo, com carena na superfície interna, que separa a pança do colo. Pasta com cerne cinza escuro, porosa, com grãos de quartzo de médio e grande calibre, ferruginosa e bastante mica. Superfície exterior beije-alaranjada. Superfícies alisadas. Grafito: círculo feito com o dedo na parte interna do colo. Provável marca de possuidor. CII. Q. I. Inv. 74. Est. VII.6.

56 - Panela de asa em orelha. Bordo levemente oblíquo, voltado para o interior, lábio fino, boleado. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, mica. Superfície externa polida, queimada e fuliginosa. CII. Q. XLI. Inv. 82D.

57 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com duas estrias largas, horizontais e paralelas. Pasta alaranjada, arenosa, com muita mica. Superfície exterior polida e fuliginosa. CII. Q. XLI. Inv. 82E. Est. VIII.7.

58 - Pote. Bordo oblíquo espesso, voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta castanho-alaranjada, cerne cor de antracite. Superfícies polidas, com a interna enegrecida. CII. Q. XXXII. Inv. 82F. Est. VIII.12.

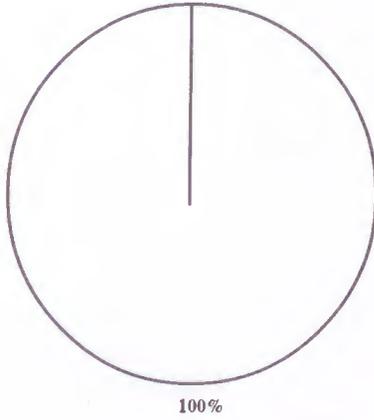
59 - Potinho. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta alaranjada, cerne cinzento, arenosa, mica. Superfície externa polida, enegrecida e deteriorada. Cozedura sofrível. CII. Q. XXXII. Inv. 82G. Est. VIII.4.

60 - Vaso indeterminado. Pasta castanho-alaranjada, arenosa. Superfície externa polida, fuliginosa e decorada com quatro incisões verticais largas e irregulares, em sequências paralelas. CII. Q. XXXII. Inv. 82J. Est. VIII.11.

61 - Potinho. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta castanho-alaranjada, cerne cor de antracite, arenosa e mica. Superfícies polidas, a interna enegrecida. CII. Q. XXXII. Inv. 82K. Est. VIII.9.

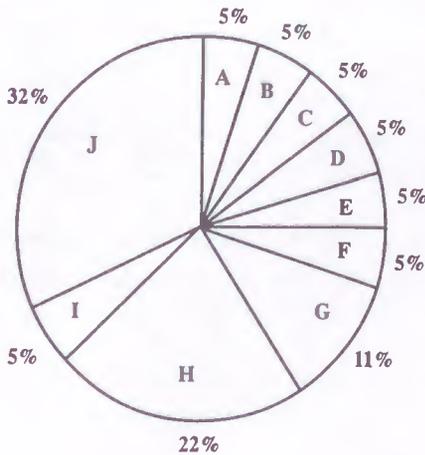
ESTRATO 1

Geral



Cerâmica Castreja CII

Cerâmica
Castreja CII



- A - Cossoiro
- B - Dólio
- C - Malga
- D - Panela
- E - Panela Asa Interior
- F - Panela Asa Orelha
- G - Pote
- H - Potinho
- I - Taça
- J - Vaso Indeterminado

62 - Cossoiro. Cerâmica reaproveitada. Pasta castanha, arenosa, mica. Superfícies alisadas com uma das faces queimadas. CII. XXXII. Inv. 82L. Est. VIII.8.

63 - Pote. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta alaranjada, arenosa, mica. Superfície polida com fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 82M. Est. VIII.10.

64 - Vaso indeterminado. Fundo ligeiramente côncavo. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, mica. Superfície externa polida e com fuligem. CII. Q. XXXII. Inv. 82N.

65 - Malga. Bordo oblíquo, lábio plano, horizontal e boleado. Pasta alaranjada, arenosa, com mica. Superfícies polidas e enegrecidas. CII. Q. XXXII. Inv. 82O. IX.7.

66 - Vaso indeterminado. Bojo alisado e decorado com uma sequência horizontal de incisões, largas e oblíquas, seguida de três estrias finas, horizontais e paralelas. Pasta alaranjada, arenosa, grosseira e bastante mica. CII. Q. XXXII. Inv. 82P.

67 - Potinho. Bordo voltado para o exterior, com bordo boleado. Pasta alaranjada, cerne cinza escuro, arenosa, grosseira, muita mica. Superfícies alisadas, mas deterioradas. CII. Q. XXXII. Inv. 82Q. Est. IX.5.

68 - Vaso indeterminado de pequeno tamanho. Fundo ligeiramente côncavo. Pasta castanho-alaranjada, arenosa. Superfície externa polida e enegrecida. CII. Q. XXXII. Inv. 82R.

69 - Potinho. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta alaranjada, arenosa, bastante mica. Superfícies polidas. CII. Q. XXXII. Inv. 82S.

70 - Painel de asa interior. Bordo recto, espesso, lábio poligonal. Colo oblíquo, levemente romboide. Pasta castanha, arenosa, com bastante mica. Superfícies alisadas, queimadas. CII. Q. XLI. Inv. 80-A.

71 - Bojo decorado. Pasta castanha escura, micácea, arenosa com grãos de médio calibre. Superfícies alisadas. Decoração: duas caneluras paralelas seguidas de incisões, feitas com matriz. As incisões constam de pontos formando uma linha oblíqua à canelura. CII. Q. XLI. Inv. 80-G. Est. X.6.

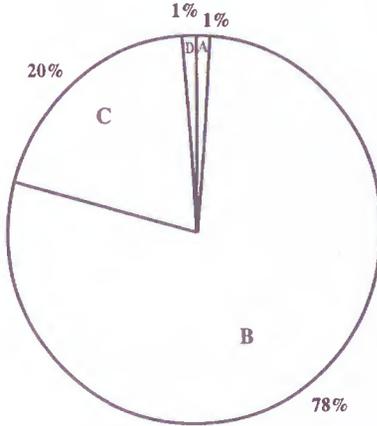
72 - Dólio. Bordo, parede esvasada que remata num bordo engrossado, virado para o interior e boleado. Pasta castanha, micácea. Superfícies alisadas. CII. Q. XLI. Inv. 80-I. Est. VI.7.

73 - Vaso de perfil em S. Bordo voltado para o exterior, boleado. Passagem do colo para os ombros marcada por um ressalto. Pasta bege-acastanhada, porosa, com grãos de quartzo de pequeno calibre e mica. Superfícies alisadas e fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 82. Est. VII.2.

74 - Painel de asa em orelha. Pasta castanha escura, micácea, arenosa, grãos de quartzo de grão médio. Superfícies alisadas, fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 83.

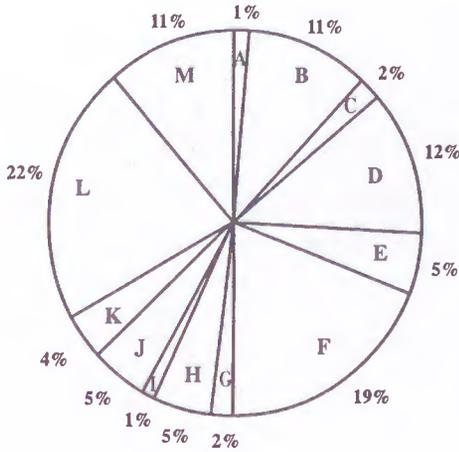
ESTRATO 2

Geral



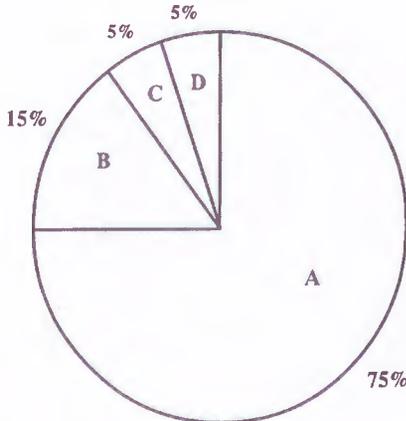
- A - Cerâmica Castreja CI
- B - Cerâmica Castreja CII
- C - Cerâmica Romana
- D - Cerâmica Medieval

Cerâmica Castreja CII



- A - Amolador
- B - Dólio
- C - Panela
- D - Panela Asa Interior
- E - Panela Asa Orelha
- F - Pote
- G - Potinho
- H - Púcaro
- I - Tacho
- J - Vaso Grande
- K - Vaso Médio
- L - Vaso Indeterminado
- M - Vaso Perfil S

Cerâmica Romana



- A - Ânfora
- B - Copo
- C - Testo
- D - Vaso Indeterminado

75 - Vaso. Fundo ligeiramente côncavo, estrias na parte interna. Pasta beje, apurada, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Rom. Q. XXI. Inv. 86.

76 - Panela de asa em orelha. Bordo. Pasta castanho-acinzentada, micácea e arenosa fina. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 87. Est. X.1.

77 - Pote. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha clara, muito micácea e arenosa de grão médio. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 92. Est. XII.3.

78 - Vaso de perfil em S. Bordo fino, boleado e inclinado para o exterior. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfícies polidas, queimadas e fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 101-A. Est. X.5.

79 - Amolador-polidor. Seixo de secção oval. Parte superior boleada e arredondada. Parte inferior lisa. Coloração escura. CII. Q. XXI. Inv. 104-A. Est. X.8.

80 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo. Pasta alaranjada, porosa, homogénea. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXI. Inv. 105.

81 - Vaso grande. Bordo espesso, oblíquo, voltado para o exterior e com lábio boleado. Pasta castanho-alaranjada, porosa, com muita mica. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 105-A. Est. XII.5.

82 - Panela. Fundo ligeiramente côncavo e reforçado, com arranque de bojo onde se distingue um orifício circular de reparação por "gato". Pasta alaranjada e arenosa. Superfícies alisadas, queimadas e fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 106-A. Est. X.3.

83 - Vaso médio de perfil em S. Bojo com decoração incisa: três sulcos largos e horizontais na passagem do colo para o bojo. Pasta castanha, xistosa e arenosa. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 107-A. Est. XIII.5.

84 - Vaso médio. Fundo plano, com arranque do bojo. Pasta castanho-alaranjada na parte interior e acinzentada na exterior, muito micácea, arenosa com alguns grãos de grande calibre, não homogénea. Superfícies alisadas e fuliginosas. Fraca cozedura. CII. Q. I. Inv. 112. Est. X.4.

85 - Panela de asa interior. Bordo facetado, oblíquo, inclinado para o exterior. Pasta castanha, muito micácea, arenosa de grão médio e xistosa. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 113. Est. XII.6.

86 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa fina e muito porosa. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXI. Inv. 115. Est. X.7.

87 - Vaso indeterminado. Fundo plano. Pasta castanha e arenosa. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 116A. Est. X.2.

88 - Ânfora. Asa bilobada. Pasta alaranjada e arenosa fina. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXII. Inv. 119. Est. XI.4.

89 - Panela de asa interior. Bordo poligonal, voltado para o exterior e com colo ligeiramente romboide. Pasta castanha, arenosa e com bastante mica. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 119-A.

90 - Panela de asa em orelha. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta laranja-acastanhada e arenosa. Superfície polida, enegrecida e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 120-A. Est. XIII.1.

91 - Panela de asa interior. Bordo espessado e boleado. Pasta castanha, micácea, arenosa de grãos médios. Superfície alisada. Cozedura razoável. CII. Q. XXII. Inv. 121. Est. XII.7.

92 - Pote. Bordo boleado, com colo oblíquo. Carena na transição do colo para o ombro. Pasta castanha escura, com pouca mica e areia fina. Superfície estriada e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 135. Est. XIII.2.

93 - Vaso médio de perfil em S. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, xistosa, com pequenos grãos de areia. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Cozedura razoável. CII. Q. XXII. Inv. 143.

94 - Ânfora. Asa bilobada. Pasta rosada e arenosa de grãos médios. Superfície alisada e deteriorada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII. Inv. 148. Est. XI.3.

95 - Púcaro. Bordo boleado, espessado e voltado para o exterior. Pasta castanha escura, micácea, xistosa e arenosa fina. Superfície brunida. Pequeno orifício para reparação por “gato”. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 150. Est. XI.1.

96 - Pote. Bordo boleado, com carena interna na passagem do colo para os ombros. Pasta castanha escura, pouco mica e arenosa de grãos médios e pequenos. Superfície alisada e com muita fuligem. Decoração plástica à base de caneluras horizontais a meio do colo. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 151. Est. XI.2.

97 - Testo. Pasta beje-alaranjada, porosa e arenosa. Superfície irregular, com alisamento sumário. Boa cozedura. Rom. Q. XXXII. Inv. 163.

98 - Púcaro. Bordo boleado e voltado para o exterior. Carena interna na passagem do colo para os ombros. Pasta castanha, micácea e arenosa de grão médio. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXI. Inv. 167. Est. XIII.4.

99 - Vaso médio. Fundo plano e reforçado, com arranque da parede do bojo. Pasta castanha, com pouca mica e arenosa fina. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XXXI. Inv. 171. Est. IX.3.

100 - Vaso indeterminado. Fundo plano, com arranque do bojo. Pasta beje- acinzentada e cerne esbranquiçado,

arenosa e porosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 183.

101 - Dólio. Fundo plano e reforçado. Pasta castanho-alaranjada, com cerne cinzento, porosa, arenosa e com muita mica. Superfície irregular. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 190. Est. XII.2.

102 - Panela de asa interior. Bordo recto. Pasta castanha, com cerne acinzentado, arenosa, porosa e com muita mica. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXI. Inv. 191.

103 - Vaso indeterminado. Fundo côncavo e reforçado. Pasta castanha e arenosa. Superfície sumariamente alisada e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 195-A. Est. XIV.2.

104 - Dólio. Bordo boleado. Carena interna na passagem do colo para os ombros. Pasta castanha, muito micácea, xistosa e areia de grande calibre. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 198.

105 - Panela de asa interior. Fundo reforçado, côncavo. Pasta castanha, micácea, arenosa com grãos de grande calibre. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 203. Est. XIV.3.

106 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa e impressa (matriz): sulco horizontal encimando uma matriz em espinha de peixe. Pasta cinzenta escura, pouco micácea, arenosa fina. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 205.

107 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração plástica à base de caneluras. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 214. Est. XIV.1.

108 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa: série de linhas oblíquas entre dois sulcos horizontais e paralelos entre si. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 218.

109 - Copo de cinzenta fina. Fundo côncavo. Pasta cinzenta e esbranquiçada no cerne, depurada, com alguns grãos de areia. Superfície polida. Boa cozedura. Rom. Q. XLI. Inv. 221.

110 - Vaso grande. Fundo com arranque de bojo. Pasta laranja-acastanhada, com cerne cinzento, arenosa, muito micácea. Superfície alisada, queimada, fuliginosa e deteriorada. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 239. Est. XII.1.

111 - Púcaro. Bordo boleado e colo com arranque de asa. Pasta acastanhada, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 240. Est. XIII.3.

112 - Púcaro. Fundo côncavo, reforçado, com arranque de bojo. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI.

113 - Dólio. Bordo espessado, ligeiramente oblíquo, com lábio boleado e com rebordo interior. Pasta alaranjada, de cerne cinzento, com bastante mica. Superfície alisada no colo e espatulada verticalmente no bojo (da zona do ombro para baixo). Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 242. Est. XII.4.

114 - Dólio. Bordo espessado, plano, de lábio boleado. Pasta alaranjada, de cerne acinzentado, com bastante mica. Superfície alisada e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 243. Est. XII.8.

115 - Panela de asa interior. Pasta castanha, arenosa, com bastante mica. Superfície alisada e queimada. Superfície interna com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 244. Est. XVI.6.

116 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração plástica: dois cordões de reforço, paralelos, ao nível do ombro. Pasta castanha clara, micácea, xistosa e arenosa de grãos pequenos. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 247.

117 - Tacho. Bordo bífido. Pasta castanha clara, micácea, xistosa e arenosa com alguns grãos médios. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 248. Est. XIV.4.

118 - Pote. Bordo de aba horizontal com aresta boleada na face interna e sobeira curva. Pasta castanha escura, micácea, xistosa e arenosa de grãos médios. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 249. Est. IX.4.

119 - Pote. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanha clara, muito micácea, xistosa, com algumas palhetas de grande porte, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 250. Est. IX.6.

120 - Dólio. Bordo com aba horizontal, boleada na extremidade e aresta na face interna. Pasta alaranjada, micácea, xistosa, arenosa com alguns grãos de grande calibre. Superfície polida e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 251. Est. IX.2.

121 - Vaso grande. Fundo côncavo e reforçado. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão médio. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 253.

122 - Pote. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanha clara, arenosa. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 261. Est. XIV.5.

123 - Panela de asa interior. Bordo plano, espessado, com ressalto interno. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, com bastante mica. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CI. Q. XXXII. Inv. 272.

124 - Pote. Fundo côncavo. Pasta castanha clara, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 275.

- 125 - Pote. Fundo plano e reforçado. Pasta alaranjada, com cerne acinzentado, arenosa. Superfície alisada, queimada e muito fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 283. Est. XV.5.
- 126 - Pote de perfil em S. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta beje-acastanhada, arenosa. Superfície alisada, com espatulamento vertical. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 285.
- 127 - Vaso grande. Fundo plano, levemente reforçado, com arranque de bojo. Pasta castanho-alaranjada, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 287. Est. XV.3.
- 128 - Pote. Fundo côncavo e reforçado. Pasta alaranjada, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. Transição do CII para o romano. Q. XXXII. Inv. 297.
- 129 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta beje, grosseira. Superfície alisada e irregular. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII. Inv. 301. Est. XV.4.
- 130 - Ânfora. Asa bilobada. Pasta beje, de cerne rosado, grosseira. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII. Inv. 303. Est. XV.2.
- 131 - Ânfora. Asa bilobada. Pasta beje, pouco depurada. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII. Inv. 304. Est. XV.1.
- 132- Pote de perfil em S. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfície polida e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 307. Est. XV.6.
- 133 - Dólio. Bordo oblíquo, boleado e largo rebordo interno. Pasta castanha, arenosa, porosa, micácea. Superfície alisada, queimada e deteriorada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 308. Est. XVI.4.
- 134 - Pote bojudo. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanho-acinzentada, arenosa. Superfície alisada, mas irregular. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 311.
- 135 - Panela de asa interior. Fundo plano, com ligeiro reforço. Pasta alaranjada, arenosa. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura, CII. Q. XXXII. Inv. 313. Est. XVII.1.
- 136 - Pote. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanha, arenosa, com bastante mica. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 314.
- 137 - Ânfora. Bojo com orifício. Pasta beje-alaranjada, grosseira. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII. Inv. 315.
- 138 - Vaso médio. Fundo plano, com arranque de bojo. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa fina. Superfície polida e um pouco deteriorada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 321.
- 139 - Vaso médio. Bordo boleado e voltado para o exterior. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa fina. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 322.

- 140 - Dólio. Bordo espessado, com carena interna na passagem do colo para os ombros. Pasta castanha, micácea, arenosa com grãos de médio calibre. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 328. Est. XVI.5.
- 141 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Fundo completo. Pasta beje, rosada, arenosa, com impurezas. Boa cozedura. Rom./Imp. Q.XXXI. Inv. 81A. Est. VI.11.
- 142 - Ânfora. Forma. Bordo. Pasta beje-alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q.XXXI. Inv. 81B.
- 143 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXI. Inv. 81C. Est. VI.8.
- 144 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q. XLI. Inv. 81D. Est. VI.12.
- 145 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q. XLI. Inv. 81E. Est VI.9.
- 146 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q. XLI. Inv. 81F. Est VI.10.
- 147 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXI. Inv.
- 148 - Pote. Bordo oblíquo, lábio boleado com pequena carena no colo. Pasta castanho-alaranjada, arenosa e com mica. Superfícies alisadas e enegrecidas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 81H.
- 149 - Painel de asa em orelha. Bordo com arranque de asa em forma de orelha. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, porosa e micácea. Superfícies alisadas e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 81I. Est. VII.3
- 150 - Vaso indeterminado. Fundo ligeiramente côncavo. Pasta castanha, arenosa e porosa. Superfície exterior polida e queimada. CII. Q. XXXII. Inv. 81J. Est. VII.5.
- 151 - Painel de asa interior. Arranque com asa de secção circular. Pasta beje-castanhada, arenosa, porosa, muita mica. Superfícies alisadas com a interior queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 81K. Est. VII.9.
- 152 - Painel. Bordo espesso, oblíquo, lábio boleado. Possui dois orifícios que tanto podem ser de "gatos" como encaixes de suporte de suspensão. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, grosseira, muita mica. Superfícies sumariamente alisadas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 81L. Est. VII.8.
- 153 - Vaso indeterminado. Bordo de tendência oblíqua, lábio fino e boleado. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, micácea. Superfície externa polida. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 81M.

154 - Pote. Bordo oblíquo, espesso, voltado para o exterior e boleado. Pasta alaranjada, arenosa, porosa, micácea. Superfícies alisadas e lábio queimado. CII. Q. XLI. Inv. 81N.

155 - Vaso indeterminado. Bordo oblíquo, espessado, boleado, com ressalto interno na passagem para o colo. Pasta alaranjada, arenosa, com palhetas de mica de grandes dimensões. Superfícies alisadas e queimadas. CII. Q. XLI. Inv. 81O.

156 - Vaso indeterminado. Bordo voltado para o exterior remantando em lábio boleado. Pasta castanho-alaranjada, cerne cinzento, arenosa e micácea. Superfície externa polida. CII. Q. XXXII. Inv. 81P. Est. VIII.5.

157 - Vaso indeterminado. Fundo de vaso ligeiramente côncavo e com reforço. Pasta castanho-alaranjada, arenosa e micácea. Superfícies alisadas e enegrecidas. CII. Q. XLI. Inv. 81Q.

158 - Asa em fita. Pasta alaranjada, arenosa fina Superfícies alisadas. Boa cozedura. Med. Q. XLI. Inv. 81R. Est. VIII.2.

159 - Pote. Bordo espessado, voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta castanha, grosseira, arenosa, muita mica. Superfícies alisadas e deterioradas. CII. Q. XLI. Inv. 81S.

160 - Pote de perfil em S. Pasta castanha, arenosa, micácea. Superfícies polidas e queimada a exterior. CII. Q. XLI. Inv. 81T.

161 - Vaso indeterminado. Fundo plano. Pasta alaranjada, arenosa e micácea. Superfície externa polida e enegrecida. CII. Q. XLI. Inv. 81U.

162 - Vaso indeterminado. Fundo côncavo. Pasta alaranjada, arenosa, muita mica. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 81V. Est. VIII.3.

163 - Vaso indeterminado. Fundo ligeiramente côncavo, com pequeno reforço. Pasta castanho-acinzentada, arenosa, muita mica. Superfície polida e enegrecida. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 81W. Est. VIII.1.

164 - Pote de perfil em S. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta alaranjada, arenosa, muita mica. Superfícies sumariamente polidas, queimadas e fuliginosas. CII. Q. XLI. Inv. 81X.

165 - Potinho de perfil em S. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta castanha, arenosa, micácea. Superfícies polidas e queimadas. CII. Q. XLI. Inv. 81Y.

166 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com uma sequência horizontal de incisões oblíquas e duas caneluras levemente salientes e horizontais. Pasta castanho-alaranjada, arenosa. Superfície externa alisada e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 81Z. Est. VII.7.

167 - Potinho. Bordo voltado para o exterior, lábio boleado. Pasta alaranjada, com o cerne cor de antracite, arenosa, grosseira e muita mica. Superfícies alisadas e muito deterioradas. Má cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 82A.

168 - Copo. Fragmento de colo com arranque da pança. Pasta cinzenta-fina, cerne beje-acinzentado, arenosa, depurada. Superfícies polidas. Rom. Q. XLI. Inv. 82B.

169 - Copo. Bordo voltado para o exterior, lábio espessado e boleado. Pasta cinzenta fina, cerne beje-acinzentado, arenosa, depurada. Superfícies polidas. Rom. Q. XLI. Inv. 82C.

170 - Copa. Bordo oblíquo, boleado e voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 337. Est. XV.7.

171 - Pote. Fundo côncavo, com reforço e arranque de bojo. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfície polida, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 338.

172 - Ânfora. Asa bilobada. Pasta alaranjada, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XII. Inv. 342. Est. XX.5.

173 - Panela de asa interior. Fundo plano e reforçado. Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa de grão médio. Superfície alisada e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 343. Est. XVI.2.

174 - Dólio. Fundo côncavo e reforçado. Pasta castanho-alaranjada, cerne castanho escuro, micácea, xistosa, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 350. Est. XVI.3.

175 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa e estampada obtida por matriz: série de sulcos concêntricos alinhados, encimam uma linha formada por um sulco. Pasta castanho-alaranjada, micácea, xistosa, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 351.

176 - Pote. Bordo facetado e com carena interna. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfície alisada, queimada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 352.

177- Dólio. Bordo facetado e com carena interna. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa com alguns grãos de grande calibre. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 357. Est. XVI.7.

178 - Panela de asa interior. Bordo com asa interior. Pasta castanha clara, micácea e arenosa. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 358. Est. XVI.10.

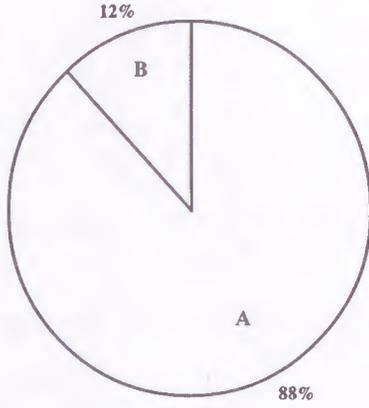
179 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo com arranque de asa. Pasta rosada, arenosa com grãos de médio calibre. Superfície alisada que perdeu o engobe. Rom./Imp. Q. XXII. Inv. 360. Est. XVII.4.

180 - Placa de xisto. Secção oval. Dois orifícios não circulares. CII. Q. XXII. Inv. 361.

181 - Vaso indeterminado. Fundo de grande vaso, côncavo, com ligeiro reforço. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies espatuladas horizontalmente na parte inferior e verticalmente na zona do bojo. CII. Q. XXII. Inv. 363. Est. XVI.1.

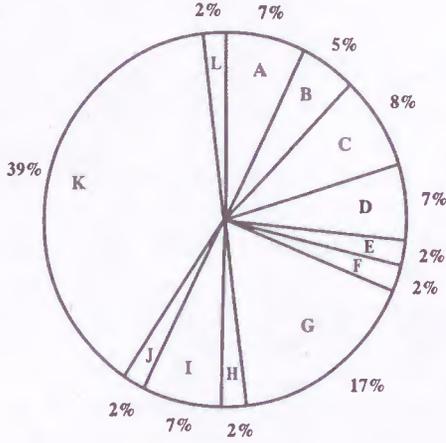
ESTRATO 3

Geral



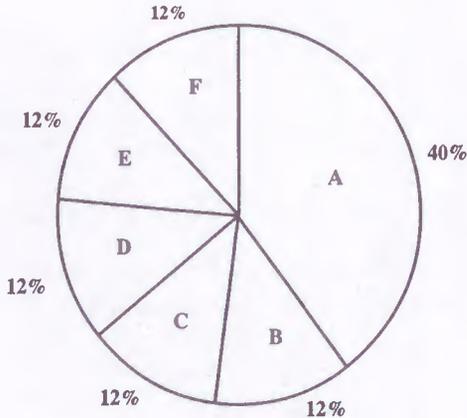
A - Cerâmica Castreja CII
B - Cerâmica Romana

Cerâmica Castreja CII



A - Copa
B - Dólio
C - Panela
D - Panela Asa Interior
E - Panela Asa Orelha
F - Placa Xisto
G - Pote
H - Prato
I - Púcaro
J - Taça
K - Vaso Indeterminado
L - Vaso Médio

Cerâmica Romana



A - Ânfora
B - Bilha
C - Copo
D - Cossolro
E - Malga
F - Taça

- 182 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com dois sulcos horizontais e paralelos que encimam uma série de pequenas incisões oblíquas. Pasta castanha clara, micácea, arenosa fina. Superfície externa polida e fuliginosa. CII. Q. XXII. Inv. 364. Est. XIX.1.
- 183 - Painel de asa em orelha. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão médio. Superfície alisada e com fuligem no exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 365. Est. XVII.5.
- 184 - Púcaro. Fundo ligeiramente côncavo e reforço exterior. Pasta castanha clara, pouca mica. Superfície exterior polida, queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 366. Est. XXI.4.
- 185 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com três sulcos horizontais e paralelos que encimam uma série composta por triângulos duplos e círculos concêntricos. Pasta com cerne castanho, arenosa e micácea. Superfície externa negra e alisada. CII. Q. XXII. Inv. 367, 469, 481, 497, e 506. Est. XVIII.1,2,3,4 e 5.
- 186 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com dois sulcos horizontais, paralelos entre si que encimam uma série horizontal de SSS, uns maiores que outros. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa fina. Superfície exterior polida e parcialmente queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 369. Est. XIX.6.
- 187 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com incisões largas e oblíquas no meio de sulcos horizontais e paralelos. Pasta castanha escura no exterior, negra no interior, micácea, arenosa com alguns grãos de médio calibre. Superfícies alisadas. CII. Q. XXII. Inv. 371. Est. XVIII.9.
- 188 - Púcaro. Bordo e parte do bojo com arranque de asa. Pasta castanho-alaranjada, pouco micácea, arenosa fina. Parede externa polida e com sinais de fuligem. Boa cozedura. Pertence-lhe a asa inventariada com o nº 401. CII. Q. XXII. Inv. 373. Est. XVIII.6.
- 189 - Asa de bilha. Secção em amêndoa. Pasta beje, depurada com poucas palhetas de mica. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Rom. Q. XXII. Inv. 374.
- 190 - Pote. Bordo facetado virado para o exterior com carena interna. Pasta castanha escura, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas e com fuligem. CII. Q. XXII. Inv. 375.
- 191 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com incisões oblíquas entre sulcos horizontais e paralelos. As incisões umas são da esquerda para a direita, as outras em sentido inverso. Pasta castanho-alaranjada, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 383. Est. XIX.4.
- 192 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com dois sulcos horizontais, paralelos entre si que encimam uma série de pequenas incisões oblíquas da direita para a esquerda. Pasta alaranjada, pouco micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 394. Est. XVIII.7.
- 193 - Copo de cinzenta fina. Fundo côncavo e estriado. Pasta de cerne esbranquiçado e superfícies cinzentas. Superfície polida. Rom. Q. XXII. Inv. 407. Est. XVII.3.

194 - Panela. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa. Superfícies alisadas com fuligem na exterior. CII. Q. XXII. Inv. 430.

195 - Pote. Bordo boleado, virado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Superfície exterior polida com espatulamento horizontal na zona do lábio e vertical no resto do fragmento. Vestígios de fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 438. Est. XX.7.

196 - Panela. Bordo boleado, virado para o exterior marcado com carena interna. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Paredes queimadas, fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 440. Est. XVII.2.

197 - Panela. Bordo boleado, virado para o exterior, marcado com carena interna. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Parede interna queimada, fuligem na exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 450.

198 - Pote. Bordo boleado, virado para o exterior. Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa fina. Superfície exterior polida, com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XII. Inv. 456.

199 - Vaso indeterminado. Fundo de vaso de médias dimensões, plano e ligeiro reforço exterior. Pasta castanha, micácea e arenosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 460.

200 - Púcaro. Perfil em S com o bordo boleado e virado para o exterior. Pasta bege, pouco micácea, arenosa fina. Superfície exterior polida, espatulada horizontalmente e com fuligem. CII. Q. XXII. Inv. 472.

201 - Vaso indeterminado. Fundo de grande vaso com arranque de bojo. Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Vestígios de fuligem na parede interna. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 477. Est. XXIV.4.

202 - Vaso indeterminado. Fundo de grande vaso, plano e com reforço exterior. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão fino a médio. Superfícies alisadas, havendo na exterior um espatulamento horizontal junto ao reforço. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 493.

203 - Pote. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha clara, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 494.

204 - Panela de asa interior. Asa de secção em D. Pasta castanha, arenosa, micácea. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 503. Est. XX.6.

205 - Panela. Bordo espessado, boleado, de aba oblíqua. Pasta bege, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII/Rom. Q. XXII. Inv. 504. Est. XXV.3.

206 - Dólio. Bordo almendrado, virado para o exterior. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa de grão médio e fino. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 507. Est. XXV.5.

207 - Púcaro. Asa em fita, com rebaixamento longitudinal na zona média da face externa. Pasta acinzentada, pouco micácea, arenosa fina. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 511. Est. XX.3.

208 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: duas linhas horizontais que separam duas séries de incisões oblíquas de orientação divergente. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão fino. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 519. Est. XIX.4.

209 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: dois cordões de reforço encimam uma série de incisões oblíquas no sentido esquerda-direita. Pasta acinzentada, micácea, arenosa de grão médio e grande. Superfícies alisadas. Sinais de fuligem no exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 521. Est. XIX.5.

210 - Prato. Fundo plano com arranque da parede de bojo, quase vertical. Pasta castanha clara, micácea, arenosa. Superfícies alisadas e estriadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 522.

211 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração de dois cordões de reforço horizontais. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Parede exterior com sinais de fuligem. CII. Q. XXII. Inv. 523. Est. XXI.6.

212 - Copa. Sem asas. Bordo boleado, aba oblíqua, virada para o exterior. Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa de grão fino. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Sinais de fuligem no exterior. CII. Q. XXII. Inv. 528.

213 - Panela. Bordo boleado, aba oblíqua, virada para o exterior. Pança ovoide. Pasta castanha clara, micácea, xistosa, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 530.

214 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: três sulcos horizontais e paralelos encimam uma série de incisões oblíquas no sentido direita-esquerda. Pasta cinzenta escura, micácea, arenosa fina. Superfície alisada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 534. Est. XVIII.8.

215 - Pote. Bordo voltado para o exterior, boleado. Pasta castanha, arenosa, com muita mica. Superfícies polidas e queimadas. Bem cozida. CII. Q. XXII. Inv. 541.

216 - Asa. Pasta alaranjada, arenosa, não homogénea. Superfície externa polida e interna alisada. Bem cozida. Paredes queimadas e fuliginosas. Secção pentagonal com vestígios de encaixe superior. CII. Q. XXII. Inv. 543. Est. XX.4.

217 - Pote. Fundo plano. Pasta alaranjada, com cerne acinzentado, arenosa, pouco depurada, com bastante mica. Superfícies alisadas. Bem cozida. Paredes queimadas, muito deterioradas. CII. Q. XXII. Inv. 544.

218 - Copa. Asa pentagonal. Pasta castanha, arenosa, com mica. Superfície externa polida e interna alisada. Bem cozida. Paredes queimadas. CII. Q. XXII. Inv. 549. Est. XX.2.

219 - Taça. Pasta beje-alaranjada, homogênea, arenosa. Superfícies alisadas. Bem cozida. Rom. Q. XXII. Inv. 553. Est. XXV.2.

220 - Vaso indeterminado. Asa pentagonal. Pasta acastanhada com cerne cinzento, arenosa, micácea. Superfície polida e queimada. Boa cozedura. CII. Q. XXII. Inv. 557. Est. XX.1.

221 - Vaso indeterminado. Fundo com reforço. Pasta castanha clara, micácea, arenosa, com grãos de grande calibre. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Parede externa com espatulamento horizontal. Parte da parede exterior queimada. CII. Q. XXII. Inv. 569.

222 - Panela de asa interior. Bordo voltado para o exterior, boleado, com vincado rebordo externo. Pasta castanha, arenosa, grosseira, com bastante mica. Superfícies alisadas. Bem cozida. Superfície externa queimada. CII. Q. XXII. Inv. 570. Est. XVI.9.

223 - Malga. Fundo côncavo, reforçado. Pasta alaranjada, fina, homogênea. Superfícies alisadas. Bem cozida. Rom. Q. XXXI. Inv. 573. Est. XXI.1.

224 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: série de incisões oblíquas formando triângulos, entre dois sulcos horizontais e paralelos. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, micácea. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 580. Est. XVIII.10.

225 - Vaso médio. Fundo plano, com pequeno reforço. Pasta alaranjada, arenosa, com muita mica. Superfície interna alisada e muito deteriorada. Superfície externa polida. Bem cozida. CII. Q. XXXII - XXXIII. Inv. 586.

226 - Pote. Bordo voltado para o exterior, boleado. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, com bastante mica. Superfícies polidas e queimadas. Bem cozida. Superfície interna muito deteriorada. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 588.

227 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração de três caneluras paralelas e horizontais que encimam uma série horizontal de curtas incisões oblíquas. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, com bastante mica. Superfícies alisadas. Bem cozida. Superfície externa queimada e fuliginosa. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 590. Est. XIX.2.

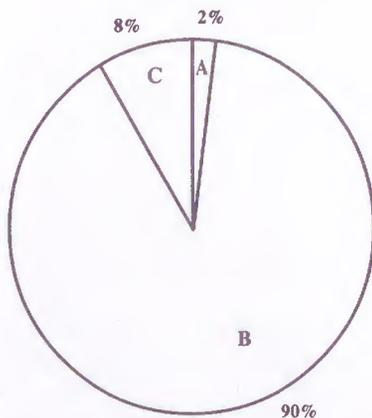
228 - Asa. Bojo com arranque de asa. Decoração incisa abaixo do arranque da asa, composta por duas caneluras verticais e paralelas. Pasta castanha, arenosa, grosseira, com muita mica. Superfícies alisadas e queimadas. Bem cozida. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 591.

229 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: vincado sulco horizontal sob uma sequência de pequenas incisões oblíquas irregulares. Pasta castanho-alaranjada, arenosa, micácea. Superfície polida. Boa cozedura. CII. Q. XXI. Inv. 593. Est. XIX.3.

- 230 - Asa e bordo de copa. Asa curta, anelar e bordo voltado para o exterior, com colo vincado. Pasta castanha, arenosa, com mica. Superfícies polidas e queimadas. Bem cozida. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 599. Est. XXI.9.
- 231 - Taça. Pança bojuda, separada por um ressalto do bordo, que é alto e ligeiramente oblíquo. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão fino. Superfícies polidas e queimadas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 605.
- 232 - Pote médio. Fundo côncavo, com ligeiro reforço. Pasta castanho-alaranjada, arenosa. Superfície externa polida, queimada e com fuligem, interna alisada. Bem cozida. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 607.
- 233 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo completo com arranque de asas. Pasta alaranjada, arenosa, porosa. Superfícies alisadas e rugosas. Bem cozida. Rom./Imp. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 611. Est. XXIV.3.
- 234 - Cossoiro. Faces planas e arestas boleadas. Pasta alaranjada, arenosa, porosa. Superfícies alisadas e desgastadas. Bem cozida. Rom. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 613. Est. XXII.2.
- 235 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: linha incisa rematando numa das extremidades com uma pequena esfera. Dessa linha saem outras linhas incisivas, ligeiramente oblíquas. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 69-A. Est. XXII.8.
- 236 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: quatro linhas incisivas horizontais e paralelas entre si. Entre a segunda e terceira linha uma série de impressões (triângulos feitos com linhas oblíquas). Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 69-B. Est. XXII.9.
- 237 - Panela de asa interior. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e com fuligem. CII. Q. I. Inv. 616.
- 238 - Panela. Bordo boleado e colo oblíquo. Pasta castanha, muito micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas, queimadas e fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 618.
- 239 - Queijeira? Pasta castanha, micácea, xistosa e arenosa. Superfícies alisadas e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 619.
- 240 - Panela de asa interior. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies alisadas, queimadas e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 620.
- 241 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: sulco horizontal e incisões oblíquas, curtas e largas. Pasta castanho-acinzentada, não homogênea, micácea, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 622. Est. XXIII.8.

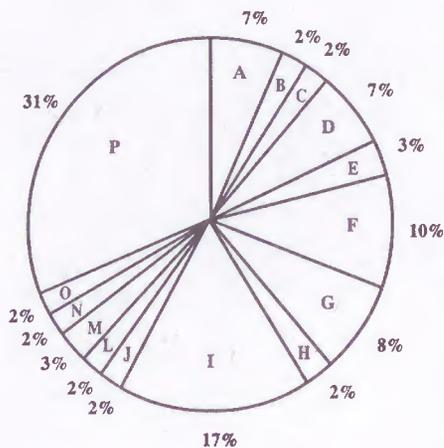
ESTRATO 4

Geral



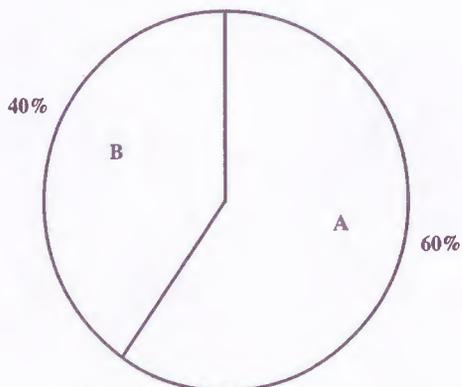
A - Cerâmica Castreja CII
B - Cerâmica Romana

Cerâmica Castreja CII



A - Copa
B - Corrente (bronze)
C - Cossolro
D - Dóilo
E - Malga
F - Panela
G - Panela Asa Interior
H - Placa Xisto
I - Pote
J - Potinho
K - Queijeira
L - Taça
M - Testo
N - Vaso Acampanulado
O - Vaso Indeterminado

Cerâmica Romana



A - Ânfora
B - Patela

242 - Panela de asa interior. Pasta castanha clara, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e com fuligem. CII. Q. I. Inv. 624.

243 - Copa. Bordo boleado. Pasta castanha escura, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 635. Est. XXI.7.

244 - Copa. Fundo reforçado, com uma asa. Pasta castanho-acinzentada, micácea, arenosa fina. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 638. Est. XXI.2.

245 - Panela de asa interior. Bordo e parte da pança onde se nota o local de inserção da asa. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 643.

246 - Pote. Vaso de médias proporções com bordo boleado e virado para o exterior. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas. Parede exterior muito deteriorada. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 650.

247 - Panela de asa interior. Fundo levemente côncavo e com ligeiro reforço exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Parede interior queimada e com fuligem. CII. Q. I. Inv. 652.

248 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com sulcos horizontais e pequenas incisões oblíquas. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Superfície exterior polida, queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 653. Est. XXIII.3.

249 - Patela. Secção circular, em pasta de ânfora. Pasta alaranjada, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom. Q. I. Inv. 655. Est. XXII.3.

250 - Patela. Secção circular, em pasta de ânfora. Pasta alaranjada, arenosa. Superfície alisada. Boa cozedura. Rom. Q. I. Inv. 656. Est. XXII.4.

251 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: Sulcos horizontais e incisões curvas. Pasta acastanhada e cerne negro, micácea, arenosa fina. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. I. Inv. 657. Est. XXIII.6.

252 - Malga? Fundo côncavo com ligeiro reforço. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfície exterior polida. Boa cozedura. CII/Rom. Q. XXXII. Inv. 659.

253 - Pote. Bordo boleado virado para o exterior. Pasta castanha, muito micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Fuligem na parede exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXXII. Inv. 662.

254 - Panela. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha escura, pouco micácea, arenosa. Superfície polida, queimada e com fuligem. Orifícios com sinais de reparação. CII. Q. XXXII. Inv. 663.

255 - Pote. Bordo boleado, com pança e asa. com decoração à base de SSS entre sulcos. Pasta alaranjada, pouco micácea, arenosa fina. Superfícies polidas, queimadas e com fuligem no exterior. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 665. Est. XXII.5.

256 - Vaso indeterminado. Bordo seguido de colo e parede da pança oblíqua, quase horizontal. Decorado com SSS na sobarba. Pasta castanha, arenosa. Superfície polida. Boa cozedura. CI. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 668. Est. IX.1.

257 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa e impressa constituída por cordões, sulcos e círculos concêntricos. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfície alisada no interior e polida no exterior. Boa cozedura. Parede externa com restos de fuligem. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 672. Est. XXII.7.

258 - Testo. Bordo com decoração incisa constituída por “espinha de peixe” inserida entre dois sulcos paralelos e horizontais. Pasta castanha, muito micácea e arenosa. Superfícies polidas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 674. Est. XXIII.9.

259 - Dólio. Fundo ligeiramente côncavo, com reforço. Pasta castanho-acinzentada, muito micácea, xistosa, arenosa de grão médio. Superfícies alisadas e queimadas. Boa cozedura. Parede exterior com fuligem. CII. Q. XXII-XXXIII. Inv. 675.

260 - Cossoiro. Calote esférica, com base côncava. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão fino. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 680. Est. XXII.1.

261 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa e impressa constituída por sulcos horizontais, sequência de SSS e círculos concêntricos. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa. Superfície alisada no interior e polida no exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 683. Est. XXII.6.

262 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa constituída por sulco horizontal entre duas sequências horizontais de incisões oblíquas. Pasta castanha clara, pouco micácea, arenosa de grão fino. Superfície alisada no interior e polida no exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 684. Est. XXIII.10.

263 - Panela. Bordo boleado, colo oblíquo, voltado para o exterior. Ligeira carena interna. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa de grão fino. Superfícies polidas, queimadas e com fuligem. Boa cozedura. Pequeno orifício para reparação por “gato”. CH. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 690. Est. XXV.1.

264 - Vaso acampanulado. Forma completa. Pasta castanha, pouco micácea, arenosa de grão fino. Superfície polida, queimada e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 691.

265 - Pote grande. Bordo boleado, virado para o exterior. Pasta castanha escura, micácea, arenosa com alguns grãos de grande calibre. Superfícies polidas. Bem cozida. Parede interna queimada e com fuligem. Resto de reparação por “gato”. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 692. Est. XXVI.1.

266 - Pote. Fundo côncavo, com reforço. Pasta castanha clara, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Parede exterior queimada e com fuligem. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 693.

267 - Painel. Asa de secção em fita com arranque de bordo. Pasta castanha clara, micácea, arenosa. Superfícies polidas, queimadas e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 695.

268 - Malga. Pasta castanha clara, micácea, arenosa de grão fino. Superfícies alisadas. Bem cozida. Paredes queimadas e com fuligem no exterior. CII/Rom. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 698. Est. XXV.4.

269 - Pote. Bordo boleado virado para o exterior. Pasta castanha escura, pouco micácea, arenosa de grão fino. Superfícies polidas, queimadas e fuliginosas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 699.

270 - Vaso indeterminado. Bojo decorado com sulco e SSS profundos. Pasta castanha clara, micácea, arenosa, xistosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Inv. 716. Est. XXIII.7.

271 - Corrente de bronze. Q. XXXII. Inv. 776a. Est. XXIV.5.

272 - Placa de xisto com orifício central. Q. XLI. Inv. 775. Est. XXI.5.

273 - Vaso indeterminado. Fundo plano, sem reforço. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Superfície sumariamente alisada. Bem cozida. Parede exterior queimada e com fuligem. CII. Q. XLI. Inv. 771.

274 - Asa. Secção em fita. Pasta alaranjada, micácea, arenosa de grão médio. Superfícies polidas. Boa cozedura. Com fuligem. CII. Q. XLI. Inv. 769.

275 - Dólio. Bordo. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies alisadas e muito deterioradas. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 767. Est. XXVI.2.

276 - Ânfora. Forma Haltern 70. Bordo. Pasta alaranjada, arenosa, homogénea. Superfícies alisadas. Bem cozida. Rom./Imp. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 762.

277 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo. Pasta bege, arenosa, homogénea. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Rom./Imp. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 753. Est. XXV.6.

278 - Pote. Bordo boleado, virado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 750. Est. XXIV.2.

279 - Pote. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies polidas. Bem cozida. Parede exterior queimada e com fuligem. Espatulamento horizontal. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 748.

280 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: sulcos horizontais. Pasta acinzentada, pouco micácea, arenosa fina. Superfície alisada. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 747. Est. XXIII.2.

281 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração: sulcos horizontais. Pasta castanha escura, micácea, arenosa. Superfície alisada e fuliginosa. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 737. Est. XXIII.4.

282 - Ânfora. Forma Dressel 7-11. Bordo. Pasta rosada, arenosa, homogénea. Superfícies alisadas. Aguada de côr beje. Bem cozida. Rom./Imp. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 736. Est. XXIV.1.

283 - Vaso indeterminado. Fundo ligeiramente côncavo. Pasta castanha clara, pouco micácea, arenosa fina. Superfície polida no exterior e alisada no interior. Boa cozedura. Parede interior muito deteriorada. CII/Rom. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 724.

284 - Vaso indeterminado. Fundo com reforço. Pasta castanha, micácea, arenosa, com alguns grãos de grande calibre. Superfícies alisadas, com fuligem no exterior. Boa cozedura. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 723.

285 - Asa. Secção em fita, com sulcos leves ao longo do dorso. Pasta beje-acastanhada, pouco micácea, arenosa fina. Superfície polida e queimada, com fuligem. Bem cozida. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 718.

286 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração incisa e matriz constituída por um sulco e SSS profundos. Pasta castanha clara, micácea, arenosa, xistosa. Superfícies alisadas. Bem cozida. CII. Q. XXXII-XXXIII. Inv. 716.

287 - Potinho. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha escura, micácea, arenosa. Superfícies alisadas, queimadas e com fuligem. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 781. Est. XXI.8.

288 - Dólio. Bordo horizontal. Pasta castanha clara, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. Parede exterior fuliginosa. CII. Q. XLI. Inv. 782.

289 - Panela. Bordo de aba horizontal. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies polidas e irregulares. Bem cozida. Superfície interna queimada. CII. Q. XLI. Inv. 783.

290 - Panela. Bordo de aba horizontal. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies polidas. Bem cozida. Paredes queimadas e com fuligem no exterior. CII. Q. XLI, Inv. 784. Est. XXIII.1.

291 - Copa. Fundo côncavo sem reforço. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies polidas. Boa cozedura. Parede exterior queimada e com fuligem. CII. Q. XLI. Inv. 785. Est. XXI.3.

292 - Dólio. Fundo com reforço. Pasta castanha, micácea, xistosa, arenosa. Superfícies alisadas. Boa cozedura. CII. Q. XLI. Inv. 787.

293 - Potinho. Perfil em S. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha clara, micácea, arenosa fina. Superfície alisada no interior e polida no exterior. Bem cozida. Fuligem na parede externa. CII. Q. XLI. Inv. 790.

294 - Copa. Bordo e asa. Pasta castanha, muito micácea, xistosa, arenosa. Superfícies polidas. Boa cozedura. Paredes queimadas e com fuligem. CII. Q. XLI. Inv. 799. Est. XXVI.3.

295 - Pote. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Superfícies polidas. Boa cozedura. Parede exterior com fuligem. CII. Q. XLI. Inv. 805.

296 - Taça. Bordo de aba larga com colo oblíquo, quase horizontal, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Bem cozida. CII. Q. XLI. Inv. 809.

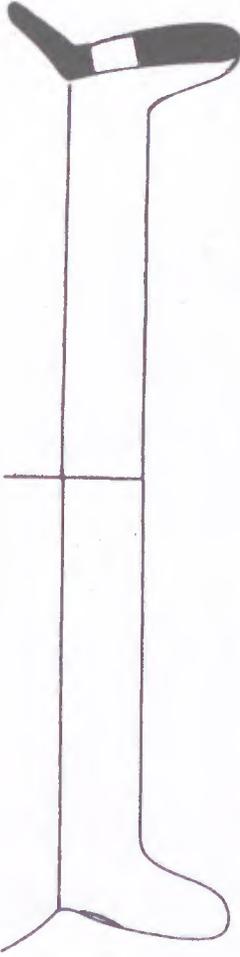
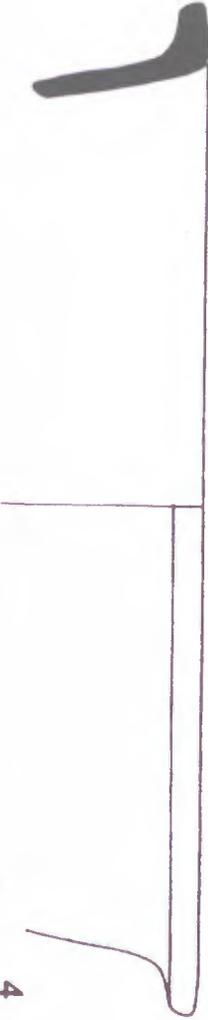
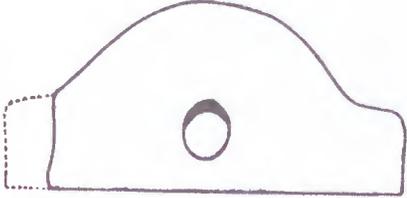
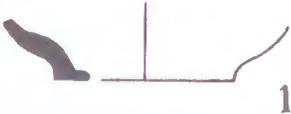
297 - Vaso indeterminado. Bojo com decoração constituída por dois sulcos horizontais e duas sequências de punçamentos circulares. Pasta castanha escura, micácea, arenosa. Superfícies alisadas. Bem cozida. Paredes queimadas e fuliginosas. CII. Q. XLI. Inv. 811. Est. XXIII.5.

298 - Pote. Bordo voltado para o exterior com o lábio boleado. Pasta castanha, arenosa, com bastante mica. Superfícies polidas e a interna enegrecida. CII. Q. I. Inv. 82G.

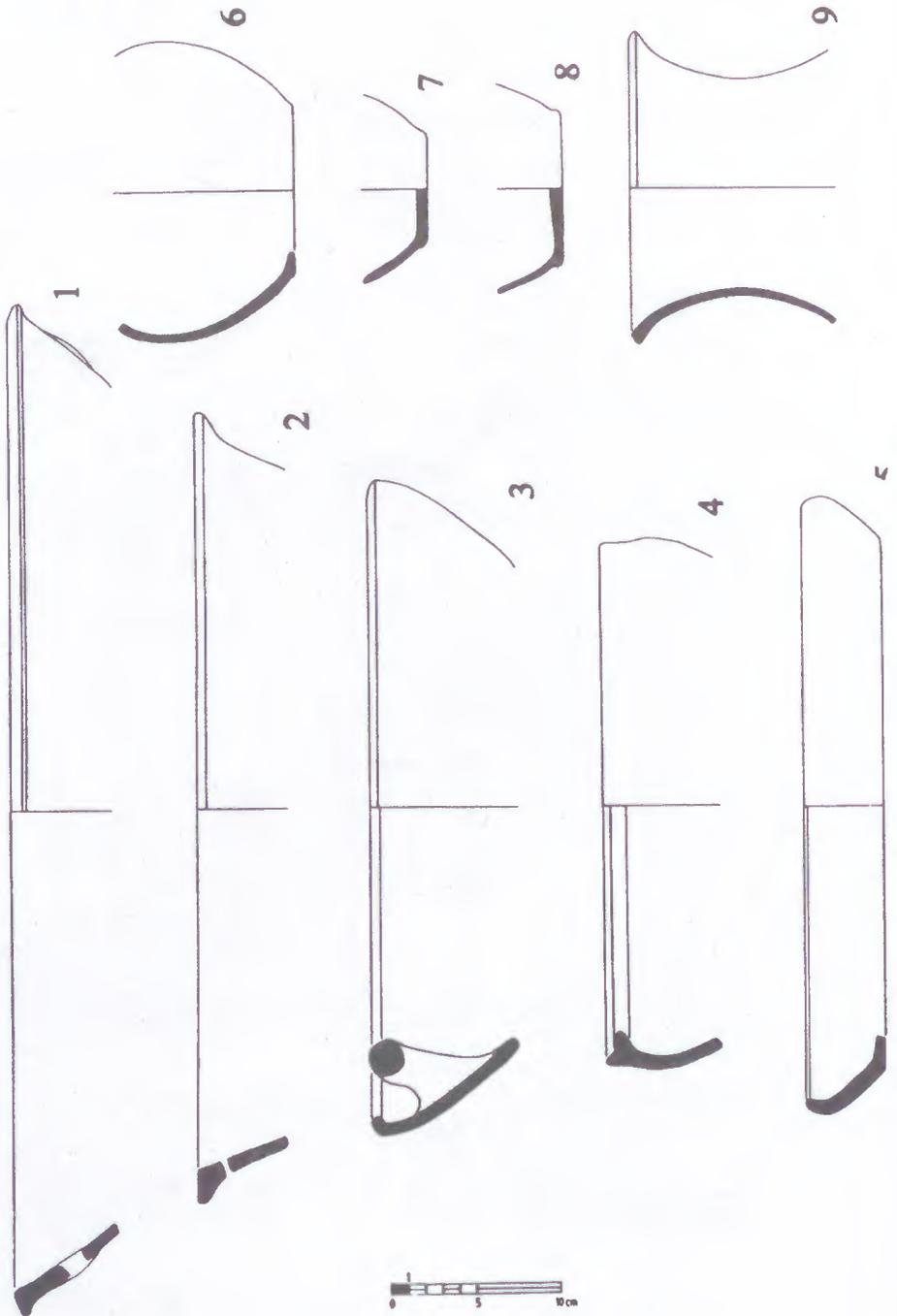


ESTAMPAS

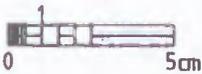
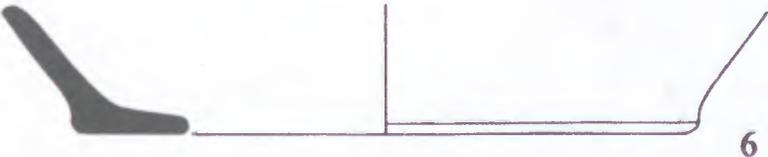
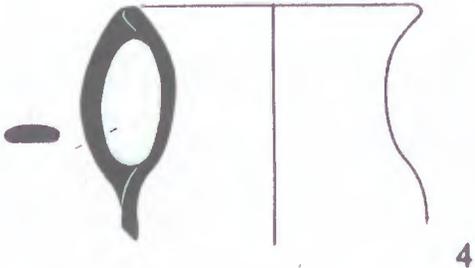
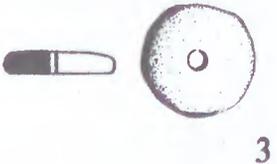
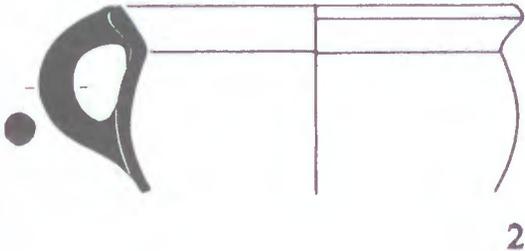
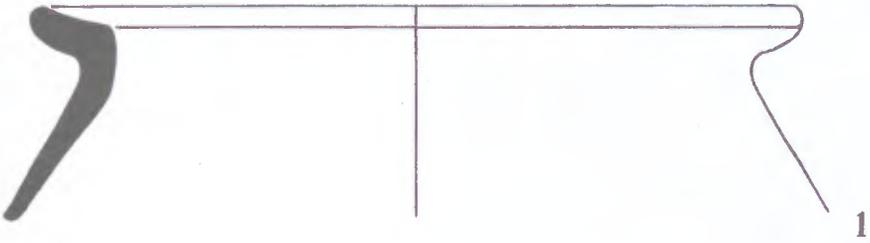
Estampa I



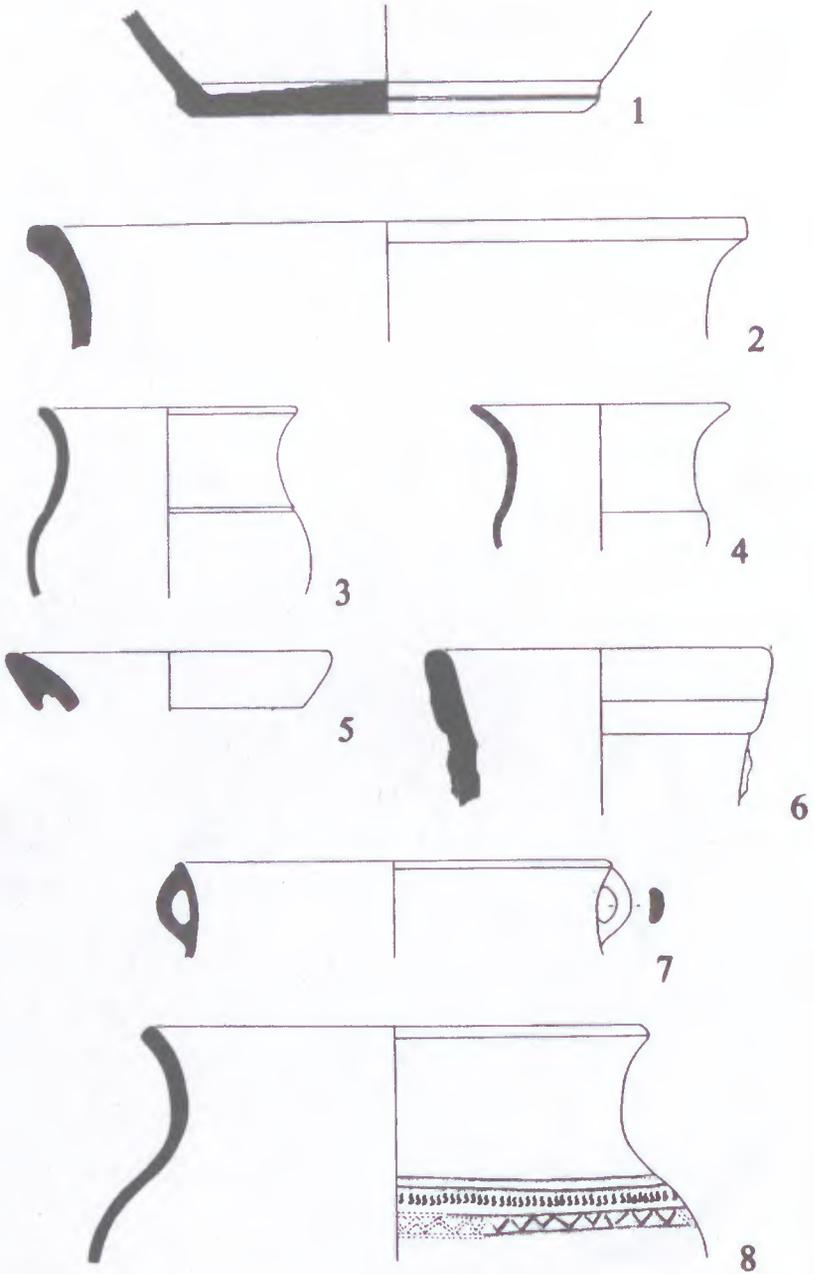
Estampa II



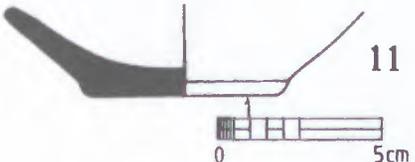
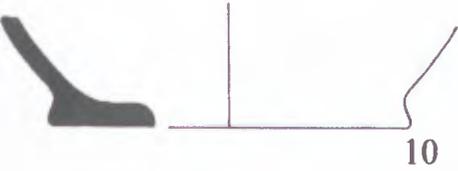
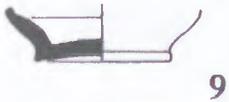
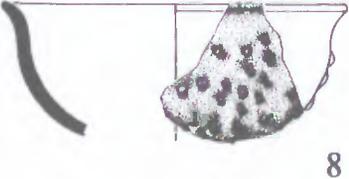
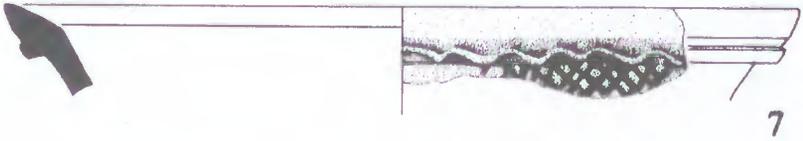
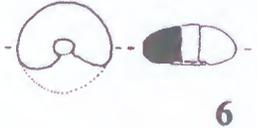
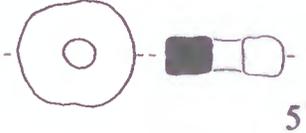
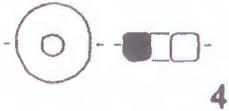
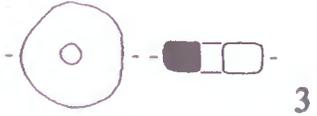
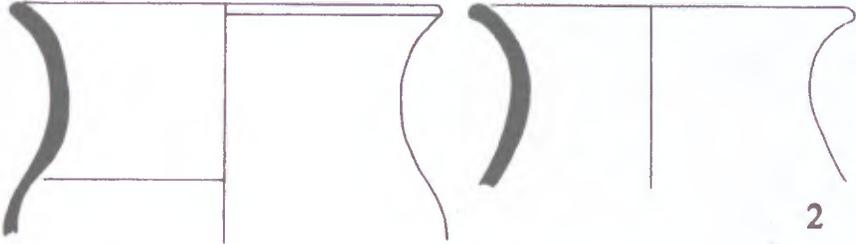
Estampa III



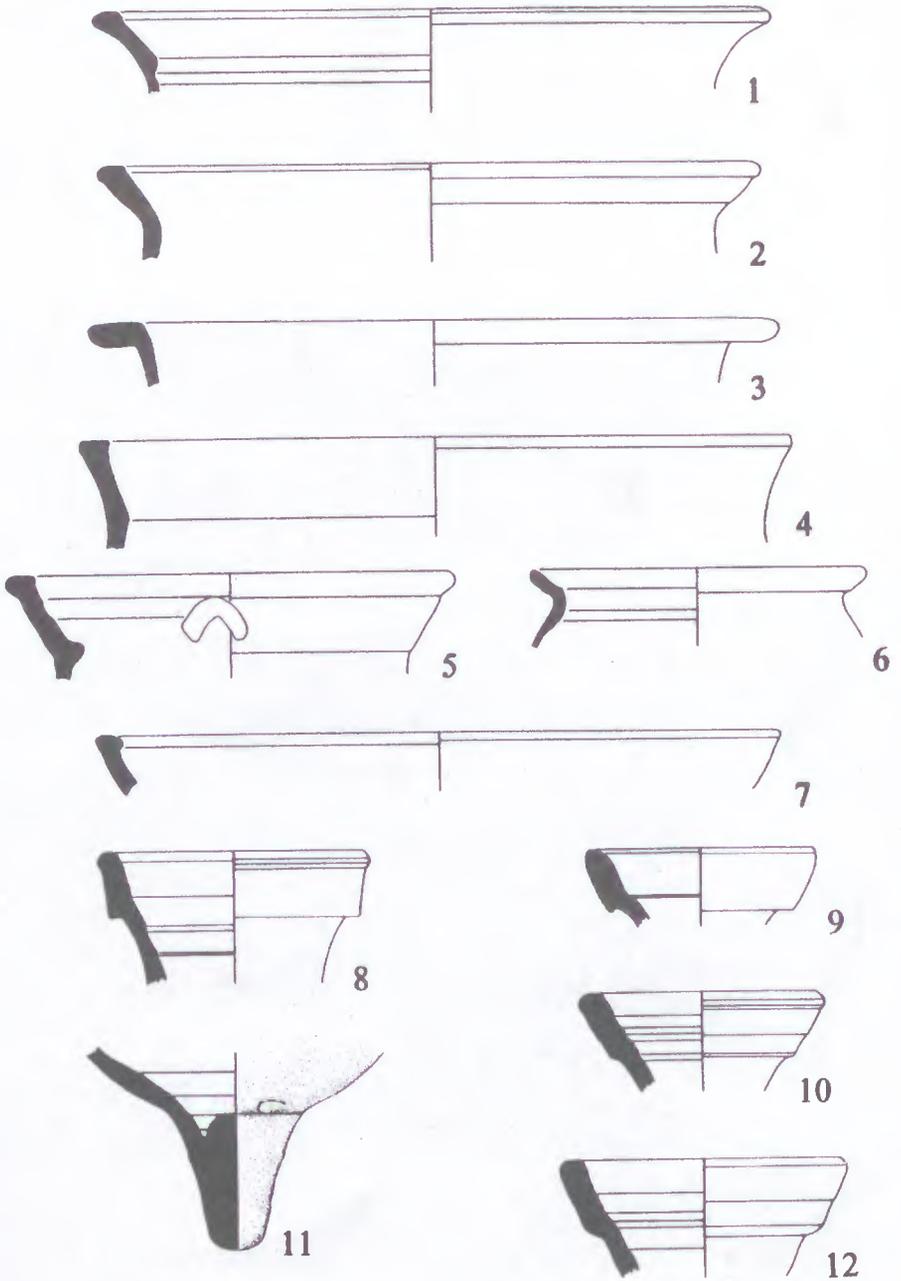
Estampa IV



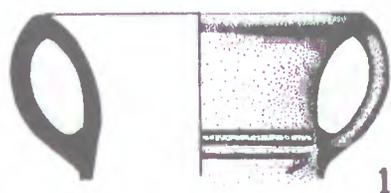
Estampa V



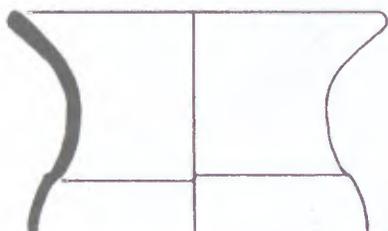
Estampa VI



Estampa VII



1



2



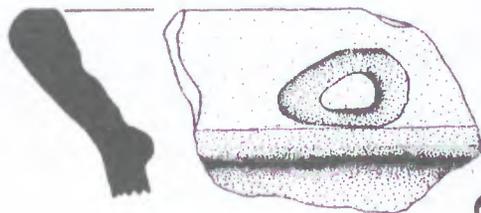
3



4



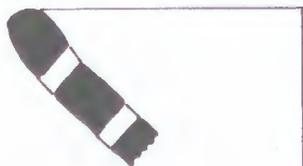
5



6



7



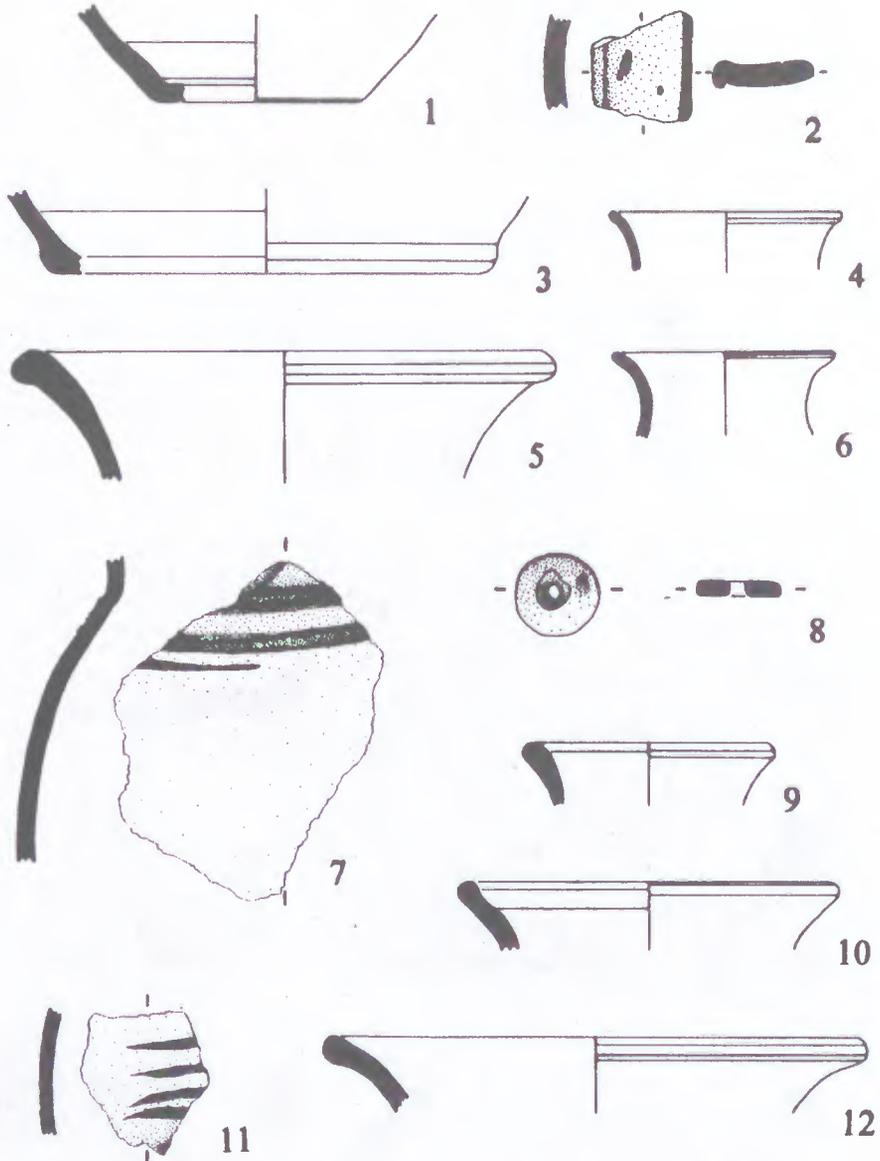
8



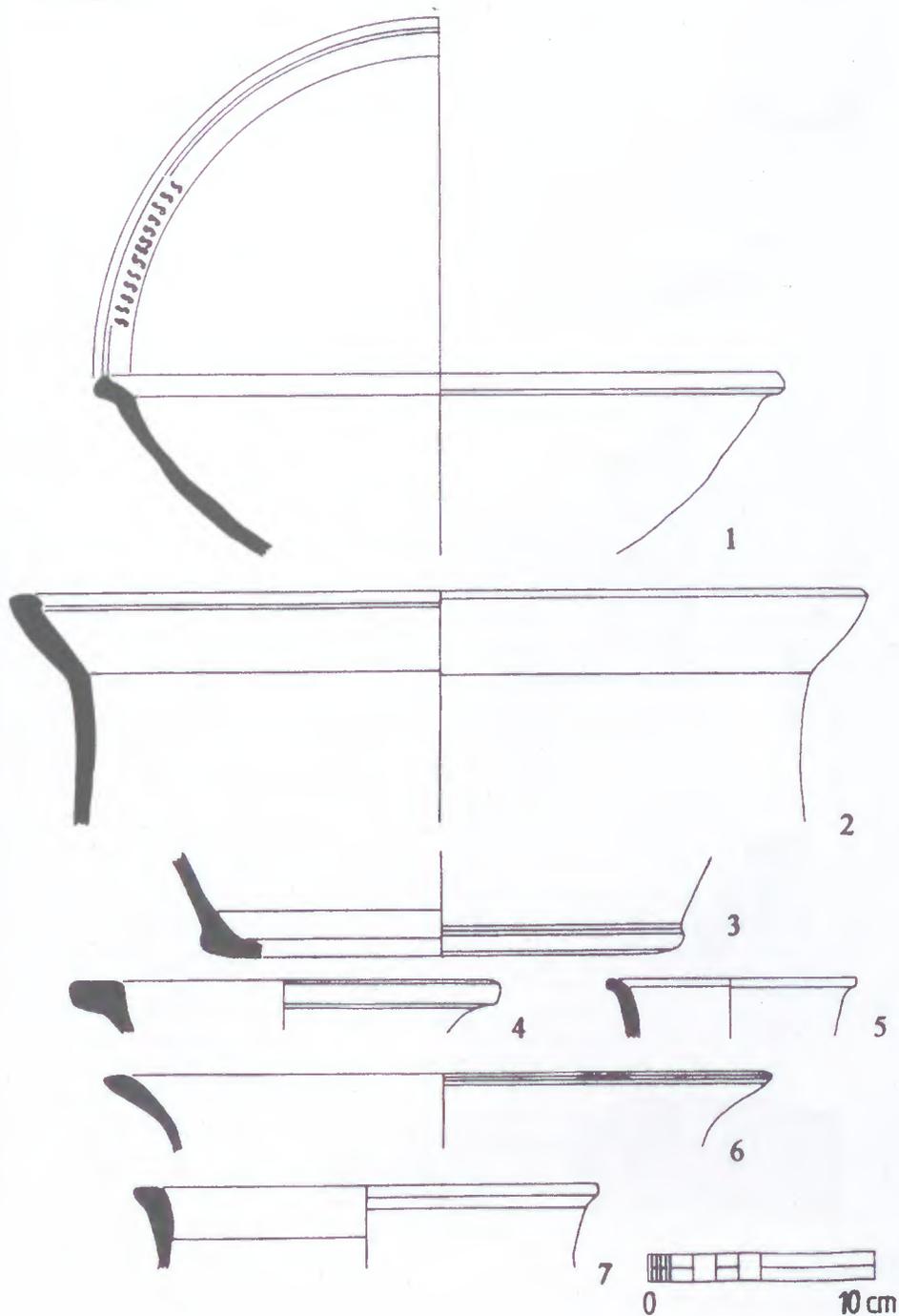
9



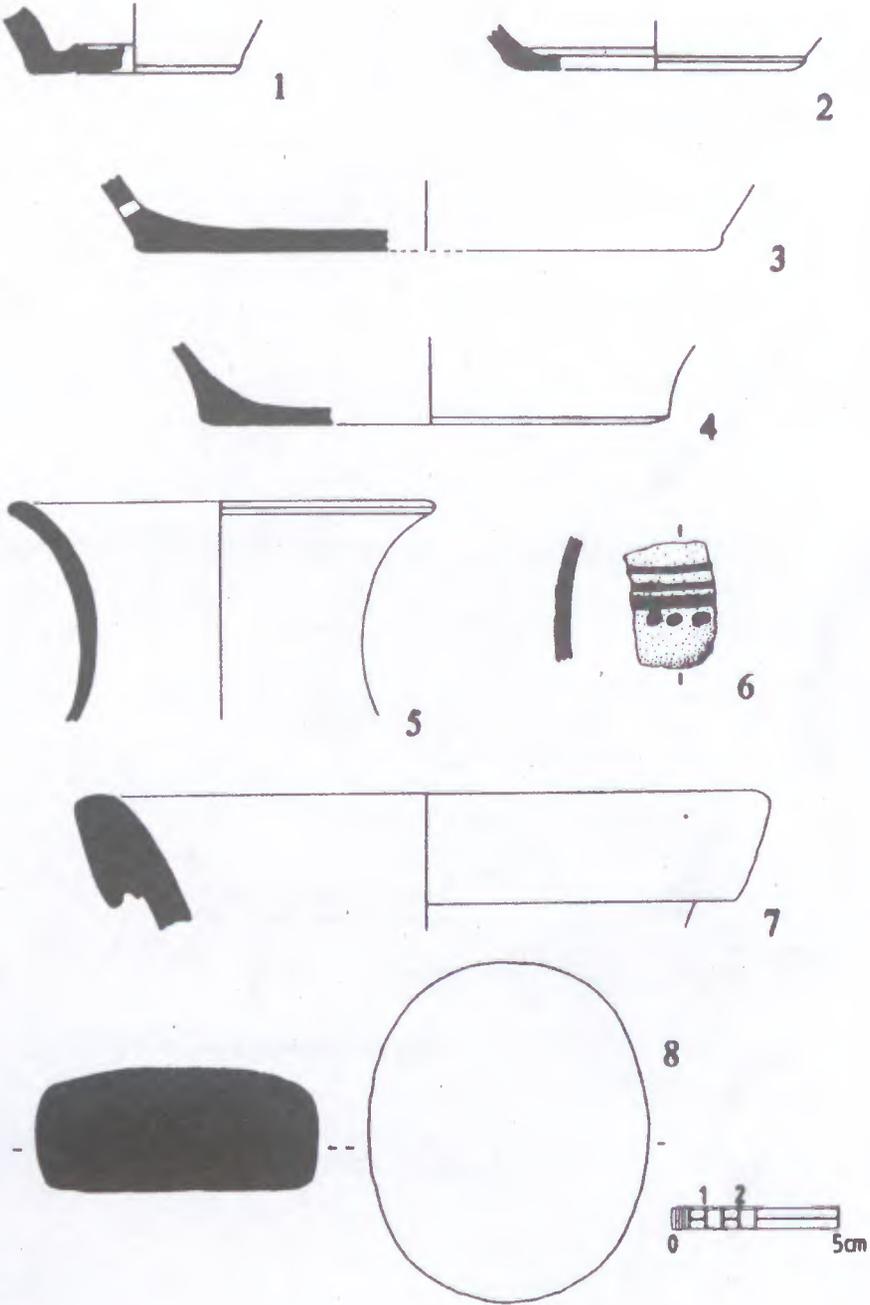
Estampa VIII



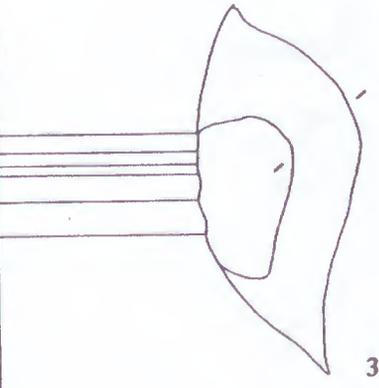
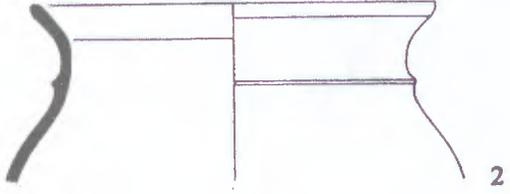
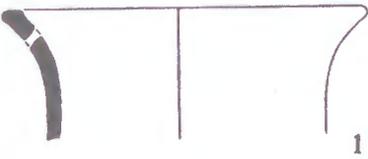
Estampa IX



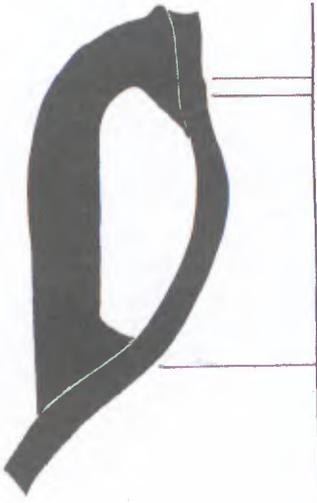
Estampa X



Estampa XI



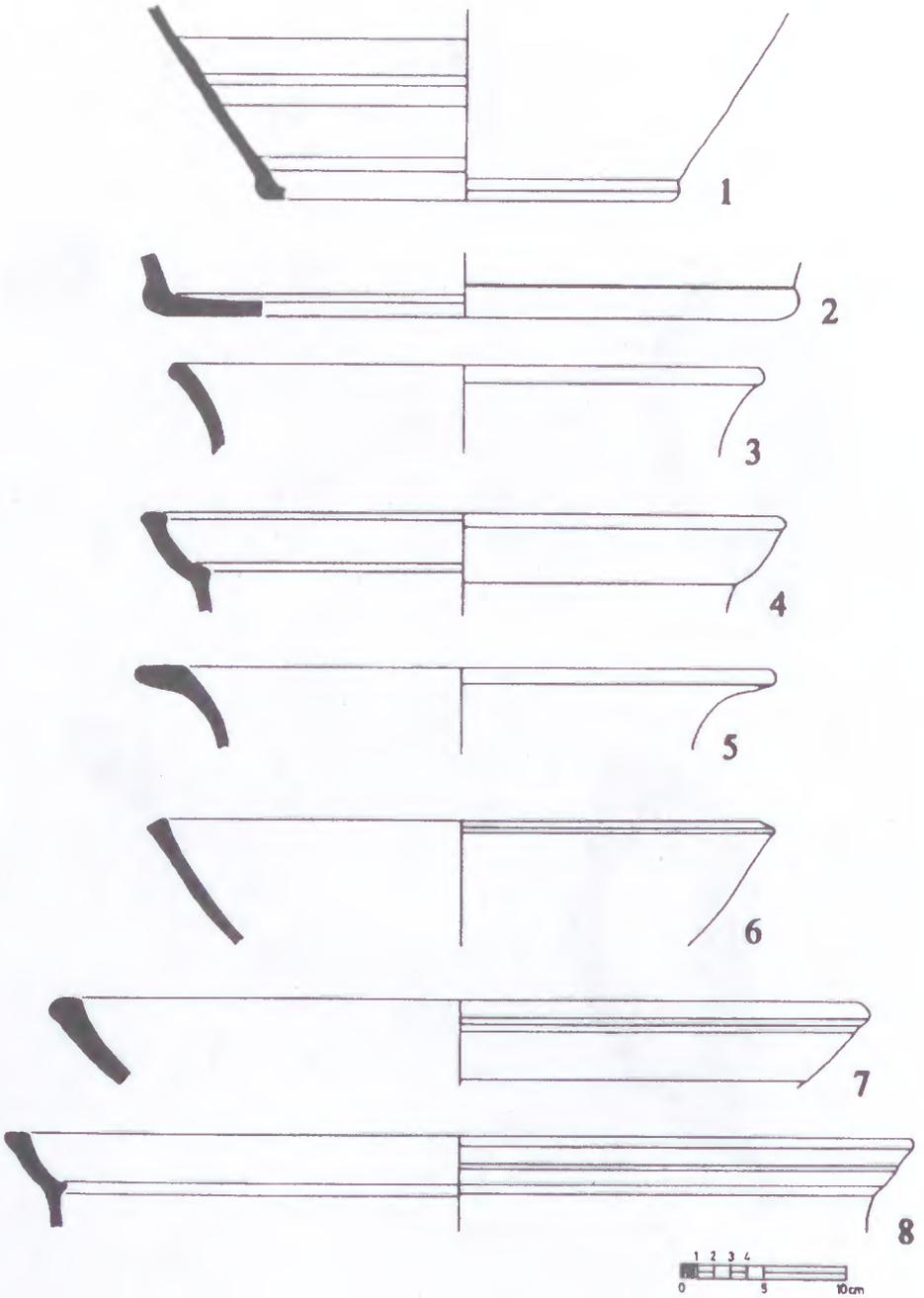
3



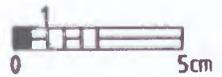
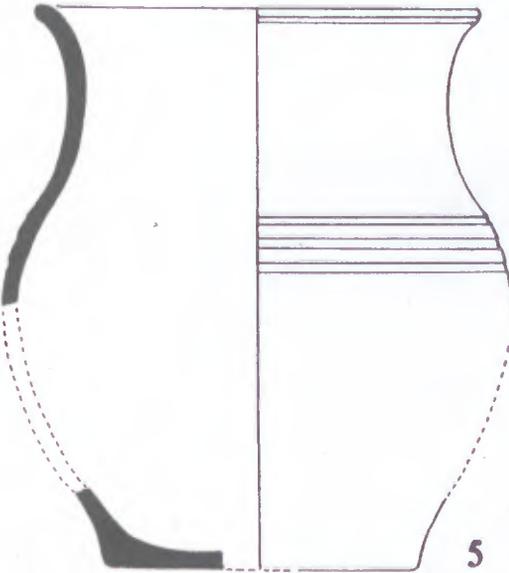
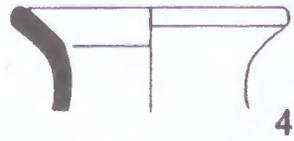
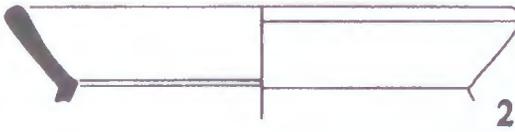
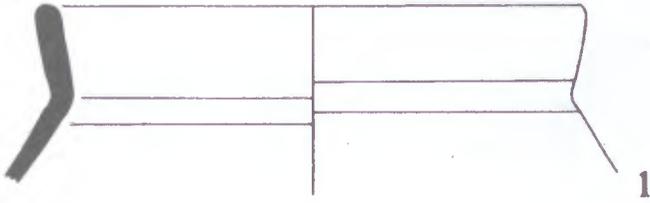
4



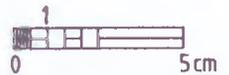
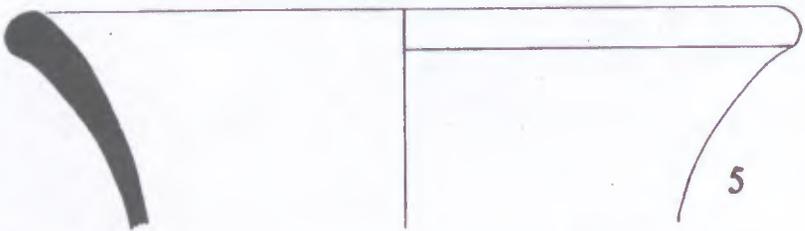
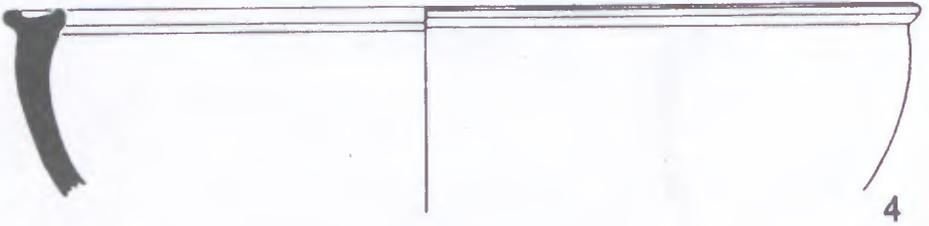
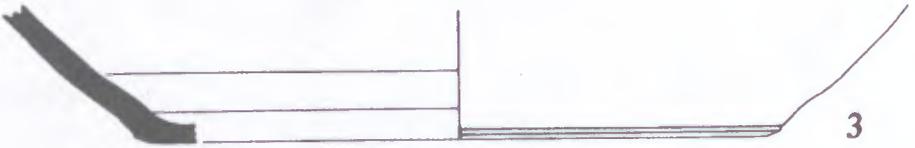
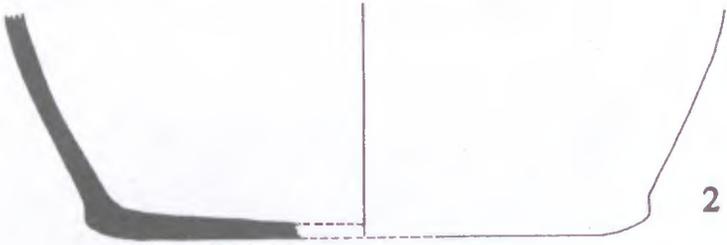
Estampa XII



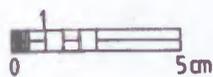
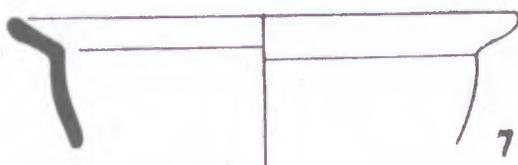
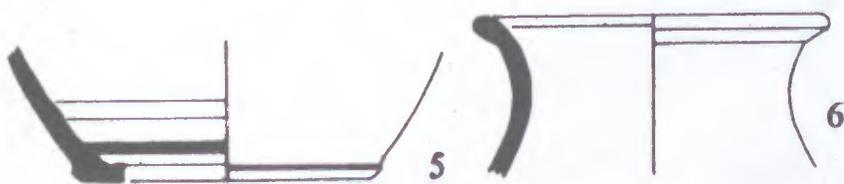
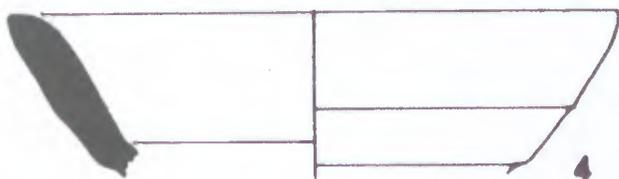
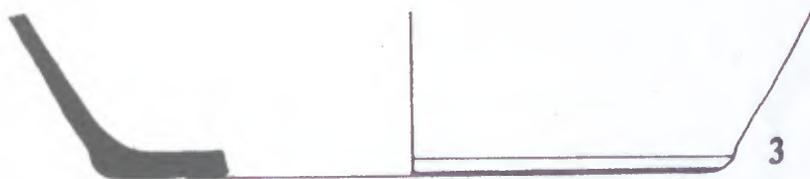
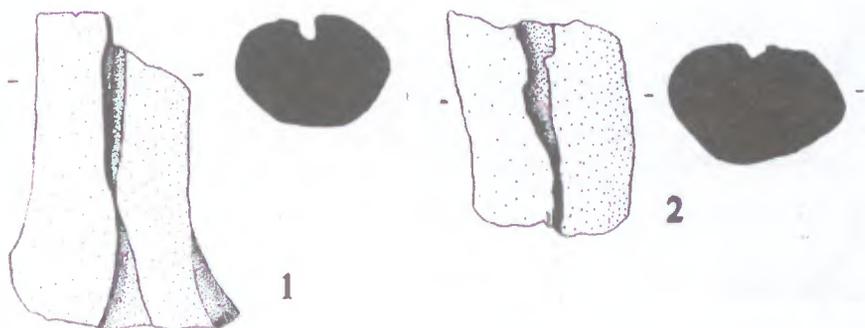
Estampa XIII



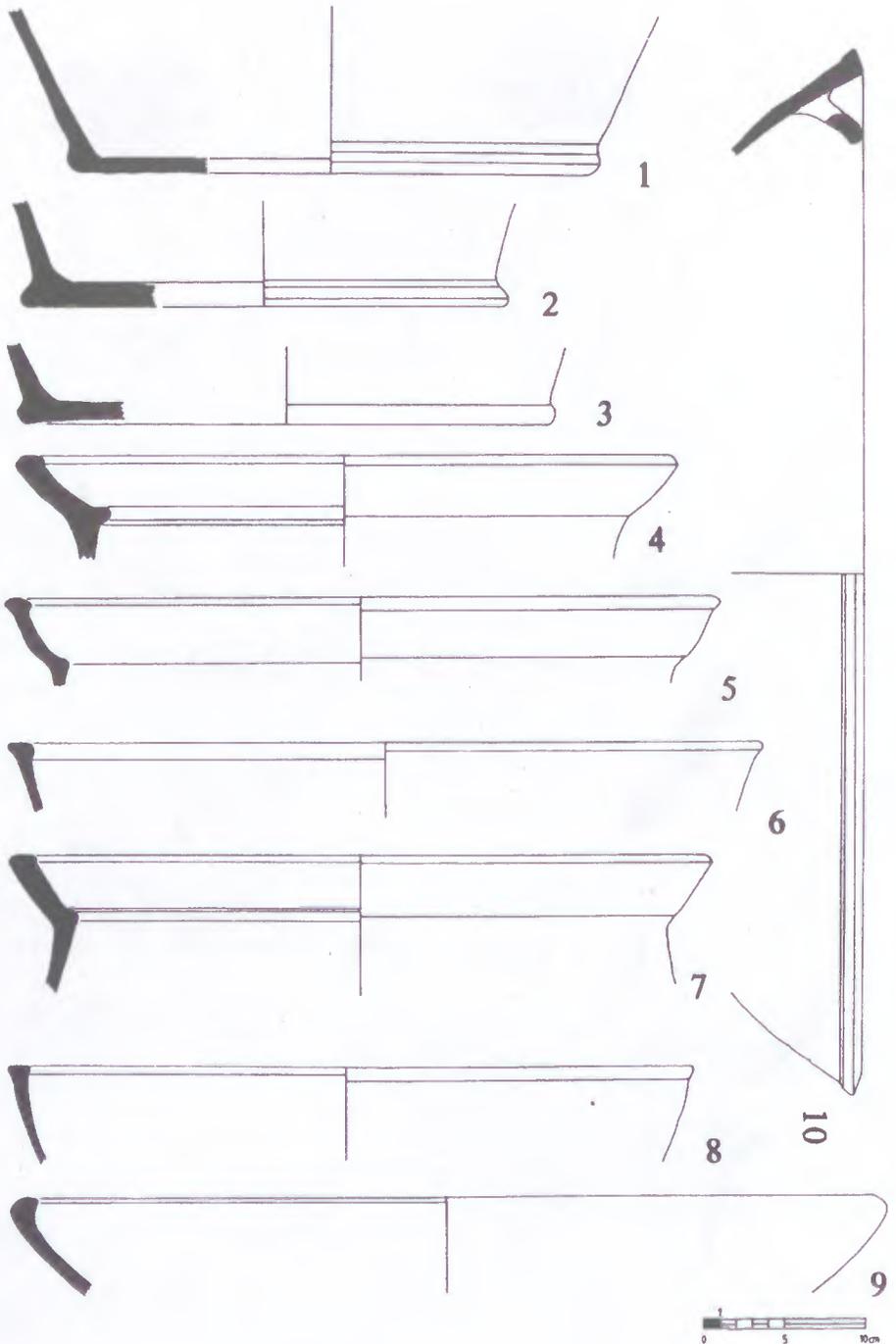
Estampa XIV



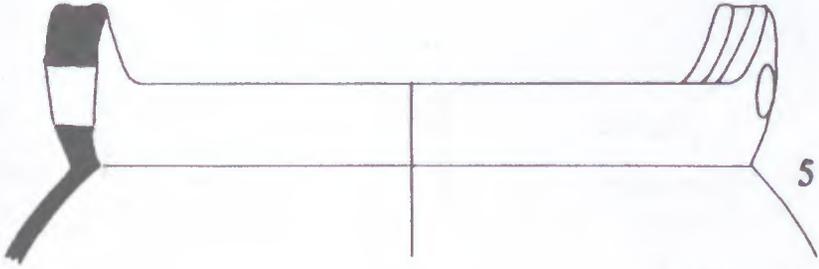
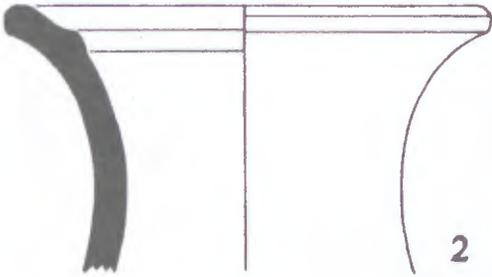
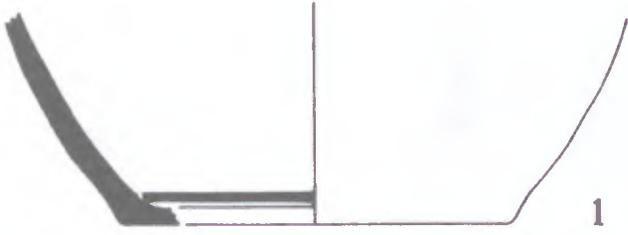
Estampa XV



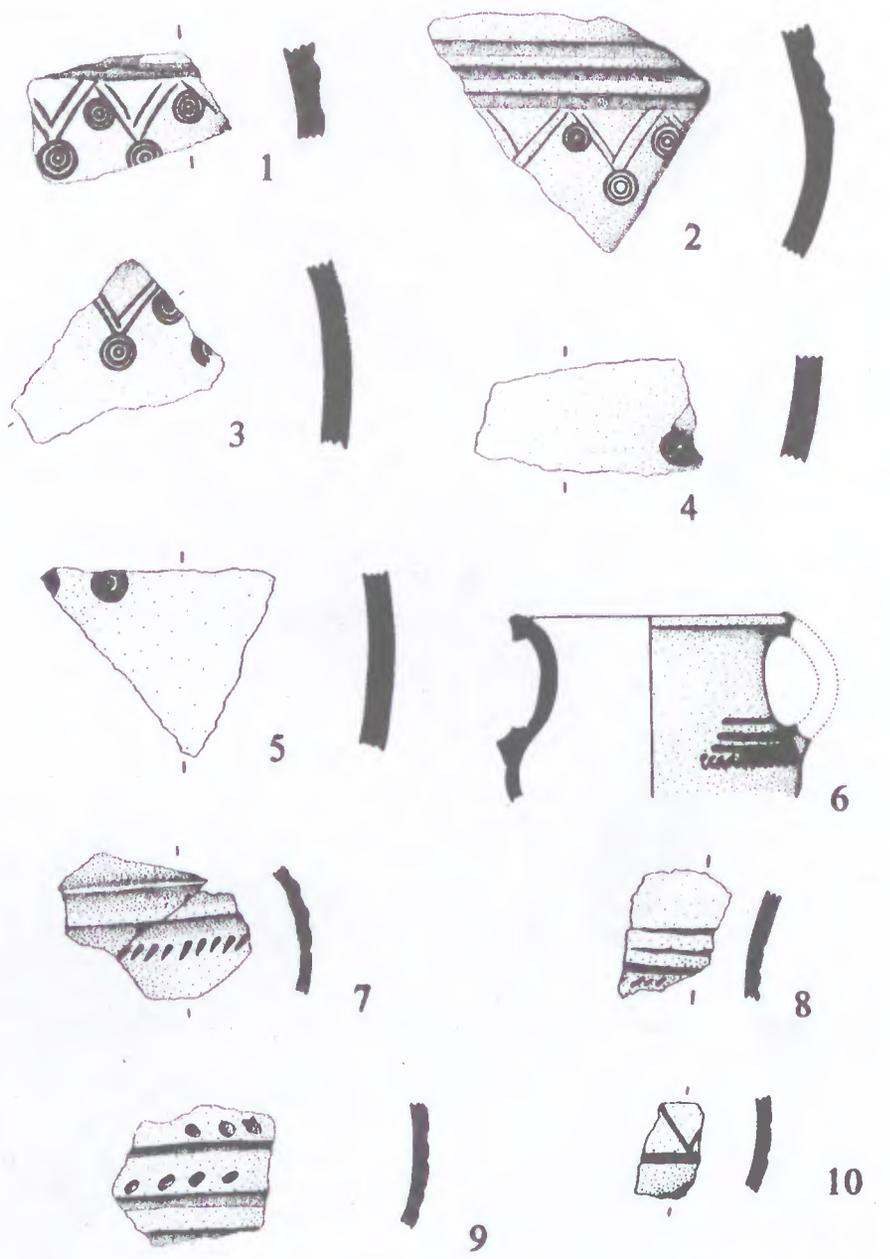
Estampa XVI



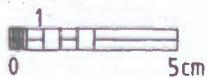
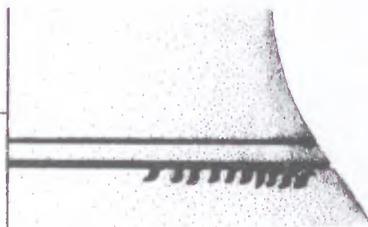
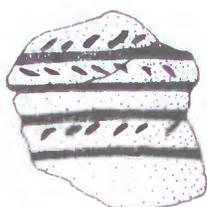
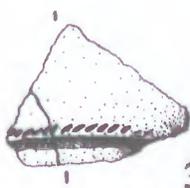
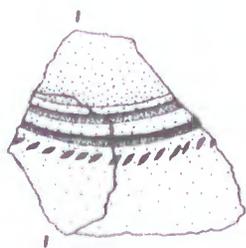
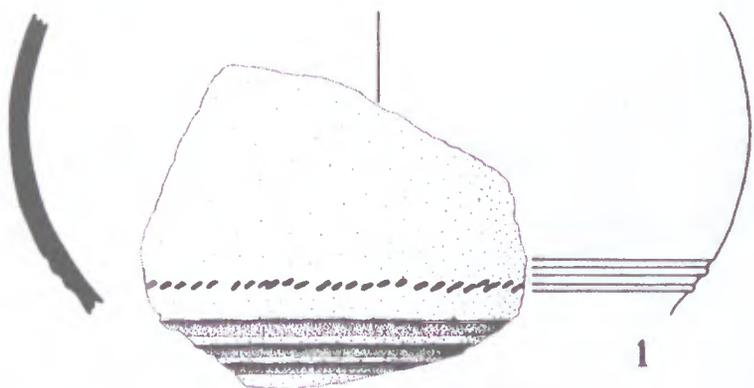
Estampa XVII



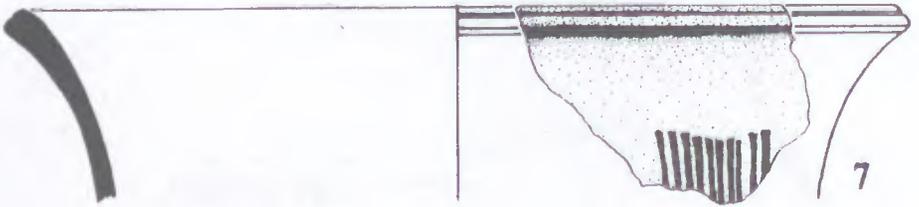
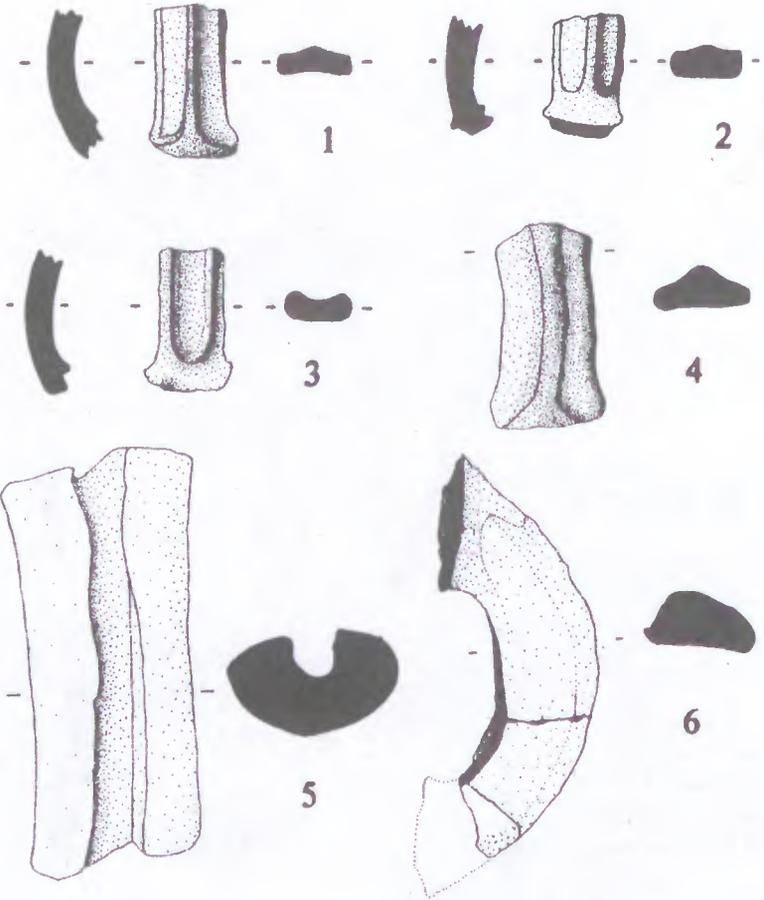
Estampa XVIII



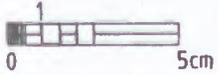
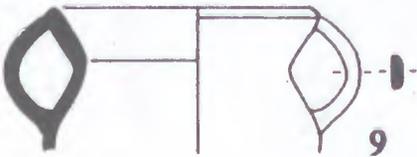
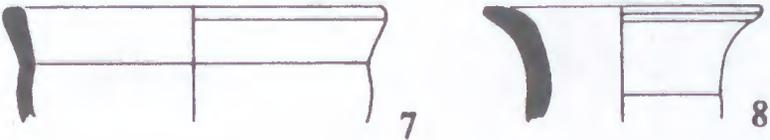
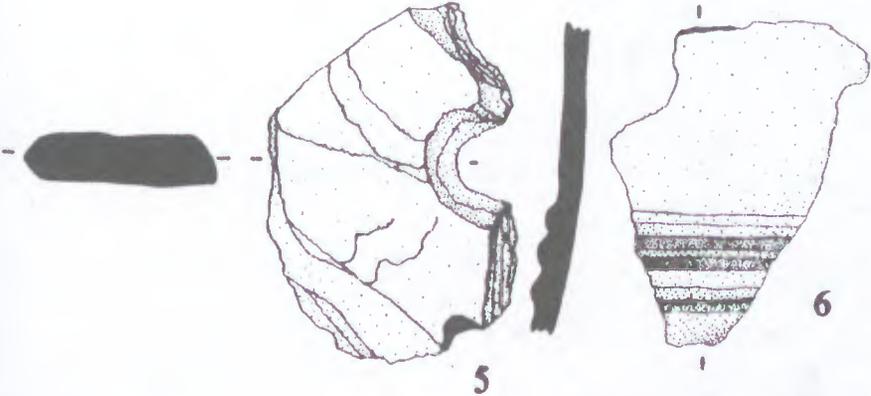
Estampa XIX



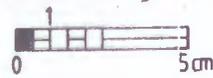
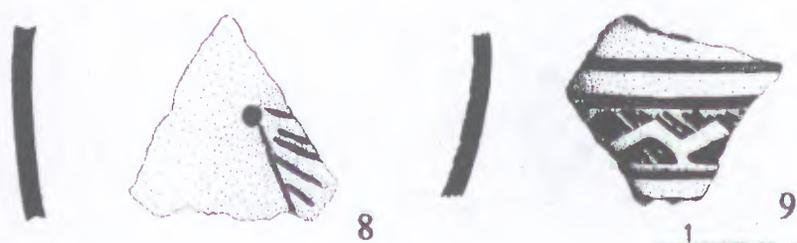
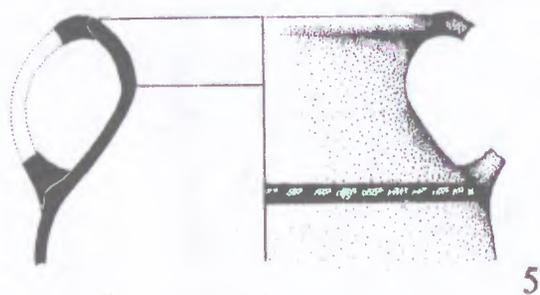
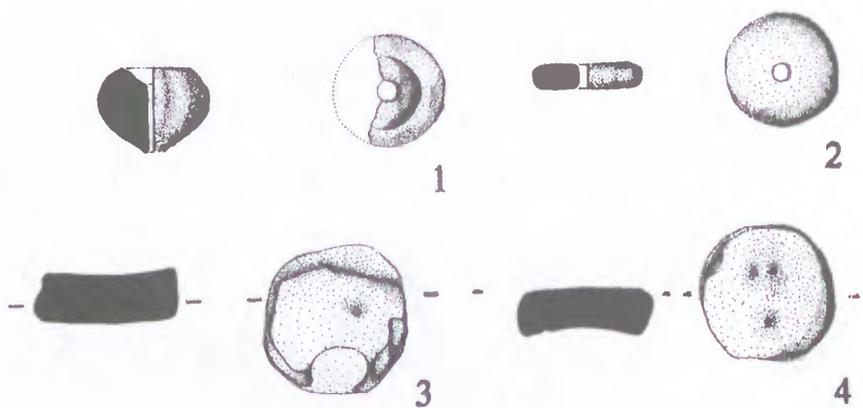
Estampa XX



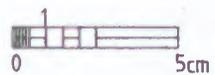
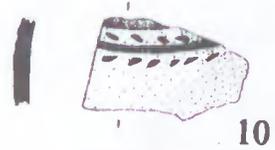
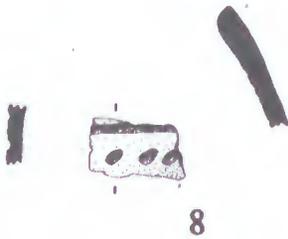
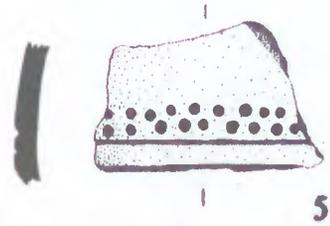
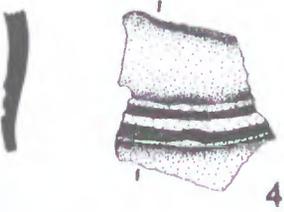
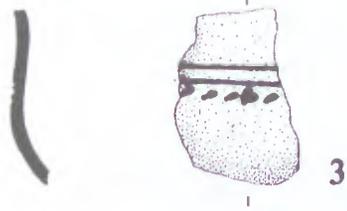
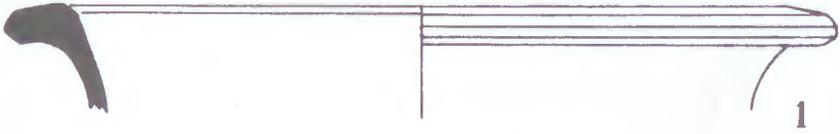
Estampa XXI



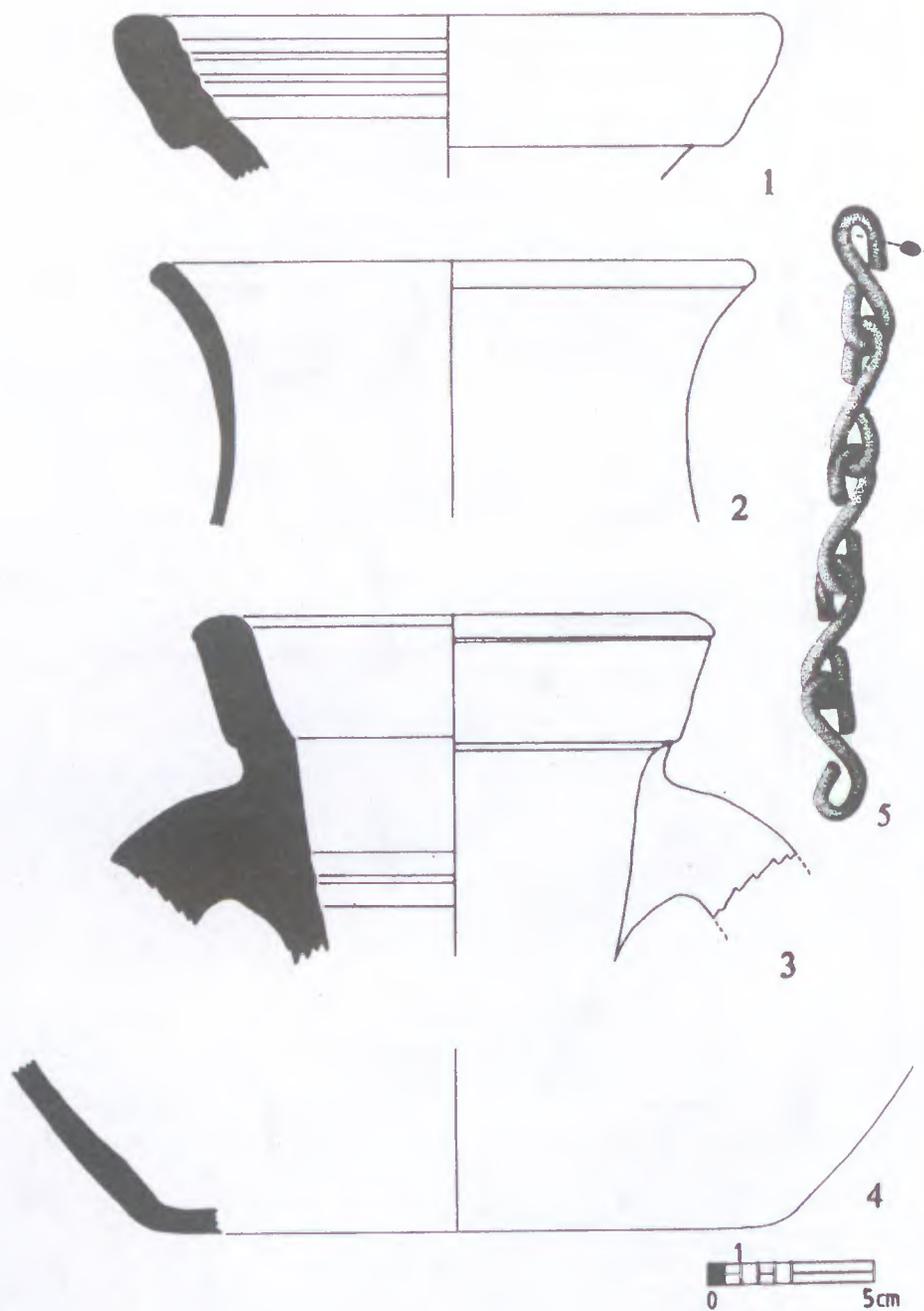
Estampa XXII



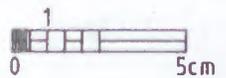
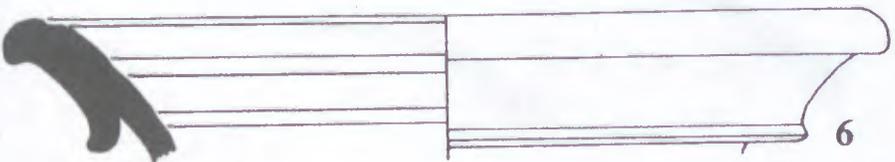
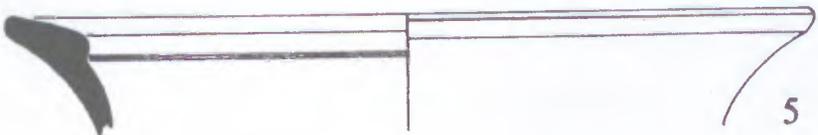
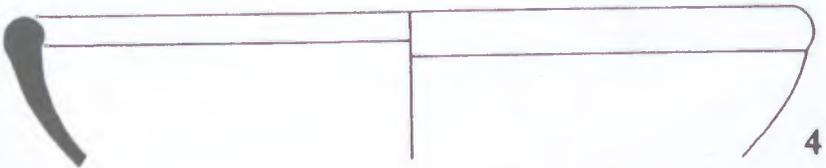
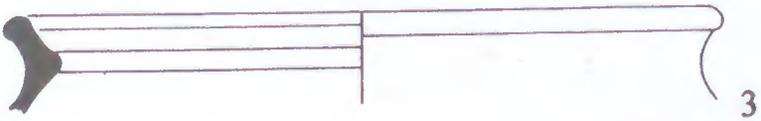
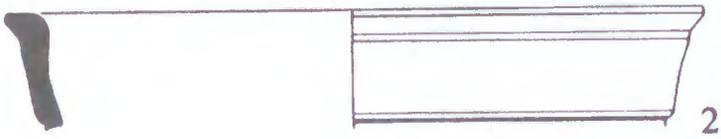
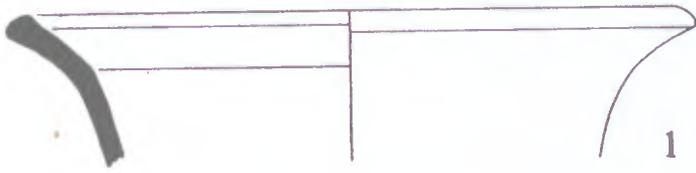
Estampa XXIII



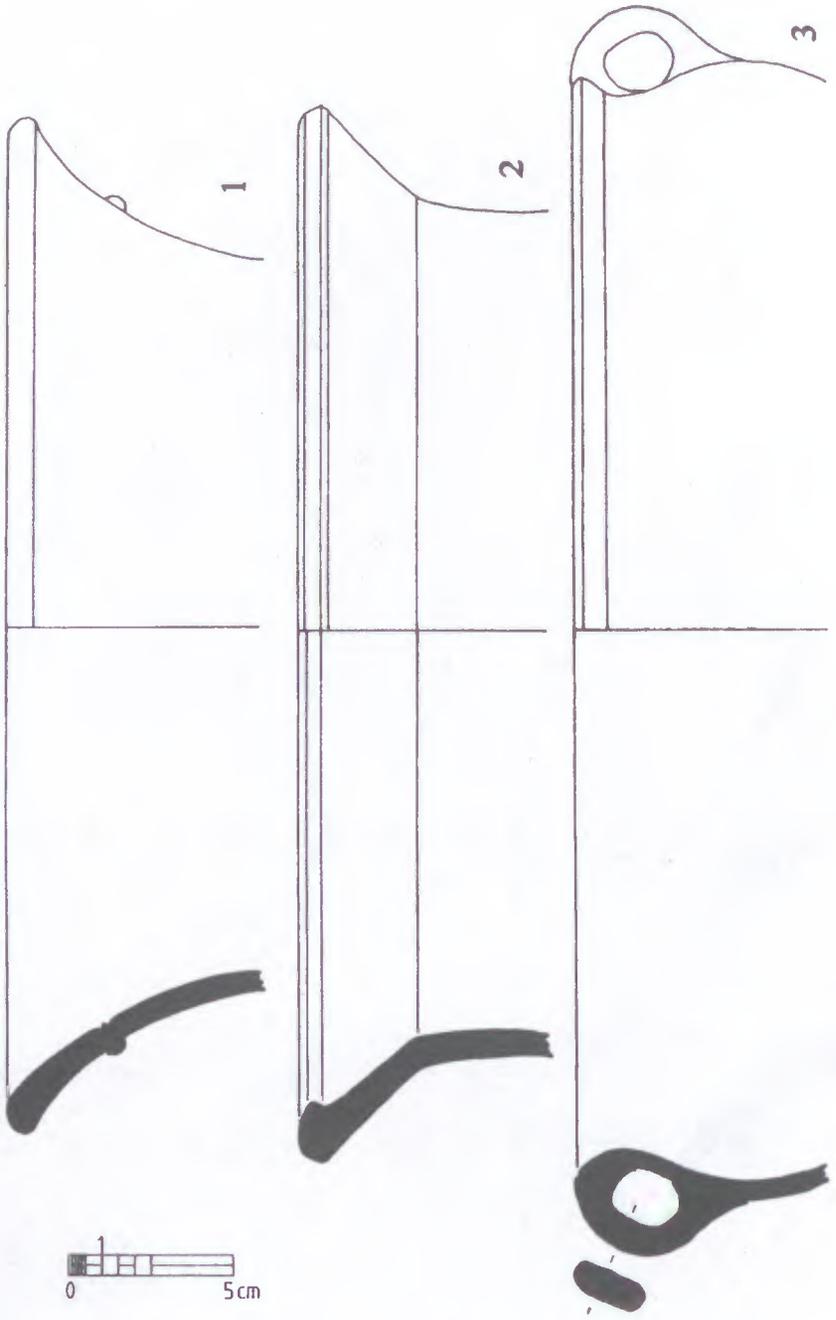
Estampa XXIV



Estampa XXV



Estampa XXVI



Índices

BIBLIOGRAFIA

- Abreu 1991 ABREU, Pe Armindo Patrão de, *Palmeira de Faro - Esposende*, Esposende, 1991.
- Alarcão A. - 1976 ALARCÃO, Adília M.; MARTINS, Alina N., *Cerâmica aparentada com as "Paredes Finas"*, Conímbriga, 15, Coimbra, 1976.
- Martins
- Alarcão J. 1976 ALARCÃO, Jorge de, *Fouilles de Conímbriga*, VI, Paris, 1976.
- AlmeidaC.A.B. 1979 ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *O Menhir de S. Paio de Antas*, Antas, 1979.
- 1979 ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Salinas Medievais de Entre Cávado e Neiva*, Bracara Augusta, 33, Braga, 1979.
- 1985,86, ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Carta Arqueológica do 87,88, Concelho de Esposende*, Boletim Cultural de Esposende, 7/ 8, Esposende, 1985; 9/10, Esposende, 1986; 11/12, Esposende, 1987; 13/14, Esposende, 1988; 15/16, Esposende, 1989; 17, Esposende, 1990/92.
- 89,90/92
- 1990/92 ALMEIDA, Carlos A. Brochado de et alii, *Necrópole Medieval das Barreiras - Fão*, Boletim Cultural de Esposende, 17, Esposende, 1990/92.
- Almeida 1982 ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; NEIVA, Manuel A. C.A.B.-Neiva Penteadó, *O Castro de S. Lourenço, Vila Chã - Esposende*, Boletim Cultural de Esposende, 2, Esposende, 1982.
- Almeida 1984 ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, *A Casa Castreja*, Memórias de História Antiga, 6, Santiago de Compostela, C.A.F. 1984.
- Almeida 1981 ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de et alii, *Escavações Arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*, Ponte de Lima, C.A.F. 1981.
- et alii
- Araújo 1962 ARAUJO, José Rosa de, *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo, 1962.

- Ataide - 1940
Teixeira *ATAIDE, Alfredo; TEIXEIRA, Carlos A., A Necrópole e o Esqueleto de S. Paio de Antas e o Problema dos Vasos de Largo Bordo Horizontal, I Congresso do Mundo Português, I, Lisboa, 1940.*
- Beltran Lloris 1970 *BELTRAN LLORIS, Miguel, Las ânforas romanas de España, Zaragoza, 1970.*
- Boaventura 1959 *BOAVENTURA, Manuel de, A Velha Terra de Fão, O Figueiro, Ano I, nº 26, 1 de Março de 1959.*
1965 *BOAVENTURA, Manuel de, A Ara a Dafa, Lucerna, 4, Porto, 1965.*
1985/86 *BOAVENTURA, Manuel de, Afloramentos Arqueológicos no Vale de Susão - Esposende, Lucerna, 2a Série, Porto, 1985/86.*
- Brihuega et alii 1990 *BRIHUEGA, Jaime et alii, Los Bronces Romanos en España, Madrid, 1990.*
- CaloLourido 1994 *CALO LOURIDO, Francisco, A Plástica da Cultura Castrexa Galego - Portuguesa, I e II, La Coruña, 1994.*
- Centeno 1987 *CENTENO, Rui M. S., Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192, Porto, 1987.*
- Chaves 1924 *CHAVES, Jerónimo Gonçalves, Elementos para a História de Fam, Famalicão, 1924.*
- DRAEDM 1984 *DRAEDM, Elementos Caracterizadores da Região do Entre Douro e Minho, Porto, 1984.*
- Fonseca 1936 *FONSECA, Teotónio da, Espozende e o seu Concelho, Espozende, 1936.*
- Harbison 1967 *HARBISON, Peter, Mediterranean and Atlantic elements in the early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, Madrider Mitteilungen, 8, Madrid, 1967.*
- IGEF 1984 *Instituto de Gestão e Estruturação Fundiária Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Cadastro Vitícola da Região dos Vinhos Verdes, Espozende, Viseu, 1984.*

- Jorge 1986 JORGE, Vitor Oliveira et alii, *Menhir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende)*, Boletim Cultural de Esposende, 9/10, Esposende, 1986.
- Larcher 1948 LARCHER, Jorge, *Monografia de Fão*, Esposende, 1948.
- Lazzarini 1965 LAZZARINI, Mário, *Metrologia Romana*, Conímbriga, IV Coimbra, 1965.
- Leal 1886 LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, XI, Lisboa, 1886.
- Losa 1985 LOSA, António, *Relação da Villa de Esposende*, Boletim Cultural de Esposende, 7/8, Esposende, 1985.
- Machado 1951 MACHADO, Manuel Ayres Falcão, *Monografia do Concelho*, Esposende, 1951.
- Mayet 1975 MAYET, Françoise, *Les Céramiques a Parois Fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1975.
- Mezquirizde 1961 MEZQUIRIZ DE CATALAN, Maria Angeles, *Terra Sigillata de Catalan Hispanica*, I, Valência, 1961.
- Monteagudo 1977 MONTEAGUDO, Luis, *Die Beile auf Iberischen Halbinsel*, Munchen, 1977.
- Neiva 1987 NEIVA, Manuel Albino Penteadó, *Esposende - Breve Roteiro Histórico*, Esposende, 1987.
- Neves 1965 NEVES, L. Quintas, *Os Castros do Norte de Portugal*, Lucerna, 4, Porto, 1965.
- Oswald Pryce - 1920 OSWALD, Felix; PRYCE, T. Davies, *An Introduction to the Study of Terra Sigillata*, London, 1920.
- Paço 1937 PAÇO, Afonso do, *Páleo e Mesolítico Português*, Revista de Guimarães, 47 (1-2), Guimarães, Jun. 1937.
- Peacock Williams - 1986 PEACOCK, D.P.S.; WILLIAMS, D.F., *Amphorae and the roman economy*, Longman Archaeology Series, London, 1986.

PDM		Plano Director Municipal de Esposende
Rosário	1973	ROSARIO, A. do, <i>Falam Documentos</i> , 2-3 (31-66), Braga, 1973.
Santos et alii	1983	SANTOS, L.; ROUX, P. le; TRANOY, A., <i>Inscrições Romanas do Museu PioXII</i> , Bracara Augusta, 37, Braga, 1983.
Sarmento	1933	SARMENTO, F. Martins, <i>Dispersos</i> , Coimbra, 1933.
Silva A.C.F.	1988	SILVA, Armando C. Ferreira da, <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i> , Paços de Ferreira, 1988.
Silva E.J.L.	1990/92	SILVA, Eduardo Jorge Lopes da, <i>Primeiros Resultados da Escavação da Mamoa de Cimo de Vila</i> , Palmeira de Faro (Esposende), Boletim Cultural de Esposende, 17, Esposende, 1990/92.
Soeiro	1984	SOEIRO, Teresa, <i>Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre o Sousa e Tâmega em época romana</i> , Penafiel. Boletim Municipal de Cultura, 3. ^a S, 1, Penafiel, 1984.
	1988	SOEIRO, Teresa, <i>Necrópoles Proto-Históricas do Concelho de Esposende</i> , Actas do Colóquio de Homenagem a Manuel de Boaventura, 2, Esposende, 1988.
Sousa A.	1981/82	SOUSA, Armindo de, <i>A Cerâmica de Gandra - Esposende</i> , Portugália, 2/3, Porto, 1981/82.
Sousa M.B.	1980	SOUSA, P.e Manuel Baptista de, <i>História Religiosa de Santa Maria dos Anjos</i> , 4, Esposende, 1980.
Teixeira et alii	1969	TEIXEIRA, Carlos, et alii, <i>Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-C. Barcelos</i> , Lisboa, 1969.
Vasconcelos	1934	VASCONCELOS, J. Leite de, <i>O Castro de Belinho</i> , Arqueólogo Português, 29, Lisboa, 1934.
Vieira	1886	VIEIRA, José Augusto, <i>O Minho Pitoresco</i> , I, Lisboa, 1886.

TOPONÍMIA

Abade de Neiva	55
Agra de Antas	19,23
Agra de Cortes	49
Agra do Relógio - Antas (S. Paio)	12,19,20,24,45
Agra dos Mouros	9,26
Agrela	49
Aldeia	41
Aldeia de Baixo - Vila Chã	50
Aldeia (ribeiro)	8
Alto da Maceira - Vila Chã	7
Alto da Ponte - Antas (S. Paio)	24
Alto de Faro - Palmeira de Faro	55
Alvão - Barcelos	42
Amares (concelho)	7
Amorosa - Viana do Castelo	76
Âncora (cividade)	104
Anha (ribeiro de)	33
Antas (S. Paio)	7,8,9,12,17,19,20,21,22,23,24,25
Antas (S. Paio) - Alto da Ponte	24
Antas (S. Paio) - Bouça do Rio	23
Antas (S. Paio) - Foz do Neiva	25
Antas (S. Paio) - Igreja	22
Antas (S. Paio) - Monte	19
Apúlia	7,8,9,10,11,12,26,27,45
Apúlia (ribeiro)	9
Apúlia - Villa Menendi	26,45
Armea	104
Arribada - Vila Chã	11
Azevedo - Antas (S. Paio)	19
Bacelo - Forjães	39,40
Barbeita - Monção	81,102
Barca do Lago	8,22,37,42,50
Barcelos	35,39,41,42,55
Barcelos (concelho)	7,8,9,42,44,45,51,99
Barqueiros	9
Barreiras - Fão	12,36,37
Barros (ribeiro)	9

Belinho	7,8,9,11,25,31,34
Belinho - Antas (S. Paio)	17,35
Belinho - Cova da Bouça	31
Belinho - Igreja	34
Belinho - Lontreiras	25,32
Belinho (quinta de) - S. Paio de Antas	12,17,18,19,21,45
Belinho - Sublago	34
Betica	107
Bitarados - Vila Chã	11
Boavista (quinta da) - Belinho	34
Borreiros - Vila Chã	49
Bouça das Chaves	48
Bouça de Trás do Rio - Antas (S. Paio)	23
Bouça do Rio - Antas (S. Paio)	20,23
Bracara Augusta	51
Braga (distrito)	7
Briteiros (citânia)	102,104
Caixa de Água - Belinho	8
Calça (quinta da)	8
Cale	37
Caminha	37
Campo da Agra	49
Capitão Larcher (rua) - Fão	36
Carvalha - Antas (S. Paio)	8
Carreira Cova - Belinho	31
Castelinho	42
Castelo de Faria - Barcelos	51,55,99
Castelo de Neiva	19,24
Cávado (rio)	7,8,9,37,38,55,91
Cavaleira	36
Caveiro (ribeiro)	8
Cemintela	49
Cendufe (castro)	104
Cepães - Marinhas	9,12,45
Cerca (monte da)	50,56
Cimo de Vila - Palmeira de Faro	11,35
Citânia de Oliveira	99
Citânia de Roriz	99
Cividade de Âncora	99
Cividade de Terroso	27

Conímbriga	51,107
Cordas/Barreiras - Fão	36
Cova da Bouça (castro) - Belinho	11,31,43
Covelos - Vila Chã	50
Crastelinho	42
Crasto - Rio Tinto	12
Criaz	8
Curvos	7,8,35,46
Curvos (quinta de) - Forjães	10,40
Douro	22
Entre-Douro-e-Minho	10
Esposende	7,8,9,35,41,42,44,58
Esposende (concelho)	7,9,10,11,12,19,27,33,43,55
Esposende - Rua 1º de Dezembro	35
Estela - Póvoa de Varzim	27
Facha - Ponte de Lima	51,91
Fão	7,9,12,36
Fão - Cordas/Barreiras	36
Feitos	55
Felícia - Fonte Boa	37
Fonte Boa	8,37
Fonte Boa - Outeiro dos Picoutos	37
Fonte da Telha - Marinhas	43
Fonte de Talhoz - Antas (S. Paio)	19,20
Forjães	7,8,11,38,39
Forjães - Igreja	38
Forjães - Tresseleiros	39
Forte da Lagarteira	33
Forte do Cão	33
Foz da Ribeira de Anha	33
Foz do Neiva - Antas (S. Paio)	25
Franqueira (monte)	55
Freixo (ribeiro)	23

Gandra	7,8,11,40
Gandra - Olival	40
Gemeses	8,41,42
Gemeses - Paço	41
Gemeses - Telheira	41
Gestal- Vila Chã	50
Goios - Marinhas	9
Igreja - Antas (S. Paio)	22
Igreja - Belinho	34
Igreja - Forjães	38
Igreja - Marinhas	44,45
Igreja - Palmeira de Faro	48
Infia - Forjães	11
Lagoa Negra - Barqueiros	9,22
Lanhoso (castro)	104
Largo do Município - Esposende	35
Laundos - Póvoa de Varzim	55
Lima (rio)	25
Linhariça	48
Loutreiras - Belinho/S. Bartolomeu do Mar	9,25,26,32,34
Madorra - Forjães	8
Mamuinhas	50
Marinhas - Esposende	7,9,12,42,43,44,45,76
Marinhas - Cepães	45
Marinhas - Igreja	44
Marinhas - N.ª Sr.ª da Paz	42
Marinhas - Rio de Moínhos	43
Mérida	105
Minho	7,22
Monção (concelho)	81,102
Monte - Antas (S. Paio)	12,19,22,23,35
Monte Castro	31,43
Monte Crasto - Abade do Neiva	55
Monte Crasto - Palme	55

Monte Crasto - S. Bartolomeu do Mar	11
Monte da Cerca	50,56
Montedor	33
Monte Facho - Roriz/Oliveira	55
Monte Faro	7,8,12,17,48
Monte Guilheta	24
Monte Mozinho	104,107
Monte Sanfins	31
Mouriscos (ribeiro)	26
Município (Largo do) - Esposende	35
Neiva (rio)	7,8,11,19,20,24,25,33,34,56
Nª Srª da Assunção (castro) - Barbeita (Monção)	81,102
Nª Srª da Paz - Marinhas	42
Ofir	9,36
Olival - Gandra	40
Oliveira (citânia)	55
Outeiro - Belinho	31
Outeiro dos Picoutos - Fonte Boa	37
Outeiro - Marinhas	9,55
Outeiro (ribeiro)	9
Outeiro - Vila Chã	9
Pacinhos	49
Paço - Gandra	40
Paço - Gemeses	41
Paço Velho - Facha	51,91
Paço - Vila Chã	49
Paço - Vila Cova	44,45
Paços	49
Padaria - Curvos	35
Paderne	104
Palme	50,55
Palmeira de Faro	7,8,11,12,17,35,46,47,48,55,90
Palmeira de Faro - Igreja	48
Palmeira de Faro - Sr. dos Desamparados	46

Palmeira de Faro - Susão	47
Paredes (castro) - Apúlia	12,26
Pego (ribeiro)	47
Peneirada - Antas (S. Paio)	19,23
Península Ibérica	104,107
Peralta (ribeiro)	7,9,42,44,45,49
Pereira - Antas (S. Paio)	19,20,23
Pias (ribeiro)	8
Pinhote - Marinhas	55
Ponte de Ave	22,37
Ponte de Lima (concelho)	51,91
Portelagem - Vila Chã	11
Porto (distrito)	7
Portugal	11
Póvoa de Varzim (concelho)	7,27
Pregais (ribeiro)	8
Quinta da Boavista - Belinho	34
Quinta da Calça	8
Quinta da Seara - Palmeira de Faro	10,48
Quinta de Belinho - Antas (S. Paio)	12,17,18,19,21,45
Quinta de Curvos	10,40
Quinta de S. Claudio	10
Quinta de S. Martinho - Gandra	11
Ramalha - Apúlia	27
Rapido - Vila Chã	11,57
Rates	37
Redondas - Antas (S. Paio)	20,45
Regos - Belinho	34
Reguenga (ribeiro)	8,47,48
Rio Alto	27
Rio de Moinhos - Marinhas	42,43
Rio Tinto	8,12
Rodilhões (ribeiro)	8,41,46,47
Roriz-Oliveira	55,99
Rua 1º de Dezembro - Esposende	35

Sabroso (castro)	104
Sanfins - S. Bartolomeu do Mar	7
Sanfins (citânia) - Paços de Ferreira	99
Santa Luzia (citânia) - Viana do Castelo	99
Santa Tecla (castro)	102,104
S. Bartolomeu do Mar	7,9,11,25,31
S. Bartolomeu do Mar - Lontreiras	25,32
S. Bento (ribeiro)	9
S. Cláudio (quinta de) - Curvos	10
S. Lourenço (castro)	12,19,33,44,55,57,61,88,91,99,102,104
S. Lourenço (monte)	56,89
S. Lourenço - Vila Chã	55
S. Mamede - Feitos	55
S. Martinho (quinta de) - Gandra	11
S. Miguel de Marinhas	45
S. Paio de Antas	8,11,12,35,55
Seara - Ponte de Lima	91
Seara (quinta da) - Palmeira de Faro	10,48
Senhora da Guia	9
Senhora da Rateira	8
Senhora do Amparo	8
Senhor dos Desamparados (castro)	46
Senhor dos Desamparados (monte)	46
Senhor dos Desamparados - Palmeira de Faro	46
Serra	57
Sobalo	48
Soleimas (ribeiro)	8,19
Soutelo - Gemeses	41
Souto - Gemeses	41
Subidade de Belinho	17,21,55
Sublago - Belinho	9,33,34
Susão - Palmeira de Faro	47
Susão (vale)	48,90
Talhoz - Antas (S. Paio)	19
Telheira - Gemeses	41,42
Terroso - Palmeira de Faro	46
Terroso - Póvoa de Varzim	55
Todos-os-Paços	49
Tresseleiros - Forjães	39,40

Veiga - Fonte Boa	8
Viana do Castelo	25,37,39,44
Viana do Castelo (concelho)	7,76
Viana do Castelo (distrito)	7
Vila Chã - Esposende	7,8,9,11,47,49,50,55,57,58,88,90,98
Vila Chã - Borreiros	49
Vila Chã - Covelos	50
Vila Chã - S. Lourenço	55
Vila Cova - Barcelos	42,45,46,51
Vilarinho - Seara	91
Villa Menendi - Apúlia	12,26,45

